

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

**REPRODUÇÃO ASSISTIDA, BIOÉTICA E
DISCURSO CIENTÍFICO: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
DA REVISTA VEJA NOS ANOS 2001 E 2002**

JONILDA RIBEIRO BONFIM

BRASÍLIA
2003

JONILDA RIBEIRO BONFIM

**REPRODUÇÃO ASSISTIDA, BIOÉTICA E
DISCURSO CIENTÍFICO: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
DA REVISTA *VEJA* NOS ANOS 2001 E 2002**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau Mestre em Ciências da Saúde – área de concentração: Bioética, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Brasília – UnB.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Dirce Guilhem

Co-orientação: Prof^a. Dr^a. Dione Moura

BRASÍLIA

2003

TERMO DE APROVAÇÃO

**REPRODUÇÃO ASSISTIDA, BIOÉTICA E
DISCURSO CIENTÍFICO: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
DA REVISTA VEJA NOS ANOS 2001 E 2002**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Saúde – área de concentração: Bioética

JONILDA RIBEIRO BONFIM

do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, na Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Dirce Guilhem

Universidade de Brasília – Presidente

Prof^a. Dr^a. Elen Cristina Geraldês

Universidade Católica de Brasília – Membro titular

Prof^a. Dr^a. Débora Diniz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Membro titular

Prof^a. Dr^a. Dione Oliveira Moura

Universidade de Brasília – Membro suplente

BRASÍLIA

DEZEMBRO 2003

“Pensar nos instrumentos que se encontram na caixa de ferramentas de um operário: há um martelo, um alicate, um serrote, uma chave de parafusos, uma régua, cola, pregos e parafusos. As funções das palavras são tão diferentes como as destes objetos” (Wittgenstein, *L. Phil. Inv.*, 11).

Agradecimentos

À minha orientadora, Dirce Guilhem, pela dedicação e pela orientação.

À Prof^a. Dione Moura pela colaboração dos rumos metodológicos de jornalismo científico.

Ao Prof. Vianney pela revisão e tradução do *abstract*, ao Pedro pelas versões de textos em inglês, ao Aquino Filho pelo apoio operacional e Rosângela pela editoração.

À Ninida pela ajuda na formatação da bibliografia, Marinilda e Júnior, grandes irmãos, pelo apoio em momentos cruciais.

Ao Fábio, Edna e Ângela pelo estímulo nos momentos difíceis e aos sobrinhos que me possibilitaram a alegria nos momentos de tensão.

A todos os amigos que tiveram a paciência de me esperar e que compartilharam comigo as angústias vividas no período.

À mamãe que suportou a minha ausência durante grande parte do tempo em que me dediquei aos estudos, e por muito mais. Que as descobertas das tecnologias biomédicas descubram os rumos para a cura do mal que acomete às pessoas que, como ela, sofrem pela doença de Alzheimer.

Em memória do papai, José Bonfim, pelos primeiros apelos à ética da vida e pelo meu irmão Josivan que cedo despertou para o sentido de justiça na sociedade.

Sumário

Sumário	vi
Resumo	ix
Abstract	x
Introdução	1
Capítulo I BIOÉTICA: DERIVAÇÃO ENUNCIATIVA	5
1.1 Bioética: nos rastros da Teoria Ética e seus deslocamentos	6
1.2 Teoria dos Princípios: enunciados que empregam a mesma regularidade	9
1.3 Visão crítica aos princípios	12
1.4 Emergências sociais e morais	14
Capítulo II REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA: O CASO	18
2.1 Reprodução e mercado	21
2.2 Inseminação Artificial	22
2.3 Argumentos éticos sobre a Inseminação Artificial com esperma do marido ou de doador (IAD)	23
2.4 Fertilização <i>in Vitro</i> e transferência de embriões	25
2.5 Argumentos éticos sobre a Inseminação Artificial, Fertilização <i>in Vitro</i> e Transferência de Embriões	26
2.6 Questões normativas e legais	27
Capítulo III MUDANÇAS, TRANSFORMAÇÕES E EMERGÊNCIAS: AS CONTRADIÇÕES E OS LIMITES DA VISÃO ANTROPOCÊNTRICA DA BIOÉTICA	31
3.1 Pensamento secular	31

<u>3.2 Racionalização técnica e o corpo: conceito de biopolítica de Foucault</u>	35
<u>3.3 O cientista e o político</u>	38
<u>3.3.1 Ciência e técnica</u>	38
<u>3.4 Ética da responsabilidade</u>	40
<u>3.5 O papel da mídia como sustentadora de um sentido de responsabilidade</u>	41
<u>3.6 Ciência e técnica pelos teóricos da comunicação</u>	43
<u>Capítulo IV</u> <u>O DISCURSO CIENTÍFICO</u>	45
<u>4.1 Jornalismo científico</u>	45
<u>4.2 Papel do jornalismo científico</u>	48
<u>4.3 Noção metaforizada da informação</u>	49
<u>4.4 Processos de comunicação</u>	51
<u>4.5 Desenvolvimento sobre a Análise de Discurso</u>	53
<u>Capítulo V</u> <u>METODOLOGIA DE PESQUISA</u>	54
<u>5.1 Seleção dos textos</u>	57
<u>5.2 O Caminho Percorrido</u>	59
<u>5.3 Procedimentos</u>	60
<u>Capítulo VI</u> <u>DESVELANDO O DISCURSO SOBRE A REPRODUÇÃO</u> <u>ASSISTIDA NA MÍDIA</u>	64
<u>6.1 Leitura das séries discursivas identificadas nas matérias de 2001</u>	65
<u>6.2 Leitura enunciativa dos textos de 2001</u>	79
<u>6.3 Leitura das séries discursivas das matérias de 2002</u>	95
<u>6.4 Leitura enunciativa das matérias de 2002</u>	101
<u>Capítulo VII</u> <u>ANÁLISES E DEMONSTRAÇÕES</u>	111
<u>7.1 A Reprodução Assistida nos anos 2001 e 2002 e suas relações com os temas</u> <u>da Bioética</u>	111

<u>7.1.1 A Reprodução Assistida: identificação e persistência de temas</u>	111
<u>7.1.2 A família no contexto das técnicas de Reprodução Assistida</u>	112
<u>7.1.3 A homossexualidade</u>	113
<u>7.1.4 Herança familiar e herança financeira</u>	114
<u>7.1.5 Linhagem: Étnico e raciais</u>	115
<u>7.1.6 Possibilidade de iatrogenia</u>	116
<u>7.1.7 Campanhas</u>	117
<u>7.1.8 Poder e governabilidade: ético normativo e jurisprudência</u>	118
<u>7.2 Estratégias discursivas empregadas nos enunciados de Reprodução Assistida</u> ..	120
<u>7.2.1 Tecnologia como deusa</u>	120
<u>7.2.2 Regionalização/Brasil <i>versus</i> outros países</u>	121
<u>7.2.3 Casos insólitos</u>	122
<u>7.2.4 Relação Assimétrica: o discurso de mercado</u>	123
<u>7.2.5 Aspectos econômicos envolvidos na Reprodução Assistida</u>	126
<u>7.3 Conjunto de tradições: a tradução dos enunciados científicos</u>	127
<u>7.3.1 Credencial da fonte e as reiteraões como lembranças das credenciais de especialistas</u>	127
<u>7.3.2 Referência institucional</u>	129
<u>7.3.3 Discursos que procuram ser didáticos e explicativos por comparações com outras simbologias</u>	130
<u>7.3.4 Aquelas que fazem alusão ao papel da informação científica</u>	133
<u>7.4 Discussão</u>	134
<u>7.4.1 Os silêncios subjacentes aos textos</u>	136
<u>Considerações finais</u>	138
<u>Referências bibliográficas</u>	142
<u>ANEXOS</u>	148

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar as estratégias discursivas sobre Reprodução Humana Assistida, presentes nos textos da revista *Veja*, nos anos 2001 e 2002. Sob a perspectiva de discurso de Michel Foucault, a análise de discurso aqui desenvolvida foi operacionalizada por meio de duas técnicas: análise das séries discursivas e análise enunciativa. Descreve a derivação enunciativa da Bioética, onde as discussões de Reprodução Assistida se fazem presentes, sob a abordagem da teoria Ética, cuja regularidade sobrepõe o aspecto ético-normativo. A pesquisa identifica nos textos de Reprodução Assistida, estratégias discursivas que circulam e se relacionam com a publicidade, com temas étnicos-raciais, clínico-médico, ético-normativo, interesses e serviços, campanha e família. Estas séries discursivas fazem parte das reflexões sobre reprodução assistida que estão entre as preocupações da Bioética. A análise enunciativa dos textos identifica como os mecanismos das estratégias discursivas lançam em praça pública o discurso científico, com seus modos de tradução, suas retóricas para facilitar o entendimento do leitor leigo, como também para atender a interesses inerentes ao próprio processo produtivo do jornalismo. As estratégias discursivas se articulam com o campo científico, mas mantém relativa autonomia discursiva. A dissertação quer contribuir nas discussões da Bioética, de modo que a mídia seja entendida como instância de mediação entre o pensar e o agir da ciência e a existência social.

Palavras-chaves: Bioética, Reprodução Humana Assistida, Discurso Científico, Jornalismo Científico, Estratégias Discursivas.

Abstract

This dissertation focus on discourse strategies about Assisted Human Reproduction, as they appear in *Veja* magazine during the years 2001 and 2002. Discourse analysis, as it is worked out here, is based on Foucault's conceptions and it employs two techniques: discourse series analysis and enunciation analysis. The dissertation describes derivations of enunciation stemming from Bioethics, considering that its regularity prevails on the normative aspect. As the research points out, those reports about assisted reproduction develop series of discourse which pass through and are related with advertising and topics such as ethnicity, race, medical-clinical procedures, Ethics, regulations, interests, campaigns and family. Those series of discourse take part on reflections about assisted reproduction that are among the concerns of Bioethics. The enunciation of the reports describe how those discourses are made public with arrangements that favours comprehension by lay readers, being also adapted to the interests of journalistic production. Journalistic discourse strategies, as the analysis reveals, has some relation with the discourse of Science, but it also bears certain autonomy. This dissertation aims to contribute with studies on Bioethics, so that the media can be considered a set of institutions of mediation between the thought and action of Science and social life.

Key words: Bioethics, Assisted Human Reproduction, Cientific Discourse, Cientific Jornalism, Discourse Strategies.

Introdução

Assiste-se no início deste século importantes transformações científico-tecnológicas no campo biomédico. As inovações decorrentes da Biologia, da Medicina e da Engenharia Genética trouxeram não apenas novos rumos para pensar o existir humano como também questionamentos sobre os limites dessas intervenções e a sua conseqüente utilização. A Reprodução Humana tecnicamente Assistida desperta discussões por parte de pesquisadores, médicos, políticos, juristas e de pensadores do campo filosófico. Se por um lado trouxe soluções para o problema da infertilidade e tem sido importante no tratamento e na prevenção de defeitos genéticos, por outro, a sua aplicação tem manifestado posições contrárias relacionadas às orientações éticas nela envolvidas.

O destino humano, ao passo que vem sendo orientado por essas tecnologias, pede orientações e reflexões. O que era convencionado enquanto lugar e tempo do nascer e morrer, adquiriu novos contornos, tanto técnicos quanto morais. Formados os paradoxos, voltam a cena as discussões éticas, que por algum tempo tiveram seu nível de importância reduzido.

A maternidade como algo decorrentes de condições naturais adquiriu novo lugar, nova forma. O corpo como único local da reprodução em todas as suas etapas, tomou dimensões novas – o laboratório tornou-se a extensão para produzir e oferecer condições para o nascer. A brevidade ou longevidade de nascer ou morrer tomaram uma dimensão não somente natural no caminho do homem. Postergar ou abreviar condições para o nascer ou o morrer tornou-se uma questão da ciência e de seu poder em interferir no processo natural.

Novas situações parecem banir valores seculares de conduta humana, do fazer e do existir. O processo da reprodução e as suas formas ganharam uma condição antes limitada. Hoje as tecnologias reprodutivas prometem opções de como será a forma de reprodução, o que trouxe questionamentos sobre de que maneira tais opções ou escolhas

devem ser encaradas eticamente. Os sujeitos envolvidos, a despeito desse processo, antes restrito ao campo privado dos pais, alargaram-se. Tornou-se questão pública e de responsabilidade mais abrangentes. Nesses processos, permeia o setor público, com o Estado em seu papel disciplinador e mantenedor, e o setor privado, por meio das corporações médicas em suas atuações comerciais e de operação na aplicação do conhecimento e das práticas da reprodução.

Questões como essas reverberam nos diversos campos da sociedade e fazem emergir reflexões que possam mediar conflitos. A exemplo de outros temas de natureza conflituosa das moralidades, como o aborto, a eutanásia, a questão dos transplantes, a Reprodução Assistida entrou para o leque de situações abordadas pela Bioética. Embora seja um campo relativamente novo — nascida nos Estados Unidos entre o final dos anos 1960 e o começo dos anos de 1970 — a Bioética ocupa-se de uma gama de problemáticas no campo da saúde e da vida das pessoas. Por tantos dilemas esse Saber é berço de posições morais opostas, que se entrecruzam e, muitas vezes, são inconciliáveis.

Esses fatos, porém, têm enriquecido os debates da Bioética uma vez que diferentes áreas do conhecimento, além da Biologia e da Medicina, puderam contribuir com suas interferências, levando-a para níveis de debate mais ampliados. A presença constante dos assuntos de Reprodução Assistida na mídia demonstra como o assunto tem sido incorporado ao cotidiano das pessoas, sendo, portanto, mais um foco de preocupação dos bioeticistas.

O presente trabalho procura contribuir com as reflexões no sentido de apresentar a natureza dos discursos de mídia sobre Reprodução Assistida, buscando apresentar as estratégias discursivas presentes no jornalismo de periodicidade semanal, da Revista *Veja*. Na análise de dois anos – 2001 e 2002 – este trabalho pretende apresentar as estratégias discursivas envolvendo o discurso científico e a sua popularização.

Este trabalho, porém, não pretende indicar uma ou outra estratégia discursiva como a mais certa ou mais neutra ou ainda a melhor indicada. Pretende, sim, demonstrar modalidades presentes no universo do discurso de mídia, cuja realidade é uma referência para a sua construção.

As reflexões e a pesquisa aqui desenvolvidas partem do problema de que o discurso do jornalismo científico atende a condições específicas de produção, sofre interferência do próprio enunciador jornalista, constrói-se a partir de vestígios de outros textos pré-existentes, além de se articular com o campo científico enquanto portador de saberes, mas mantém uma relativa autonomia por seus modos de estruturação e forma de funcionamento. Ao ser construído e emitido, o discurso atende a diversas vozes, portanto, o produto dessas enunciações apresenta-se heterogêneo.

O objetivo da dissertação é identificar e avaliar as estratégias discursivas presentes nos discursos da Revista Veja, nos anos 2001 e 2002. O trabalho está dividido em duas grandes partes, sendo a primeira auxiliar para conhecer o universo em estudo. O Capítulo I apresenta o histórico descritivo da Bioética enquanto *saber* que se situa no campo de teorias éticas, cujos debates surgem e se apóiam em duas principais dimensões – como estudo teórico e como instrumento de prática para análise e solução de conflitos. São referenciados os principais momentos de constituição da Bioética, enquanto um campo de estudo e como movimento social, passando a integrar os aspectos médicos como ética aplicada. O capítulo apresenta também a teoria dos princípios, as discussões surgidas nesse âmbito, as críticas, bem como as emergências sociais que possibilitaram o surgimento da Bioética. Buscou-se ainda fazer uma associação sobre as percepções relativas ao discurso, identificadas no trabalho de Foucault. Foram elaboradas correlações de alguns desses momentos presentes nas proposições do autor entre saber e poder, tendo como base a abordagem genealógica do autor.

O Capítulo II traça um panorama a respeito das Técnicas de Reprodução Humana Assistida, a relação surgida a partir de teorias éticas, levando-se em conta as derivações normativas desta para as práticas no campo da Reprodução Assistida; o aspecto legal considerado no Brasil em relação ao emprego das técnicas de Reprodução Assistida (RA) e ainda as relações de intertextualidade surgida na prática discursiva da Bioética. A descrição de conceitos e das descobertas ocorridas nos discursos de RA foi feita mediante percepções sobre o discurso identificado no trabalho de Foucault de seus estudos arqueológicos e, que em alguns pontos, emergem de seu trabalho genealógico.

O Capítulo III traz a abordagem sob o ponto de vista do filósofo Tristram Engelhardt, por suas críticas sobre o limite da visão antropocêntrica diante da pluralidade moral da sociedade contemporânea. São feitas considerações sobre a técnica, em que se utiliza o conceito de biopolítica, de Foucault. Além de situar reflexões sobre a Ética da responsabilidade, proposta por Hans Jonas, estendendo a mesma reflexão para a responsabilidade das mídias.

O Capítulo IV apresenta como os enunciados que partem da esfera científica são difundidos para a sociedade a partir dos processos de difusão e disseminação. São feitas considerações e definições do discurso científico, sendo o jornalismo considerado um mediador desses saberes de instituições científicas para a esfera do espaço público; como campo de poder de trocas simbólicas e a sua reverberação no meio social.

O Capítulo V é dedicado a apresentação da metodologia, sua aplicação e as escolhas das técnicas, de modo a situar de que forma o discurso jornalístico organiza as vozes do campo dos enunciados científicos que tratam da Reprodução Assistida, como reelabora os discursos e os faz circular. E o VI capítulo apresenta as leituras das séries discursivas e enunciativas de cada matéria analisada, bem como a identificação das modalidades e dos indicadores enunciativos. O Capítulo VII traz a demonstração, avaliação dos resultados e a discussão. Nas considerações finais, o estudo identifica que os discurso de mídia, por meio de estratégias discursivas, se apropriam da cientificidade dos saberes, transformando-os em um jogo de significações prévias, tornando-lhes oportuno e atualizando-os a partir do fato do momento. Essas estratégias discursivas apostam também em uma espécie de leitor modelo capaz de interpretar e participar dos textos com o enunciador.

Capítulo I

BIOÉTICA: DERIVAÇÃO ENUNCIATIVA

A apresentação dos componentes históricos descritivos das regularidades enunciativas que constituem a Bioética, aqui demonstradas, está sendo considerada à luz dos estudos arqueológicos de Foucault, em uma de suas fases¹. De acordo com Fairclough (2001, p. 62) Foucault preocupou-se com as práticas discursivas como constitutivas do conhecimento e, ainda, com as condições de transformação do conhecimento em uma ciência, associadas a uma formação discursiva.

De acordo com essa perspectiva, buscou-se tratar a Bioética sob os domínios de conhecimento que são constituídos por regras. Nesse sentido, as principais percepções sobre o discurso, identificadas no trabalho de Foucault, levaram a interpretação de que a Bioética identifica-se não como ciência, mas como um *saber*. A análise da *positividade* da Bioética tem como base mostrar quais as regras que uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos e séries de escolhas teóricas (FOUCAULT, 2002, p. 205). Mediante essas condições *a priori*, a Bioética passará a ser tratada nesta dissertação como saber constituído por uma prática discursiva.

Essa assertiva pôde ser efetuada, tomando-se como ponto de partida a caracterização de *saber*, apresentada por Foucault:

“Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (...) um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa o discurso (...) um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se

1. De acordo com FAIRCLOUGH, há mudança de ênfase nos trabalhos de Foucault: em seu trabalho arqueológico inicial, o foco era nos tipos de discursos, em seus últimos estudos genealógicos, a ênfase mudou para as relações entre conhecimento e poder. Neste trabalho, o discurso está sendo estudado a partir da obra *A Arqueologia do Saber*.

transformam (...); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso.” (Foucault, 2002, p. 207)

Identificou-se a Bioética por tal *status* por considerar que a mesma reúne elementos como uma prática discursiva, formados de maneira regular e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de ainda não ter todos os requisitos e ainda por ser um campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam. As considerações a seguir conjugam um conjunto de elementos que se configuram com tais características.

1.1 Bioética: nos rastros da Teoria Ética e seus deslocamentos

Talvez a definição de Bioética mais aceita e difundida por todas as suas correntes teóricas seja aquela apresentada na *Encyclopedia of Bioethics*, organizada por Warren T. Reich em sua primeira edição que data de 1978 e na segunda de 1995. O autor conceitua a Bioética como: “O estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e da saúde, examinada à luz dos valores e dos princípios morais” (REICH, 1995, p. 2767-2773).

Por estar associada ao arcabouço das grandes teorias éticas – desde os princípios da tradição hipocrática, do utilitarismo e da universalização – a Bioética pode permitir divergências em sua interpretação. Por ter em sua base o princípio do respeito à vida, este *saber* comporta um conceito bastante arraigado às origens religiosas, incluído também no plano empírico de aplicação. Este, por sua vez, quando utilizado na prática médica, rejeita uma identificação com o princípio da sacralidade da vida. Essas contradições fazem desse saber um campo minado de ideologias e dogmas, que, desde a origem do neologismo, ocasiona discussões e interpretações de diversas ordens. Apesar das divergências, as primeiras referências ao termo continuam sendo aceitas como a base para o seu surgimento.

A obra *Bioethics: Bridge to the Future*, do oncologista norte-americano Van Rensselaer Potter, publicada em 1971², é reconhecida pelos estudiosos como um marco importante para Bioética. Embora hoje possa ser contestada a paternidade de Potter sobre o termo, o cancerologista continua sendo referência fundamental para a história da

disciplina. No contexto em que o autor passou a utilizar o termo, suas preocupações estavam voltadas para a sobrevivência ecológica do planeta e para a democratização do conhecimento científico. De acordo com Pessini (2001, p.150) nos anos 1970/71, Potter cunha o neologismo “bioethics” utilizando-o em dois escritos:

“Primeiramente, num artigo intitulado Bioethics, science of survival, publicado em *Persp. Biol. Méd* 12:27-153, em 1970, e em 1971 no livro *Bioethics: bridge to the future*, editado por Englewood Cliffs: Prentice-Hall – publicação que Potter dedicou a Aldo Leopold, renomado professor na Universidade de Wisconsin que pioneiramente começou a discutir uma ‘Ética da terra’”.

Para Pessini, Potter almejava criar uma nova disciplina que desencadeasse uma verdadeira dinâmica de interação entre o ser humano e o meio ambiente. Por seu turno, os primeiros deslocamentos ocorridos a partir da obra de Potter apontam para o surgimento de hierarquias internas nesse saber, no que se refere às regularidades enunciativas acerca da própria formação dos objetos da bioética. Como afirma Foucault:

“Todo o campo enunciativo é, ao mesmo tempo, regular e vigilante: é insone; o menor enunciado – o mais discreto ou banal – coloca em prática todo jogo de regras segundo as quais são formados seu objeto, sua modalidade, os conceitos que utiliza e a estratégia de que faz parte. As regras jamais se apresentam nas formulações; atravessam-nas e constituem para elas um espaço de coexistência; não podemos, pois, encontrar o enunciado singular que as articularia” (FOUCAULT, 2002, p. 168).

Essa dinâmica também pode ser percebida no desenvolvimento posterior da área, que apontam desde o período de seu reconhecimento acadêmico como campo disciplinar até passar a integrar os aspectos médicos como ética aplicada. Essa ponte, não exatamente a vislumbrada por Potter, ocorreu na Universidade de Georgetown, em Washington, quando André Hellengers teria utilizado institucionalmente o conceito da forma como ainda hoje é conhecido. Ou seja, a Bioética emerge como campo de estudo e como movimento social, passando a integrar os aspectos médicos como ética aplicada. Naquele mesmo período, um instituto chamado *Joseph and Rose Kennedy Institute for the Study of Human Reproduction and Bioethics* foi fundado na Universidade de Georgetown. Mais tarde esse instituto torna-se *Kennedy Institute of Ethics*³.

2. (POTTER, 1971, p. 205)

3. (LOLAS, 1999, p. 13)

Em relação ao desenvolvimento posterior da bioética, a obra de Potter é bastante referenciada pelo fato de seus artigos, que originaram a obra *Bridge to the future*, apontarem para a necessidade de que a ética humana não estivesse afastada da ecologia em um sentido amplo. Apontava que os valores éticos não podiam estar separados de fatos biológicos, de modo que os destinos dos indivíduos não estivessem nas mãos de cientistas, engenheiros, tecnólogos e políticos que esqueceram ou que nunca souberam as verdades elementares (DINIZ e GUILHEM, 2002, p.11).

As considerações que partiram de Potter e por conseguinte de André Hellengers, de que a Bioética seria um tipo de ética aplicada à Medicina e a Biologia, continuaram sofrendo deslocamentos. A partir 1974 a Bioética situava-se como campo de aplicação de um modelo teórico-metodológico baseado em princípios. Nessa época o Governo dos Estados Unidos, constituiu a *National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research*, cuja criação estabeleceria mais tarde, em 1978, por meio do Relatório Belmont, a identificação de três princípios fundamentais que deveriam ser utilizados para a implementação de pesquisas biomédicas e comportamentais, quais sejam: respeito pelas pessoas (autonomia); a beneficência e a justiça. Esses princípios colocaram em prática o tradicionalismo da ética médica⁴.

Ao publicarem o livro *Principles of Biomedical Ethics*, em 1979, abordando naquele momento quatro princípios, Tom L. Beauchamp, membro da Comissão criada em 1974, e James F. Childress traçaram definitivamente a nova formatação teórico-metodológica que deveria ser utilizada e aplicada no momento de se avaliar conflitos morais envolvidos nas práticas biomédicas. Os princípios: autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça eram a personificação das tradições morais do ocidente e ganharam uma formatação prática instrumental dos estudos de ética aplicada nas áreas de Medicina e Biologia.

O livro *Problemas Morais em Medicina*, datado de 1976, organizado pelo filósofo Samuel Gorovitz, e precursor de uma série de estudos que correlacionavam os

4. NATIONAL COMMISSION FOR THE PROTECTION OF HUMAN SUBJECTS OF BIOMEDICAL AND BEHAVIORAL RESEARCH (USA). The Belmont report: ethical principles and guidelines for the protection of the human subjects of research. In: REICH, Warren Thomas (Org.). *Encyclopedia of bioethics*. New York: Mac Millan, 1995, p. 2767-2773.

estudos éticos às situações médicas conflituosas – a exemplo do aborto e a eutanásia –, também é destacado por Diniz e Guilhem, como um dos marcos iniciais da inserção acadêmica da bioética, exatamente por apresentar uma ruptura com o tradicionalismo utilizado na ética médica. Dentre os autores que compunham a coletânea, estavam as filósofas Ruth Macklin e Susan Sherwin, que na década de 90 tornaram-se referência para os estudos da Bioética de Inspiração Feminista (DINIZ e GUILHEM, 2002, p. 23).

A análise desses fatos à luz das considerações apresentadas por Foucault⁵, permite visualizar nas orientações iniciais da Bioética o delineamento de uma aceitação mais ampla em relação à pluralidade de opiniões e ao pluralismo moral da sociedade. Mesmo sendo considerado um posicionamento avançado, esta concepção foi implantada claramente a partir de orientações ideológicas:

“Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjugar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2001, p. 08).

Essa citação de Foucault é oriunda de um de seus trabalhos arqueológicos iniciais, cujo foco estava direcionado aos tipos de discurso como regras para a constituição de áreas de conhecimento. Ao utilizá-lo para uma análise dos elementos constitutivos da Bioética, pode-se ver perfilar um discurso não tão transparente e neutro, mas que exerce seus poderes em virtude do lugar que ocupa. Lugar acadêmico e no sistema de difusão científica, como em livros e universidades.

1.2 Teoria dos Princípios: enunciados que empregam a mesma regularidade

Ultrapassadas as primeiras revisões terminológicas, é possível dizer que os princípios são hoje aceitos da seguinte forma: o da *autonomia* sugere que o pré-requisito para o exercício das moralidades seria a existência de uma pessoa autônoma, sendo necessário considerar a competência e a liberdade individuais. De acordo com DINIZ e GUILHEM (2002, p. 29), “O princípio da autonomia baseia-se nos pressupostos de

5. Texto considerado de ligação entre suas obras, datadas dos anos 60, como: História da Loucura, As palavras e as Coisas, A arqueologia do Saber, centradas predominantemente na análise das condições de possibilidade das ciências humanas, e outras que se seguiram a maio de 68 (permeia a relação entre as práticas discursivas e os poderes).

que a sociedade democrática e a igualdade de condições entre os indivíduos são os pré-requisitos para que as diferentes morais possam existir”. Em sua aplicação prática, o princípio da autonomia está representado pelo *consentimento informado*, e pelas análises das relações profissional-paciente, denominado *paternalismo*, que passaram a ser um recurso para o estudo da Bioética.

O princípio da *não-maleficência* vem sendo contestado na prática biomédica por ser considerado um princípio negativo, em sua relação com o princípio da beneficência – que na deontologia profissional médica carrega uma tradição proveniente do juramento hipocrático. O princípio da *justiça*, que guarda certa tradição de uso em outras áreas, tem sua aplicação na Bioética, mas também é objeto de críticas. Pela sua inserção no campo de análise para as questões de coletividade e de movimentos sociais organizados, o princípio da justiça adquiriu maior importância na Bioética dos anos 90, mas ainda levanta discussões, muito embora em menor dimensão que os outros princípios.

Como apresentado anteriormente, desde que a Bioética começou a se perfilar como *saber*, permite no decorrer de sua história a presença de deslocamentos conceituais e filosóficos, de modo a se adequar às diversas interpretações apresentadas em torno dos objetos de análises. Isso pode ser observado quando se analisam os diferentes períodos de estudo e, ainda, quando se toma como referência as demandas provenientes do âmbito acadêmico e institucional.

A localização da Bioética, um saber apoiado no campo das teorias éticas, permitiu visualizar as discordâncias que passaram a habitar as críticas direcionadas a Bioética Principlista. Porém, antes dessas colocações, convém apresentar algumas breves considerações acerca da Ética em suas dimensões: 1. da individualidade; 2. do caráter social; 3. como ciência teórica e prática, que tem como objetivo formal o estudo da moralidade dos atos humanos, apresentando-se como ciência normativa, que tem como fonte à razão humana e que *apóia seu fim último na honestidade* (GOMES, 1997, p. 70)⁶.

6. Gomes apresenta essas notas sobre Ética fazendo referência à ética jornalística, com base nos estudos de A. Porfírio, intitulado *Ética de los Medios de Comunicación*. In: vários. *Introducción a los Medios de Comunicación*. Madrid: Paulinas, 1990.

De acordo com Gomes, quando se pensa em uma caracterização de Ética, aparece em primeiro plano a dimensão da individualidade. Isso se deve ao fato de que a ordem da moralidade radica na condição de ser pessoa que é inerente ao ser humano. Ou seja, dotado de liberdade, vontade, conhecimento e responsabilidade. Nesses termos, a Ética apela para a *consciência individual* (norma subjetiva) e para a *norma objetiva do comportamento* (a lei), passando as duas realidades, então, a ser o objeto de estudo da Ética.

Além disso, ao tomar como referência o caráter social, a Ética situa-se como teoria ou como ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, já que favorece a reflexão sobre valores reais e subjacentes presentes nesses comportamentos. No que se refere à terceira característica, a Ética é uma ciência porque é um conhecimento prático de caráter universal, expondo e fundamentando cientificamente princípios universais sobre a moralidade dos atos humanos. Enquanto ciência prática, aplicaria então seus saberes às ações humanas. A Ética, portanto, ocupa-se da conduta livre do homem, proporcionando-lhe normas necessárias para bem agir. O estatuto de ciência prática, porém, não a abstém de ser, também, uma ciência teórica ou especulativa, já que seu objeto formal é constituído pela moralidade dos atos humanos, de acordo com a conformidade ou desconformidade com os valores morais. De todas essas condições, a definição de Ética como normatividade tem sido a que mais se acentua na Bioética. É justamente nessa dimensão que se vincula a deontologia:

“Aos deveres expressos em normas codificadas, a cujo cumprimento estrito se comprometem instituições (...), em virtude de determinadas opções valorativas éticas e em ordem à realização de suas atividades específicas. A deontologia se diferencia do Direito (isto é, do jurídico e de tudo o que corresponde às leis) enquanto este se refere ao foro externo da regulamentação e sanção do comportamento social, enquanto que o deontológico faz referência ao foro interno (isto é, se estabelece desde o interior das agremiações, associações ou instituições, e apela à consciência moral e à lealdade daqueles que as integram)” (GOMES, 1997, p. 71).

O propósito de destacar a conceituação de deontologia ocorreu apenas com o intuito de demonstrar o quanto à tradição da ética médica foi absorvida pela Teoria dos Princípios. E não somente a deontologia, mas também as demais correntes da Teoria Ética, o que se deve ao fato de que seu objeto de análise requer um caráter que possibilite aplicabilidade que possibilite resolver os conflitos morais que se apresentam. Tais princípios remetem, portanto, tanto ao domínio da subjetividade como ao campo da

objetividade, que estão conjugados nas normas da tradição ocidental e que foram originadas a partir das grandes teorias éticas.

De acordo com DINIZ e GUILHEM (2001, p. 16), os próprios autores da primeira edição de *Princípios da Ética Biomédica*, o filósofo Tom Beauchamp e o teólogo James Childress sugerem que a Teoria dos Princípios teria assumido como orientação básica os modelos da Ética Utilitarista, inspirada no pensamento dos filósofos David Hume, Jeremy Bentham e John Stuart Mill e ainda na deontologia baseada em Kant, e também inspirada em Aristóteles.

Desde que o Relatório Belmont articulava os princípios como base para julgamento de conflitos morais, sua orientação passa ao campo das *apropriações sociais* definindo neste *saber* um sistema formal para avaliação dos conflitos⁷. Assim, os saberes e poderes na Bioética passaram a ser exercidos sob a égide do Princípioalismo, o que foi apropriado pelo próprio sistema de ensino (artigos, inserção da disciplina em universidades) transformando-se em uma política que por cerca de três décadas manteve-se hegemônica, mas que vem sendo constantemente modificada. A inserção desses princípios também orientou as vertentes reguladoras estabelecidas em organismos internacionais, os acordos entre países e as instituições que normatizam a natureza a ser seguida nas pesquisas científicas, aí situadas as pesquisas e práticas no campo das tecnologias da reprodução humana.

1.3 Visão crítica aos princípios

A percepção de que era necessário rever a Teoria dos Princípios não partiu apenas de autores contemporâneos ou por correntes opostas ao Princípioalismo. Como apontam Diniz e Guilhem, partiram dos próprios autores que lhe propagaram, verificado na quarta edição da obra publicada em 1994. Nas palavras das autoras: “Para Ezekiel Emanuel, resenhista da última edição do livro, fica evidente quanto os autores rejeitaram o modelo original da teoria principialista, sendo oferecida uma compreensão

7. Para FOUCAULT, a apropriação social estaria nos grandes planos do discurso, na ordem da doutrina, que liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe de outros. “A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam” (2001, p. 43).

diferente e até mesmo mais adequada da teoria dos quatro princípios” (DINIZ E GILHEM, 2002, p. 26).

A publicação de *Princípios da Ética Biomédica*, de Beauchamp e Childress, ao inserir o princípio da *não-maleficência* e ao substituir o princípio de respeito às pessoas por *autonomia*, já apresentava uma alteração dos rumos iniciais dispostos no Relatório Belmont e na Bioética dos anos 70. Esta primeira crítica observava que o princípio do respeito à autonomia e o princípio de proteção e segurança das pessoas não eram independentes e se confundiam com um único princípio, daí sua revisão. Estes, foram transformados em princípio de respeito à autonomia e de não-maleficência, passando a associar-se à idéia de respeito à autonomia das pessoas e também pela proteção e segurança de seus interesses, mesmo em situação de vulnerabilidade física ou social. Pelos próprios autores que transformaram as denominações, a diferença alterou a proposta filosófica do Relatório Belmont originalmente desenvolvida.

De um modo geral, a Teoria dos Princípios recebeu críticas mais amplas por estar dirigida às relações mais próximas, envolvendo médico-paciente. Tais considerações, acerca do tipo ideal de indivíduos, foram feitas nos anos 80 por críticos ao principialismo, que levaram em conta, além de outros aspectos, o fato de que os contextos de desigualdade e de liberdade foram desprezados pela teoria. A contestação dirige-se ao suposto espírito transcultural da teoria principialista, que defendia os valores éticos como única mão para a humanidade. “E foi exatamente essa falência universalista da teoria principialista a segunda grande crítica que os teóricos da fase pós-principialista apontaram” (DINIZ e GUILHEM, 2002, p. 33). Os anos 90 marcaram para a Bioética, uma guinada teórica para o Principialismo.

Na crítica discute-se, por exemplo, a validade dessa ordem de princípios em todos os países e comunidades. Questiona-se, por exemplo, se podem ser aplicados os mesmos princípios, com o seu mesmo formulário padrão, para todos os povos, independentemente de seu estado de vulnerabilidade econômica ou social. Os princípios da justiça e da autonomia, terão a mesma validade em países diferentes socialmente? Os mesmos princípios, postos em questão nos Estados Unidos, terão mesma validade no Brasil? Seu conteúdo discursivo, que, por si só, possui os jogos metafóricos para atender

a determinados padrões sociais, terá mesma validade para aplicar em um contexto de países periféricos?

Apesar da validade da referida teoria dentro da Bioética, é importante ressaltar que novos momentos requisitaram outros contornos para se pensar em sua validade. Percebe-se, portanto, que dentre os enunciados presentes no campo da Bioética, há relações de dependência e até paralelismos. No entanto, segundo Foucault, à existência de um certo número de contradições constitui a própria lei de existência do enunciado, funcionando como princípio de sua historicidade.

1.4 Emergências sociais e morais

É importante situar na descrição as emergências sociais e morais que motivaram reflexões no campo da Ética e na sua derivação para o agir bioético. A bibliografia da área aponta a ocorrência de emergências históricas originadas nas duas guerras mundiais, a existência de experiências científicas que provocaram indignação nos campos de concentração nazistas e, ainda, a repercussão social ocasionada pela divulgação de relatórios e tratados denunciando maus-tratos nas práticas médicas em relação aos seres humanos. As condições tecnológicas e científicas vividas a partir da quinta década do século XX são outros fatores que confluem em um momento de crise da concepção de progresso da ciência, vista, então, como a única via para a sobrevivência do planeta.

Para Simone Scholze⁸, a “revolução biológica”, desencadeada pela descoberta da estrutura do DNA, por Crick e Watson, 1953, teria “desvendado as leis que presidem a vida e criou condições para o vertiginoso movimento de inovação tecnológica que se seguiu na área das ciências da vida, especialmente na pesquisa em saúde humana” (SCHOLZE, 2001, p. 193-195). Não somente tal emergência, segundo a autora, teria revigorado discussões no nível sócio-político quanto aos questionamentos da ciência, mas a ocorrência do movimento dos direitos humanos nos Estados Unidos e a luta pelo fim das discriminações racial e sexual, sobretudo, durante as décadas de 1960 e 1970.

8. SCHOLZE apresenta uma vertente crítica da ciência e da tecnologia. Segundo a autora, a ciência e a tecnologia devem se submeter ao crivo de novos parâmetros ambientais, políticos, sociais, jurídicos, culturais e éticos. SCHOLZE, C. H. Simone. *Patentes, transgênicos e clonagem*. Brasília: Ed. UnB, 2002.

“A partir das décadas de 1960 e 1970, verificou-se uma dupla tomada de consciência com respeito à bioética e às questões que integram sua esfera de preocupações”. A autora afirma que tanto os teólogos, que não se “enclausuraram” em uma abordagem estritamente religiosa, quanto os profissionais das áreas afetas e um conjunto de cidadãos “perceberam as respectivas implicações nas questões discutidas e passaram a buscar uma linguagem comum, válida para todos, sem distinção ideológica ou religiosa”. Teria havido então, a possibilidade de abordagens pluralistas e de diálogo centrado em um plano racional e humano, cuja característica teria se firmado nos tempos atuais. “Assim é que o debate bioético apresenta-se hoje como secular, interdisciplinar, prospectivo, global e sistêmico” (SCHOLZE, 2001, p. 195).

Esse caráter pluralista tem sido o motivo que permite envolver cada vez maior número de colaboradores e reflexões de diferentes áreas do conhecimento, bem como membros da coletividade. Hoje, além de cientistas, médicos, assistentes sociais, também filósofos, juristas, outros especialistas e o governo buscam o *saber* como campo de reflexão e de execução de políticas públicas, sem, no entanto, rejeitar pontos de vista que remetem às crenças religiosas.

Como citado anteriormente, alguns acontecimentos mundiais importantes decorrentes das emergências sociais surgidas entre as décadas de 60 e 70 tiveram um papel importante na configuração da Bioética. Os dois aspectos apresentados: os debates sobre as violações éticas nos campos da Medicina e da Biologia e a mobilização da opinião pública manifestando-se contra o mau uso das pesquisas científicas, trouxeram à tona a imprensa como uma instituição intermediária entre a produção científica e a sociedade.

De acordo MOURA (2001, p. 48)⁹, ao se perceber a imprensa como uma instituição imbuída de poder simbólico e o próprio campo científico como um campo de disputa, é preciso amadurecer a leitura que se realiza sobre o papel da imprensa como intermediária neutra entre a produção científica e a sociedade.

A própria história da Bioética constitui-se a partir da disseminação de informação em importantes coberturas de temas científicos na imprensa leiga, por um lado, e pela difusão de informação científica por seus pares, por outro. Um exemplo

9. A autora identifica e descreve as características do processo de popularização da informação científica.

correspondente a primeira dessas condições foi apresentado por Albert Jonsen (Nov/Dez., 1993, p. 37-38), que cita a divulgação pela revista *Life*, em 1962, do artigo *Eles decidem quem vive, quem morre*, da jornalista Shana Alexander, repercutindo sobre a criação do Comitê de Admissão e Políticas do Centro Renal de Seattle, cujo objetivo era definir prioridades para a alocação de recursos em saúde. O evento teria assinalado a ruptura entre a Bioética e a ética médica, uma vez que se tornou pública a inserção de pessoas não-médicas na esfera de decisões, antes de domínio do profissional de saúde, no comitê de ética hospitalar. Tal evento mostra o que a criação de notícias científicas pode significar para um campo de conhecimento.

Outro evento bastante referenciado nos estudos de Bioética decorreu da publicação, em 1966, do artigo científico do anestesista Henry Beecher, *Ethics and clinical research*, onde demonstrava 22 relatos de pesquisas científicas realizadas com recursos de instituições governamentais e companhias de medicamentos, cujos sujeitos de pesquisas eram cidadãos de segunda classe, como internos em hospitais de caridade, adultos e crianças com deficiência ou retardo mental, idosos, pacientes psiquiátricos, presidiários, recém-nascidos e outras pessoas vulneráveis (BEECHER, 1966). Tais relatos reunidos por Beecher eram publicados em periódicos internacionais.

Embora o objeto desta pesquisa seja as estratégias discursivas no âmbito da imprensa, os dois exemplos são utilizados para ilustrar a diferença e, ao mesmo tempo, a proximidade entre ambos quanto à referência de jornalismo científico. Há, portanto, dois níveis de difusão científica: um para especialistas e o outro para o público em geral. Sendo o segundo considerado como uma categoria jornalística na lógica da imprensa e o outro de circulação de informação científica, de conteúdo fechado.

Neste capítulo, a Bioética é definida como um campo do *saber* em que a possibilidade de abordagens pluralistas e de diálogo está centrada em um plano racional e humano, cuja característica vem se firmado nos últimos anos. Portanto, é importante ressaltar a importância do papel sócio-político da imprensa como intermediária entre o campo científico e a sociedade.

Certamente, ao se admitir um sentido de responsabilidade, bem-estar, dignidade e respeito aos outros, partilhando obrigações mútuas, como propõe Hans Jonas (JONAS, 1995), é necessário perceber os meios de comunicação como instância que desempenha

um papel crucial na formação de um sentido de responsabilidade pelo destino coletivo e capaz de subsidiar o pensar conjunto entre ciência e sociedade.

Capítulo II

REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA: O CASO

Como raiz – elemento que Foucault sugeriu de *enunciados reitores*¹ – elegeu-se neste trabalho aqueles que permitem tornar visíveis as possibilidades mais gerais de caracterização e que descortinam todo um domínio de conceitos a serem construídos. São apresentadas também as “descobertas”² no âmbito das tecnologias reprodutivas que apareceram em vários momentos da história, as emergências de noções inéditas e as atualizações de técnicas.

A partir de uma leitura arqueológica, procurou-se descrever as descobertas técnicas e científicas que marcaram os avanços no campo da Reprodução Humana Assistida (RHA). Partindo do mapeamento e da descrição das técnicas utilizadas, busca-se apresentar as repercussões ocorridas em função de seu surgimento, os conflitos que emergiram entre os antigos e novos métodos de concepção e a sua relação com um domínio de técnicas. Em função disso, as diferentes técnicas e métodos não serão apresentadas de forma detalhada cientificamente, mas em sua conexão com os principais momentos ocorridos historicamente e que influenciaram e nortearam os discursos científicos, sendo, desde então, objeto das formações de enunciados na área médica.

1. Foucault, diz que a arqueologia constitui a árvore de derivação de um discurso. Tomando como exemplo o da História Natural, o autor apresenta os enunciados reitores como “os que se referem à definição das estruturas observáveis e do campo dos objetos possíveis, os que prescrevem as formas de descrição e os códigos perceptivos de que ele pode servir-se, os que fazem aparecerem as possibilidades mais gerais de caracterização e abrem, assim, todo um domínio de conceitos a serem construídos; enfim, os que, constituem uma escolha estratégica, dão lugar ao maior número de opções ulteriores” (2002, p. 168).

2. A partir dos enunciados reitores mencionados por Foucault, a derivação estaria na extremidade dos ramos, ou pelo menos no curso de todo um florescimento, bem como as transformações conceituais. Na descrição dessas derivações arqueológicas não é necessário, porém, tomar como fio condutor as primeiras descobertas ou as primeiras abordagens. “A ordem arqueológica não é nem a das sistematicidades, nem a das sucessões cronológicas” (FOUCAULT, 2002, p. 169).

A Reprodução Humana Assistida suscita a *priori* um amplo debate na área da Bioética. Por se tratar de uma intervenção que procura reverter ou contornar a questão da infertilidade ou da hipofertilidade, o assunto assume há muitos anos discussões não apenas científicas, mas principalmente originadas no âmbito cultural. Entre os discursos originados a partir de mitos e tabus vivenciados ao longo dos anos, a temática passou a ser compreendida e assimilada a partir da racionalidade acerca dos limites humanos – e por que não dizer? – dos limites da ciência.

Miguel KOTTOW (2001, p. 25–42) apresenta as duas teorias existentes na Bioética acerca do momento de corte entre a criação do ser humano, visto como pessoa, enquanto titular de direitos e enquanto um agregado de células que virão a ser um ser humano. A primeira delas, de fundamento metafísico, cuja vida humana começa no momento da concepção. Esta, segundo o autor, seria a teoria oficial da Igreja Católica.

A segunda teoria apresentada pelo autor, centra-se no começo da vida e sua correspondência diante do *status* moral do embrião, desde a aparição de algum “rasgo” morfológico ou evolutivo, em um determinado momento do processo de gestação. O autor sugere uma terceira abordagem como objeto de reflexão Bioética, a que o autor vai chamar de “*la visión relacional del inicio de la vida humana*”. Esta, por sua vez, estaria voltada para a relação com terceiros sob uma perspectiva sociológica, centrada na vontade e consciência da mulher como uma pessoa capaz de gerar vida. Enunciados característicos dessas duas correntes, juntamente com a terceira alternativa apresentada por Kottow estarão presentes na abordagem que se segue.

Tecnicamente, a RHA evoluiu a partir de técnicas de baixa complexidade para aquelas de alta complexidade. As técnicas consideradas de baixa complexidade envolvem desde a utilização de medicamentos para induzir a ovulação até o uso de Inseminação Artificial (IA). Existem duas variações de procedimentos de inseminação artificial: na primeira é utilizado o esperma do próprio marido (inseminação artificial pelo marido ou homóloga); na outra, usa-se esperma de doador, a chamada inseminação heteróloga (inseminação por doador [IAD]), que consiste na introdução do sêmen capacitado no útero da mulher, por meio de uma cânula ou sonda, podendo ser preparado a fresco ou congelado.

Uma das técnicas mais complexas, como o procedimento de fertilização *in vitro*, envolve a manipulação das células reprodutivas em laboratório, fora do corpo humano. Esta técnica pode está relacionada com o desenvolvimento de pesquisas genéticas com embriões, óvulos e espermatozóides e, ainda, com novas práticas médicas como a medicina preditiva. Combina, portanto, uma série de procedimentos e diagnósticos pré-implantatórios. Essas pesquisas genéticas podem estar associadas à reprodução assistida, sendo muitas vezes confundidas com ela.

Embora seja apresentado um quadro descritivo acerca da prática e do desenvolvimento de tais procedimentos, este trabalho não traz dados epidemiológicos e estatísticos rigoroso relativos ao Brasil, haja vista que não há sistematizações de fontes oficiais. De acordo com o presidente da Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida, Selmo Geber, existem no Brasil, aproximadamente, 100 clínicas que trabalham com Reprodução Assistida, sendo 30 delas credenciadas à Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida. Em relação ao número de ciclos, eles estão entre 8 mil ao ano, com uma taxa de gestação média de 35%, sendo 15% deles perdidos (abortos), representando uma faixa de 2300 nascimentos, por meio de técnicas de Reprodução Assistida. Tais práticas estão concentradas basicamente no setor privado da medicina. Sobre esse assunto, DINIZ (2000, p.01)³ observa que, como o espaço dessas práticas tem sido até agora as clínicas e serviços privados, tal característica tem subvertido a lógica tradicional da pesquisa e do ensino médico no país.

Segundo a autora, de modo geral, as inovações tecnológicas na área biomédica costumam ter como porta de entrada os grandes hospitais públicos e universitários. A situação da medicina reprodutiva, no entanto, tem-se configurado por essa característica particular, preferencialmente no setor privado, fator que remete ao debate bioético a respeito do uso dessas tecnologias.

Entre questões técnicas, morais ou legais envolvidas nesse processo, um dos primeiros aspectos a ser levado em consideração é o desejo de um casal de ter filhos. Em geral, por não conseguir gerar naturalmente, o casal passa a enfrentar dilemas em diversos âmbitos, que muitas vezes se sobrepõem. Por um lado, as mulheres sentem-se

3. Disponível em <http://www.anis.org.br>

organicamente incapazes; por outro, ao decidirem pelo uso de tecnologias que lhes permitam enfrentar o desafio, defrontam-se com diversas dúvidas morais.

Entretanto, argumentos contundentes e que merecem atenção, atêm-se às relações econômicas que permeiam o processo e que se estendem desde a orientação médica para que casais optem por procedimentos reprodutivos complexos, incluindo-se o uso das próprias tecnologias reprodutivas.

Segundo Oliveira (2001, p. 102), as novas tecnologias reprodutivas propiciam a materialização dos desejos sexistas, racistas, eugênicos e estimula a exploração de classes. O tráfico e a comercialização de embriões, sêmen e óvulos seriam como consequência dessa atitude.

2.1 Reprodução e mercado

GARRAFA e BERLINGUER (2001, p. 107) apontam que “A reprodução assistida ou fecundação artificial humana teve origem como solução para a esterilidade; mas logo em seguida às técnicas e às adoções, juntou-se ao mercado”. Os autores colocam que a passagem da doação à venda do esperma, e depois também os óvulos e o aluguel do útero, por parte de mulheres, para casais estéreis seriam os dois mais recentes fenômenos que despertaram interesses para a comercialização.

Segundo a sua argumentação, essa situação poderia ocasionar riscos: “Outra razão, de caráter mais geral, foi o aparecimento do risco de, ao poder escolher e comprar o esperma e os óvulos, se reintroduzir a eugenia, que Francis Galton preconizou em 1884, em sua obra *Human Faculty*, ou seja, a possibilidade de melhorar a descendência através de matrimônios seletivos” (2001, p. 109).

O discurso de que a idéia de eugenia havia sido praticamente abandonada é contestado pelos autores. Eles acreditam que a fecundação assistida estaria propondo novamente a eugenia, não apenas para prevenir doenças, mas pela possibilidade de mercado de esperma de tipos humanos selecionados, com base em características raciais, estéticas e intelectuais consideradas desejáveis. Garrafa e Berlinguer vêm também que às técnicas de fecundação *in vitro* que envolvem a discussão sobre a legalidade de realizar experimentos com embriões humanos entrelaçou-se com o risco

de acabar por transformá-los em mercadoria. Além desses aspectos, os pesquisadores sublinham que as tecnologias reprodutivas permitiram o surgimento de muitos casos baseados no “conceito de origem de propriedade, de transmissibilidade e, inevitavelmente, o de comerciabilidade do corpo”.

2.2 Inseminação Artificial

Analisando sob o ponto de vista técnico, a Inseminação Artificial (IA) é considerada um procedimento relativamente simples, cujo primeiro caso formalmente relatado teria ocorrido em 1790 (KAPLAN e TONG, 1996, p. 224)⁴. Um rico mercador, com a ajuda de um médico, o professor de anatomia William Pancoast, buscou o experimento na tentativa de solucionar o problema de infertilidade entre ele e a sua mulher. Diante da hipótese de que um dos dois tinha problema de infertilidade, o doutor fez inicialmente o teste na mulher, e ao tentar diversos tratamentos para a infertilidade no homem, verificou falhas na quantidade e na qualidade dos espermatozoides.

O episódio mobilizou um dos seis alunos do médico a sugerir que fosse introduzido na mulher o seu próprio espermatozoide. Embora sem comunicar que utilizaria tal recurso, o médico resolveu tentar o experimento, introduzindo o espermatozoide do aluno (doador) na mulher, durante um exame de rotina. Na própria introdução de técnicas de reprodução assistida de que se tem notícia, como se percebe, as questões éticas começaram a aflorar. Se, por um lado, o experimento ignorou o consentimento informado, por outro, é inegável a contribuição que trouxe para resolver problemas de infertilidade entre casal⁵.

Após um século, aproximadamente, segundo Kaplan e Tong, em 1884 o espermatozoide de um doador humano foi usado para fins de inseminação artificial na Filadélfia. No final do século XIX, a inseminação artificial, por meio do espermatozoide doado pelo marido ou por outro doador, era praticada por muitos médicos. Somente nos Estados

4. Tradução livre. No original os termos são empregados da seguinte forma: *Artificial insemination by husband* [AIH] e *artificial insemination by donor* [AIH]. KAPLAN, Lawrence J. and TONG, Rosemarie. In *Controlling our reproductive destiny: a technological and philosophical perspectives* (1996, p. 225).

5. De acordo com Abdelmasshi, em 1870, John Hunter descreveu a inseminação artificial como método de tratamento em um casal cujo marido apresentava lipospádia. In *Bioética: revista do Conselho Federal de Medicina*, Vol. 09, nº 02 (2001, p. 15).

Unidos, 10 mil crianças foram concebidas por inseminação artificial antes de 1941. Se pelo ponto de vista biológico, o uso da IAH passou a ser considerado relativamente simples, por outro, suscitou discussões no campo da moralidade do ato.

2.3 Argumentos éticos sobre a Inseminação Artificial com esperma do marido ou de doador (IAD)

Sobre a questão da utilização de técnicas de reprodução assistida, os naturalistas condenam seu uso sob a alegação de que tais atos modificariam a forma natural de reprodução humana. Eles são contra os tipos de inseminação artificial, seja pela alteração das condições naturais ou por considerarem associadas à masturbação ou ao adultério. Entre os seguidores dessa filosofia, os moderados sugerem que sejam tentadas alternativas, de modo que não se interrompam as pesquisas.

KAPLAN e TONG (1996, p. 229) observam que entre as discussões éticas dos naturalistas mais moderados, outros procedimentos foram apresentados como alternativas, por exemplo, à masturbação. Perfurar o testículo para retirar o esperma, o coito interrompido, o uso de camisinha, a aspiração da vagina para coleta do esperma e alternativa cirúrgica são algumas delas. A alternativa cirúrgica, contudo, não é aceita pelos mais tradicionais, por considerarem que a forma natural, desde a produção até a forma de remoção, estaria sendo rompida.

Outro argumento dos naturalistas contra o uso da IA com o esperma do marido ancora-se no fato de que a vida amorosa do casal passaria do âmbito da residência ao do laboratório, passando de sentimento para procedimento⁶. Consideram ainda que o uso de inseminação através de um doador que não seja o marido constitui-se como adultério. Tais argumentos afirmam que a participação de uma terceira pessoa constitui adultério. Sobre essas questões, os críticos rebatem que o método não interfere na relação do casal, pelo contrário, que a vontade do casal de gerar uma prole e de conseguir gerar por meio de procedimentos passaria a uni-los ainda mais. E ainda: o adultério não se

6. Citado por KAPLAN e TONG: “They reject AIH on the grounds that ‘to reduce the shared life of a married couple and the act of married love to a mere organic activity for transmitting sêmen would be like turning the domestic home, the sanctuary of the family, into a biological laboratory’” (1996, p. 229).

relaciona a uma prática laboratorial, mas é baseado propriamente na relação sexual em si com outra pessoa.

Outro aspecto das discussões éticas acerca do uso da IA e IAD é de que muitas vezes uma das partes do casal ignora a forma como os procedimentos estão sendo realizados. Cabem nessa discussão diversas abordagens, desde as observadas sob a perspectiva individual quanto à coletiva. Entre elas, estaria o respeito à autonomia dos pacientes submetidos às intervenções e à responsabilidade do profissional no emprego da técnica.

Pelo ponto de vista individual de quem utiliza a AI, de acordo com KAPLAN e TONG (1996, p. 250), pesa para o casal a informação do médico, no momento em que vão escolher algumas das técnicas. As autoras afirmam que, em geral, os usuários não manifestam preocupação em relação ao uso da IA quando o material biológico é doado pelo marido. Já quanto à utilização de um outro doador, as posições são discordantes. Do ponto de vista do casal, há quem acredite na possibilidade de surgirem problemas legais ou ainda ressentimentos, quando utilizado o recurso de outro doador que não o marido. Outro problema mencionado é que podem ocorrer seqüelas psicológicas para as crianças geradas de tal maneira.

Além dos pontos de vista sedimentados no meio social, surgem também pesquisas a respeito do assunto. De acordo com KAPLAN e TONG (1996, p. 249), nos Estados Unidos pesquisas verificaram que pais cujos filhos foram gerados por IA com um outro doador, amam menos a criança, que seria melhor não contar ao filho e ainda que esses filhos desconheçam o doador e vice-versa.

Além do aspecto privado, um outro problema destacado está relacionado à negligência de bancos de sêmen, que podem dispor de material com qualidade danificada ou cometer erros na implantação de espermatozoides doado, por exemplo, de pais negros para pais brancos ou vice-versa.

Ainda de acordo com Kaplan e Tong, nos Estados Unidos a sociedade em geral manifesta-se a favor da IA. Sendo que a maioria das mulheres prefere a IA com o marido e, em último caso, com outro doador. Acredita-se que a atitude receptiva das mulheres a IA deve-se ao fato delas contribuírem com metade dos genes e por serem as responsáveis pela gestação.

As autoras fazem a ressalva de que, embora nos Estados Unidos à maioria das crianças americanas more com pais separados (60%), prevalece à visão da sociedade pela família nuclear. Apesar de acreditarem que uma mulher solteira possa dar amor e educação melhor que casais heterossexuais, a sociedade não aceitaria o fato de uma lésbica gerar filhos por meio de IA. Estudos apontam que 61% dos médicos não aceitariam utilizar a IA, em uma mulher não-casada ou sem parceiro. Outro argumento contra a utilização da IA em lésbicas é de que elas podem perder a guarda da criança já que prevalecem os padrões convencionais de heterossexualidade. O Tribunal pode decidir que a criança estaria sob influência psicopatológica negativa (1996, p. 251).

De acordo com as autoras, quanto ao quesito classes sociais, a liberdade reprodutiva é limitada por questões sociais, econômicas e ainda traz preocupações étnicas e raciais. Se, por um lado, o tratamento com o uso da IA está fora dos padrões dos casais, já que ainda é caro, e só uma pequena parcela dos casais tem acesso, há também implicações eugênicas. Sobre este aspecto, a história mostra o corrido em 1935, quando foi criado um banco de espermatozoides de “melhor qualidade” para abrigar espermatozoides de grandes homens da época, a exemplo de prêmios Nobel (KAPLAN e TONG, 1996, p. 228). O banco de sêmen em questão levou o nome de *Herman J. Muller Repository for Germinal Choice*, retirado algum tempo depois pela esposa de Muller depois de saber das propostas eugênicas.

Da mesma forma que motivações eugênicas manifestaram-se anteriormente, hoje essa discussão suscita infundáveis posições morais. De acordo com citação de Kaplan e Tong, o filósofo Peter Singer, por exemplo, acredita que os casais estéreis que demonstram preferência em gerar filhos geneticamente melhorados não devem ser condenados por fazer essas escolhas.

2.4 Fertilização *in Vitro* e transferência de embriões

A literatura médica mostra que, depois da inseminação artificial por doador, a reprodução *in vitro* (FIV) é a mais amplamente divulgada e utilizada entre as técnicas de reprodução assistida. A fertilização *in vitro* com transferência de embriões e a injeção intracitoplasmática de gametas (ICSI) – consideradas técnicas de alta complexidade – são indicadas quando há impedimento mecânico nas tubas uterinas, que

não podem ser reparadas por meio de intervenção cirúrgica ou por meio de técnicas de baixa complexidade. São utilizadas também quando a quantidade ou a qualidade de espermatozóides demonstra ser insuficiente para uma fecundação natural⁷.

O nascimento da primeira criança de proveta em 1978, na Inglaterra, foi anunciado como um marco na história da reprodução assistida. Porém, como pontuam KAPLAN e TONG (1996, p. 255) toda publicidade envolvendo o nascimento de Louise Brown ignorou o fato de que os doutores Patrick Steptoe e Robert Edward não eram os únicos pesquisadores que estavam trabalhando nesta área. A maior publicidade girou em torno do episódio relacionado ao nascimento e muito pouco se falou, por exemplo, que antes do nascimento de Louise Brown, em 1972, era desenvolvido um projeto por Landrum Shuttles e um colega, que chegaram a fertilizar um óvulo externamente. O experimento, no entanto, não chegou a termo porque o seu colega nutria restrição moral e legal com relação à pesquisa de bebê de proveta, o que o levou a optar por destruir o embrião.

A primeira gravidez obtida com essa técnica nos Estados Unidos ocorreu em 1982. Em 1984 ocorre o anúncio do nascimento do primeiro bebê de proveta brasileiro. Segundo Abdelmassih, os primeiros estudos pré-clínicos em humanos com a utilização da ICSI foram relatados na década de 90 e em 1992 foram relatados, em Palermo, as primeiras gestações humanas e nascimentos com a transferência de embriões após a ICSI (ABDELMASSIH, 2001, p.16).

2.5 Argumentos éticos sobre a Inseminação Artificial, Fertilização *in Vitro* e

Transferência de Embriões

O nascimento do primeiro bebê de proveta inaugurou o uso da técnica de fertilização *in Vitro* e transferência de embriões, o que fez emergir uma série de dilemas de ordem social, econômica, cultural, moral e ética. Embora a técnica propicie sucesso para casais que não conseguem ter filhos por problemas de infertilidade, o procedimento

7. De acordo com ABDELMASSIH (2001, p. 19), no final da década de 1970, a técnica da FIV obteve seus primeiros resultados com o grupo de Bourn Hall, na Inglaterra, chefiado pelos pesquisadores Patrick Steptoe e Robert Edwards.

pode trazer abalo emocional, além de criar expectativas, tanto em relação ao sucesso da gestação quanto em relação às questões morais inculcadas ao uso da técnica.

Questões como quantidade de embriões implantados, embriões excedentes, melhora da qualidade do embrião implantado e idade do embrião, são apenas alguns exemplos que surgem, no âmbito da vida do casal, quanto aos aspectos sociais. Outro dilema que divide opiniões ou representa paradoxos legais e de ordem biológicas são as consequências futuras quanto ao uso da inseminação artificial ou da fertilização *in Vitro*, que implique às mães substitutas (as chamadas mães de aluguel).

Entre as controvérsias a cerca da FIV encontram-se as que apontam o estado moral do embrião. Entre naturalistas, não-protecionistas, radicais, moderados ou extremistas, encontram-se argumentos que vão desde orientações morais a definições técnicas quanto à idade do embrião. Dentre esses grupos há aqueles que defendem uma consciência no embrião com dois a três dias de idade, outros que entendem tal estágio a partir do 14º dia de vida. Esse estágio de *consciência* é considerado também quando o sistema nervoso começa a ser formado, ou com seis semanas, quando a parte do cérebro associada com a consciência começa a ser desenvolvida. Entre outras questões, tais divergências impedem o arranjo de leis.

2.6 Questões normativas e legais

Como esta dissertação norteia-se pela análise arqueológica, no sentido de enxergar os chamados *discursos de formação*, considerados por Foucault, procurou-se detectar a ligação entre os sistemas de recobrimento do discurso, destacando princípios de ordenação, de exclusão e rarefação. Os enunciados que passaram a permear as discussões sobre a regulamentação das pesquisas com o uso das tecnologias reprodutivas mostram-se envolvidos pelos jogos de suas instituições e seus poderes. Partindo da preocupação inicialmente de organismos internacionais com suas diretrizes, acordos e teses para assegurar a integridade e a dignidade das pessoas.

Como foi tratado no capítulo anterior, regras jurídicas e regras das políticas sociais invocam normas morais, do domínio da subjetividade e da objetividade para orientarem suas fundamentações e na regulação de práticas para a resolução de conflitos. No caso das questões que envolvem dilemas acerca do respeito à vida e a

autodeterminação de pessoas, as normas éticas são base para formulação de regulamentações.

Ainda não há no Brasil uma legislação que regule a prática clínica da reprodução assistida. Alguns projetos relativos à matéria estão tramitando no Congresso Nacional e além das dificuldades inerentes aos percursos legislativo, há também as dificuldades de se obter uma proposta que venha corresponder aos interesses da maioria. Na ausência dessa legislação, vai prevalecendo entre os profissionais um amparo normativo baseado em diretrizes éticas e em documentos historicamente consolidados.

GUILHEM e PRADO⁸ avaliam que no Brasil não houve um processo de amadurecimento das propostas normativas e legais: “Em muitos países, esse processo desencadeou intensos debates visando a elaboração de leis capazes de regulamentar a prática clínica e estabelecer limites técnicos e éticos para a sua aplicação. No caso brasileiro, todavia, pôde-se verificar a adoção de uma lógica bastante diversa” (2001, p. 113). De acordo com os autores, as inquietações decorrentes do nascimento do primeiro bebê de proveta no Brasil, em 1984, propagadas pela mídia, voltaram-se mais para o julgamento da veracidade do fato, propriamente dito, do que para questões morais que emergiam.

GUILHEM e PRADO (2001, p. 115) enfatizam que “o Brasil iniciou precocemente a utilização de TRs, porém houve claro descompasso entre difusão da técnica e o processo paralelo de discussão sobre os dilemas e a moralidade decorrentes de sua aplicação”. Divulgada há oito anos depois do nascimento do primeiro bebê de proveta brasileiro, a Resolução nº 1.358/92 do Conselho Federal de Medicina (CFM), entre outros dispositivos, dispõe sobre a doação de gametas ou pré-embriões (que não deve ter caráter lucrativo ou comercial), a doação temporária de útero (sem caráter lucrativo ou comercial e com as doadoras temporário de útero pertencentes à família da doadora genética), confidencialidade, sigilo médico sobre a identidade dos doadores, número de gestações possíveis para cada doador de sêmen e tempo máximo de 14 dias para a permanência do pré-embrião fora do corpo materno.

8. Os autores analisaram a Resolução do CFM nº 1.358/92, projetos de leis em trâmite legislativo, bem como leis e regulamentações referentes ao tema da reprodução assistida. O estudo verificou que o enfoque principal dos projetos diz respeito aos direitos e interesses das crianças, às possíveis

O Conselho Federal de Medicina determina, também, que no máximo quatro embriões sejam transferidos, que as técnicas não sejam aplicadas com intenção de seleção do sexo ou de características biológicas, com exceção dos casos em que for necessária a seleção para evitar doenças relacionadas ao sexo da criança. A resolução também proíbe a não-redução embrionária. Tramitam também no Congresso Nacional projetos de leis sobre a reprodução assistida, cuja elaboração teve como base a resolução do CFM (BRASÍLIA, CFM, 1994).

No Brasil, de acordo com Luiz Fernando Coelho, professor da Universidade Federal do Paraná considera-se crime a manipulação genética de células germinais humanas e a intervenção em material genético humano *in Vivo*, exceto para o tratamento de defeitos genéticos, respeitando-se os princípios éticos da autonomia da pessoa e princípio da beneficência, e com a autorização prévia da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança⁹. A pena, para ambos os tipos de crime, é de detenção de três meses a um ano. Caso a prática resulte em morte, a pena é de seis a vinte anos de reclusão. De acordo com o professor, a Lei nº 8.974, de 06 de janeiro de 1995, dirige a mesma penalidade para quem produzir, armazenar ou manipular embriões humanos, destinados a servir de material biológico disponível.

De acordo com o professor, a experiência tem mostrado que a lei penal não tem sido suficientemente eficaz, o que torna necessária a mudança não apenas da legislação, mas a própria base de inspiração da sua. No campo legal, as dúvidas sobre a área de reprodução assistida questionam a legitimidade da criança gerada por inseminação artificial com sêmen de doador, os direitos e as responsabilidades dos participantes e de médicos e especialistas.

Essas questões remetem a uma aguda articulação nas relações entre *saber* e o *poder*, ao que Foucault chamou de saber institucional que é gerador de poder. É um discurso de um lugar e de direito reconhecido institucionalmente, que passando por verdadeiro, veicula saber e gera saber. Ao mesmo tempo, a produção desse discurso

beneficiárias da técnica e à redução embrionária, com pouca relevância aos direitos reprodutivos e sexuais e à saúde das mulheres que se submetem às tecnologias.

9. Texto distribuído durante o Seminário Internacional Clonagem Humana: questões jurídicas (12 e 13 de nov. 2001, Brasília).

gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos, cuja função “é eliminar toda e qualquer ameaça à permanência desse poder” (BRANDÃO, 1998, p. 32). Algumas considerações sobre os procedimentos de redistribuição de informação científicas estarão no capítulo IV.

Capítulo III

MUDANÇAS, TRANSFORMAÇÕES E EMERGÊNCIAS: AS CONTRADIÇÕES E OS LIMITES DA VISÃO ANTROPOCÊNTRICA DA BIOÉTICA

Com base no que foi apresentado anteriormente, torna-se pertinente enfatizar que a Bioética se situa como um *saber* fundamentado a partir de Teorias Éticas. Este capítulo apresenta alguns dos desdobramentos daquelas abordagens, que se configuraram por diferentes escolhas, interesses, pensamentos ou orientações metodológicas. Aqui, serão apresentados os fenômenos de sucessão e encadeamentos temporais ocorridos acerca dos objetos da Bioética, buscando, deste modo, uma descrição das mudanças, transformações e das emergências. COSTA e DINIZ (2001, p. 13) apresentam três grandes abordagens da Bioética: a abordagem historicista, a abordagem filosófica e abordagem temática. Embora o interesse não seja o de discorrer sobre cada uma dessas orientações, elas podem servir como guia para pensar as relações que se construíram.

3.1 Pensamento secular

De acordo com o filósofo ENGELHARDT (1998, p. 31), as questões Bioéticas contemporâneas surgem diante de um quadro de fragmentos da perspectiva moral ligados a uma série de perdas de fé e de mudanças na Ética e na convicção ontológica ocidental. Em *Fundamentos da Bioética*, o autor contextualiza ao fato de que, ao pregar as 95 teses na Igreja de Todos os Santos, Martinho Lutero assinalou a entrada de uma nova era para o Ocidente, marcando uma quebra de supostas possibilidades de uma uniformidade na visão moral religiosa. Esse momento marcaria, então, o fim da crença de que uma sociedade poderia aspirar um ponto de vista moral único, baseado na fé e governado por uma única autoridade moral religiosa suprema (ENGELHARDT, 1998, p. 26).

Esse rompimento anunciava a impossibilidade de a Europa Ocidental aglutinar-se em torno de uma visão cristã única. O progresso da ciência organizava novas dimensões para se pensar o lugar do homem no mundo e no cosmos. A partir de 1543 a cópia da obra de Nicolau Copérnico, *Revolutionibus Orbium Coelestium* apresentava em seu legado, o próprio sentido de mudança nas idéias, “que deveriam transformar-se em metáfora para dramáticas e profundas mudanças na visão do mundo” (ENGELHARDT, 1998, p. 28). Para o autor, “a revolução foi uma das muitas modificações em idéias e interpretações que deixariam nossa visão secular desprovida de um sentido de perspectiva final ou absoluta: o homem deixava de ser o centro do universo” (ENGELHARDT, p. 28).

O legado de Darwin (publicado em 1859) também é colocado pelo autor como outro complicador, que despojou a visão de um ambiente humano canônico, o Éden. “A espécie humana já não parecia ter sido privilegiada no desenvolvimento da vida, como também já não prevalecia uma interpretação secular da natureza humana como tendo origem unívoca e muito menos divina” (ENGELHARDT, 1998, p. 29).

Cresce o Iluminismo e as esperanças progressistas da razão, de tal forma que sua aspiração buscava descobrir uma moralidade comum, capaz de unir a todos. Seis anos depois da Revolução Francesa, Kant escreve em favor da paz mundial (1795). Essa aspiração, diz Engelhardt, era descobrir, pela razão, uma moralidade comum que unisse a todos e proporcionasse a fundação da paz perpétua. Nas palavras de Engelhardt, em vez de a filosofia ser capaz de preencher o vazio deixado pelo colapso da hegemonia do pensamento cristão no Ocidente, mostrou-se como várias filosofias e éticas filosóficas concorrentes. Fragmentara-se em um “politeísmo de perspectivas, com seu caos de diversidade moral e sua cacotonia de numerosas narrativas morais concorrentes” (ENGELHARDT, 1998, p. 29).

A base da bioética contemporânea, de acordo Engelhardt, seria moldada de “ceticismo, perda de fé, convicções persistentes, pluralidades de visões morais, e crescente desafio das políticas públicas” (1998, p. 26). O autor ancora-se no que ele chamou de “caos moral” para justificar que as sociedades são pluralistas e envolvem as comunidades em uma diversidade de sentimentos e crenças morais que muitas vezes podem estar ocultas para elas. Para Engelhardt, “esse comunalismo tem sido pretendido

por meio da descoberta de uma moralidade canônica, essencial, mais do que continuista, que deveria unir os estranhos morais, os membros de comunidades morais diversas” (1998, p. 31).

Segundo o autor, uma moralidade secular canônica essencial não poderá ser descoberta. “O argumento racional não silencia as controvérsias morais quando o indivíduo encontra estranhos morais, pessoas de diferentes visões” (ENGELHARDT, 1998, p. 35). Ao contextualizar acerca do limite ao acesso de intervenções médicas de custo elevado, a experimentação com fetos e à venda de órgãos, o autor é contundente e afirma que para estas muitas questões existem poucos acordos. Para as mesmas, coloca que há mistura entre entendimento e desentendimentos, separando muitas das visões seculares à interpretação secular da Bioética e das moralidades religiosas tradicionais, que também discordam entre si.

Engelhardt apresenta uma crítica aos que trabalham com a Ética aplicada ou Bioética e que desconsideram as dificuldades que se encontram na raiz do pensamento moderno: “(...) seguem adiante com a tarefa de aplicar a ética como se fosse óbvio qual ética secular deveria ser aplicada (...)” (1998, p. 35).

Talvez se encontre também nesse jogo o que Foucault apresentou como procedimento de exclusão, sendo o mais conhecido deles o da *interdição*, aquele que indica que nem tudo pode ser dito, ou falado em qualquer circunstância, por qualquer um ou sob qualquer coisa. Nesse sentido o autor dá o exemplo dos discursos da sexualidade e da política, regiões onde “a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam” (2001, p. 09). Nesse aspecto, Foucault diz que as *interdições* que atingem os discursos, revelam logo com o desejo e com o poder. Esses discursos não seriam simplesmente aquilo que se manifesta ou oculta, sendo também *o objeto do desejo*; o poder do qual se quer apoderar (2001, p. 10). Essa *interdição* estaria vinculada na separação entre o verdadeiro e o falso que atravessou os séculos da história, que rege a vontade de saber, algo como um sistema de exclusão que se desenha.

Foucault apresenta o exemplo dos poetas gregos do século VI, cujo discurso verdadeiro – em sentido forte e valorizado do termo – sob o qual era necessário submeter-se, e que imperava como idéia hegemônica, “(...) era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme ritual requerido; era o discurso que pronunciava a

justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente pronunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino (...)”. Tal situação, como sentencia o autor, seria objeto de alteração um século mais tarde, uma vez que “(...) a verdade mais elevada já não residia mais no que *era* o discurso, ou no que ele *fazia*, mas residia no que ele *dizia*: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência (...)” (FOUCAULT, 2001, p. 15).

Para Foucault, a nossa vontade de saber foi assim formada, contudo sem parar de se deslocar. Sob essa perspectiva, as grandes mudanças científicas podem ser lidas como consequência de uma descoberta, mas podem também ser lidas como a aparição de novas formas de vontade. Ela se apóia sobre um suporte institucional, sendo reforçada e reconduzida por todo um conjunto de práticas como a pedagogia.

Essa máscara seria a responsável pelo que “(...) só aparece aos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal (...)”. Ignorando, portanto, o que Foucault chamou de “vontade de verdade como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em que questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição” (FOUCAULT, 2001, p. 20).

No item intitulado “A Bioética em Ruínas”, ENGELHARDT observa que o que era visto como questões de caráter moral, transforma-se em questão de gosto, que os direitos e obrigações contratuais deslocam aquilo que antes eram ricas linguagens de caráter e virtude. “As instituições morais, separadas das visões morais que sustentavam e lhes davam sentido e significado, persistem como preconceitos, sentimentos de insegurança, tabus e intuições morais isoladas” (1998, p. 43). Conjugando as colocações de Engelhardt e de Foucault, vê-se configurar, na breve história filosófica da Bioética, um ritual onde foram buscados alguns cânones, retirados da Teoria Ética, cuja intenção apóia-se em uma vontade de verdade calcada em instituições morais, em direitos e em obrigações. No entanto, no que se refere à resolução de conflitos, podem persistir vícios e preconceitos, que se tornam perniciosos para as pessoas envolvidas.

3.2 Racionalização técnica e o corpo: conceito de biopolítica de Foucault

Marilena CORRÊA (1997, p. 71) identifica o conjunto de técnicas de reprodução assistida, ou novas tecnologias reprodutivas, como a mais recente etapa do processo de medicalização social. A autora caracteriza a medicalização como a possibilidade ilimitada de extensão da abordagem médica a qualquer aspecto da vida do homem. Para a autora, suas origens remontam ao fim do século XVIII e mantêm-se até hoje, haja vista a contínua prática de intervenções sobre o exercício da sexualidade e da reprodução humanas, particularmente direcionadas sobre o corpo da mulher: “O ‘velho’ papel da medicina na construção de significados em torno da idéia de maternidade e paternidade, e do imperativo da procriação, com todos os significados simbólicos de que ele pode ser revestido (renovação da vida, recriação do eu etc). Aquelas idéias parecem solidificar-se e generalizar-se ainda mais quando apoiadas em procedimentos altamente tecnologizados” (CORREA, 1997, p. 71).

Pode-se observar que o fenômeno da medicalização social surge e se desenvolve historicamente no contexto das sociedades disciplinares, tal como analisadas por Foucault em uma série de estudos. Utilizou-se aqui algumas considerações de um dos trabalhos genealógicos do autor para contextualizar este fenômeno ao longo do tempo.

Na aula de 17 de março de 1976, *Em defesa da sociedade*¹, Michel Foucault contextualiza os séculos XVII e XVIII como o período em que viriam a aparecer técnicas de poder que eram centradas no corpo das pessoas. Esse poder era exercido mediante procedimentos que interferiam na distribuição espacial dos corpos individuais, de todo um campo de visibilidade, incluindo também as técnicas que buscavam aumentar a força útil através do exercício, do treinamento e de outros meios. A esse processo, o autor denominou como técnica de racionalização e de economia de um poder exercido por um sistema de vigilância – as tecnologias disciplinares do trabalho.

1. Aula de 17 de março, Defesa da Sociedade, Curso no *Collège de France* (1975-1976). Do poder de soberania ao poder sobre a vida. – Fazer viver e deixar morrer. – Do homem-corpo ao homem-espécie: nascimento do biopoder. – Campos de aplicação do biopoder. – A população. – Da morte. – Articulação da disciplina e da regulamentação. – Funções e áreas de aplicação do racismo. – O nazismo. – O socialismo. Esta obra situa-se nos estudos Genealógicos do autor.

A vida dos homens – o homem ser vivo – durante a segunda metade do século XVII, estaria controlada por um poder, chamado de ‘biopolítica’ da espécie humana. Por esta via, um conjunto de processos de natalidade, de mortalidade e de longevidade, configuraria os primeiros objetos do saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. O uso da medição estatística desses fenômenos inauguraria um esboço de esquemas de intervenção sobre esses fenômenos globais.

Segundo Foucault, tais fenômenos teriam introduzido, ao final do século XVIII, a medicina com função de higiene pública, adquirindo também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e da medicalização da população. E dentro deste contexto, estavam as questões relacionadas aos problemas da reprodução, da natalidade e da morbidade.

A biopolítica introduziria no conjunto de fenômenos – universais e acidentais – instituições de assistência, não somente apenas aquelas historicamente vinculadas a Igreja. Abarcaria, portanto, outros mecanismos, considerados mais sutis. Entre estes fenômenos, relacionados já no início do século XIX, havia uma preocupação voltada para a espécie humana, o seu meio e os efeitos sobre o meio geográfico. Como as práticas dessa biopolítica constituíam-se em áreas de intervenção e de saber-poder, que deveriam ser avaliadas e integradas concomitantemente. Mereceriam atenção especial as incapacidades biológicas diversas, *locus* de onde a biopolítica extrairia seu saber e a partir do qual definiria o campo de intervenção.

Ao utilizar a noção de ‘população’, Foucault apresenta uma biopolítica que lida a um só tempo com a população, que passa a ser considerada como um problema político e científico originando relações de poder. Esta se apresenta como fenômeno coletivo, ainda que os fenômenos ocorressem no plano individual, tratando, sobretudo, de precisão, estimativas, estatísticas e medições globais. A intervenção ocorreria como instrumento para modificar, baixar a morbidade, encurtar a vida e estimular a natalidade, fixando, entretanto, equilíbrio e assegurando compensações. Otimizar um estado de vida seria um desses mecanismos disciplinares e de regulamentação, que se definia em um plano contínuo, científico, que é o poder de “fazer viver” e de deixar morrer.

Foucault data o final do século XVIII como o período em que são introduzidas duas tecnologias de poder: a técnica, “(...) disciplinar centrada no corpo, que produz efeitos individualizantes, manipulando o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo...” e a tecnologia “...centrada não no corpo, mas na vida: uma tecnologia que assegura os efeitos de massas próprios de uma população...” (FOUCAULT, 1999, p. 297). Esta última seria uma tecnologia que visa ao equilíbrio global, não ao treinamento individual; de um lado, uma tecnologia em que o corpo é individualizado como organismo dotado de capacidades e, do outro, uma tecnologia em que os corpos são recolocados nos processos biológicos de conjunto.

Foucault observa que no século XIX a Medicina como um saber técnico vai ser um elemento de importância considerável, dado a influência científica nos processos biológicos e orgânicos. “A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos reguladores” (1999, p. 302). Portanto, ao identificar uma sociedade de normalização, Foucault diz que há um cruzamento entre a norma da disciplina e a norma da regulamentação. O excesso de biopoder é visto pelo autor quando a possibilidade é técnica e politicamente dado ao homem (1999, p. 303).

O uso e o acesso às novas tecnologias reprodutivas são exemplos que costumam ser usados pela Bioética crítica ou Bioética de inspiração feminista, a exemplo de CORRÊA (1997) que reflete em seus estudos a perspectiva de que muitas mulheres se submetem a essas técnicas mais para adequar-se a um desejo social definido historicamente por estas do que pela sua própria voluntariedade.

Confrontando o ponto de vista do discurso feminista entre política e sexualidade, com os apontamentos de Foucault (aqui referido à parte de seus estudos genealógicos), a questão deve ser remetida para as diferentes significações e os valores encarnados nas tecnologias reprodutivas e o desejo de maternidade. São discursos que passam a se proliferar e a circular sob essa perspectiva tecnológica e científica buscando exercer uma certa hegemonia sobre outros discursos, de modo a orientar comportamentos.

3.3 O cientista e o político

Alguns questionamentos merecem atenção especial: “A quem caberia a responsabilidade sobre o destino de nosso tempo? A sociedade como um todo?... E os cientistas com tudo isso? Quais os limites para a curiosidade humana e para a pesquisa? Existem? Quem os colocaria? Os próprios cientistas?” Essas perguntas foram colocadas por Michelangelo Trigueiro (TRIGUEIRO, 2000), em seu ensaio *O cientista e o político nas biotecnologias*. As perguntas partiram do analista, mas fazem coro comum às pessoas que refletem sobre o tema e estão presentes permanentemente também no repertório do senso comum. A busca dessas respostas dirige grande parte das pessoas.

O ensaio de Trigueiro versa sobre o papel do cientista e do político nas novas tecnologias, tomando como base a reflexão de Max Weber – a relação entre a ética e a política. Para o autor, é legítimo explorar matizes e redobrar questões ainda não inteiramente examinadas e aprofundadas – nas inúmeras potencialidades teóricas, trazidas pelos principais protagonistas da tradição sociológica, em uma modernidade ainda bastante incompleta (TRIGUEIRO, 2000, p. 205). Embora este trabalho não contemple as reflexões de Trigueiro, nem estudos da obra de Max Weber, a referência acima busca demonstrar o valor que a técnica adquiriu ao longo do tempo e a dimensão da responsabilidade nela envolvida.

3.3.1 Ciência e técnica

Considerando o aspecto ético relacionado ao crescimento da *techne*, visto que ao longo dos tempos o homem nunca se achou de todo desprovido de técnica, Hans Jonas (1994, p. 33) põe em questão a diferença que se fez presente entre a técnica moderna face à que a precedeu. O filósofo identifica a *techne* anteriormente vista como um atributo mensurável à necessidade, como um meio finito de adequações para fins bem definidos e próximos.

Antes, a natureza não se constituía objeto da responsabilidade humana – ela cuidava de si própria e, também, do homem. Na cidade, onde os homens relacionam-se com homens, residiria a ética tradicional, em uma dimensão intra-humana. O quadro constituía-se de modo que a ação sobre coisas não-humanas não tinha significado ético.

Sob a forma da moderna tecnologia, a *techne* tornou-se um ímpeto infinito da espécie, com tendência a rever-se à vocação do homem, “(...) e cujo êxito no máximo controlo sobre as coisas e sobre ele próprio surge como sendo a consumação do seu destino (...)” (JONAS, 1994, p. 32). Deste modo, o triunfo do *Homo faber* sobre seu objeto externo, significa também o seu triunfo na constituição interna do *Homo sapiens*, ao qual se encontrava subordinado.

A tecnologia assim colocada assume importância ética em virtude da posição central que passara a ocupar nos projetos humanos. Hans Jonas vê nessa dimensão o homem como o criador daquilo que criou, o fazedor daquilo que pode fazer, e, acima de tudo, um preparador daquilo que será capaz de fazer em seguida. Se, por um lado, o reino da criação invadiu o espaço da ação fundamental, então a moralidade tem que invadir o reino da criação, sob a forma de iniciativa política, posto que a própria natureza da política também se alterou.

As alterações introduzidas pela técnica impõem à ética uma nova dimensão de responsabilidade, uma vez que a ação de um agente e o seu efeito não se dirige apenas aos semelhantes. Essa nova dimensão só pôde ser vista a partir das grandes alterações que começaram a se revelar na natureza, a sua extrema vulnerabilidade à intervenção tecnológica do homem. Para Jonas, esta descoberta, cujo choque conduziu ao conceito e ao nascimento da ciência que é a ecologia, “(...) altera a própria concepção que temos de nós mesmos como interventores causais na mais vasta complexidade da vida. Por intermédio dos seus efeitos, traz à luz o facto de a natureza da acção humana ter de *facto* mudado (...)” (1994, p. 38).

Para o filósofo, uma nova ética de responsabilidade pensada em longo prazo e que acompanhe a mesma dimensão obtida pelo alcance de poder só seria conseguida por um novo tipo de humildade, diferente de como era pensada anteriormente. Segundo Jonas, houve um deslocamento, de modo que o natural fora engolido pela esfera do artificial e questões que nunca foram objeto de legislação caem sob a alçada das leis. Esse novo imperativo dirige-se então à iniciativa pública mais do que a conduta privada, ao contrario do imperativo kantiano que era dirigido ao indivíduo e teria uma aplicação imediata. O imperativo de Jonas projeta-se, assim, para um futuro previsível, com uma

dimensão aberta à responsabilidade de modo que possa garantir o mundo às gerações futuras.

3.4 Ética da responsabilidade

Ao desenvolver a obra *O Princípio de Responsabilidade*, em 1984, Jonas buscava uma ética para a era técnica. Contra os antigos imperativos éticos, de que o pressuposto kantiano é o último exemplo de grande vigor, Jonas formula um novo imperativo com vocação não-antropocêntrica, acrescentada à exigência de prudência. Jonas encarrega-se de mostrar que as premissas das éticas conhecidas já não são válidas, refletindo ainda sobre a repercussão desses fatos na condição moral das pessoas.

O autor considera que foram os poderes dos homens que ocasionaram uma mudança na natureza da ação humana, de modo que, estando a ética ligada à ação, se poderia concluir que essa mudança de natureza da ação humana exigiria igual mudança na ética. Tal mudança pressupõe uma nova dimensão de significado ético, já que não existe precedente nos modelos e cânones da ética tradicional.

Toda a significação contida na ética tradicional pertence à relação direta do homem com o homem, incluindo o trato para consigo mesmo. Desse ponto de vista antropocêntrico, a ação sobre coisas não-humanas não constituía esfera de autêntico significado ético. Em *Ética, Medicina e Técnica*, partindo da chamada conduta decente, Jonas observa que esta conduta tinha os seus critérios imediatos e que eram de quase imediata consumação. Em suas palavras: “As respectivas conseqüências a longo prazo eram deixadas ao acaso, ao destino ou à providência. Nessa conformidade, a ética pertencia ao aqui e agora às ocasiões que fazem os homens, às situações recorrentes e típicas da vida pública e privada” (JONAS, 1994, p. 34).

Ainda segundo o autor, essa seria a situação presente comum em que o universo ético seria composto por indivíduos contemporâneos, cujo horizonte futuro estaria confinado à duração previsível das suas vidas. Ainda que o conhecimento requerido não fosse o do cientista ou do especialista, mas sim “(...) conhecimento de um tipo rapidamente disponível para todos os homens de boa vontade (...)” (1994, p. 35). É, justamente, a partir deste conhecimento não-teórico que Jonas vai apresentar sua crítica a Kant e a Aristóteles: “Nem todo o pensador em ética, é certo, foi tão longe no

subestimar do lado cognitivo da acção moral. Mas mesmo quando foi alvo de muito maior ênfase, como em Aristóteles, em que o discernimento da situação e do que lhe é adequado faz consideráveis exigências às experiências e ao juízo, tal conhecimento nada tem a ver com a ciência das coisas” (1994, p. 34).

A proposta de Jonas é de que deveria ser construída uma nova ética, a ética da responsabilidade. Sua base precisaria ser repensada, frente a diferente proposição que representava, no que se refere ao que passou a ser propagado pela filosofia moderna, de que o fundamento da vida pairava somente na dicotomia entre mente e corpo. O fato de o homem ter observado que o seu domínio sobre a natureza podia destruí-la, levou-o a perceber os riscos do progresso global e, conseqüentemente, de sua má utilização. Até essa constatação, relata SIQUEIRA (1998, p. 05), “(...) o alcance das prescrições éticas reduzia-se ao âmbito da relação com o próximo no momento presente (...)”, sendo isso o que Hans Jonas chamou de uma ética antropocêntrica e voltada para a contemporaneidade. Isso, de fato, ocorreu contemporaneamente, o que ocasionou uma mudança da realidade, que, para Jonas, foi decorrente de uma crescente intervenção tecnológica patrocinada pelo homem sobre a natureza e o seu conseqüente uso.

3.5 O papel da mídia como sustentadora de um sentido de responsabilidade

Para o sociólogo John B. THOMPSON (1998), no seu estudo sobre a teoria social da mídia, a abordagem ética contemporânea difere da ética tradicional, vista então como fruto de uma sociedade secular, democrática. A contemporaneidade afasta-se das conotações morais religiosas, apesar de ser campo de estudo e reflexão de inúmeros grupos. Constitui-se em uma ética pluralista que aceita a diversidade de enfoques, posturas e valores. A abordagem é interdisciplinar, servindo-se da colaboração e interação da diversidade das ciências biológicas e humanas. Não tem e não pode possuir fundamentação comum, pois é intercultural: respeita a pluralidade das tendências morais na atualidade.

Embora Thompson afirme que o *advento da mídia não foi uma boa notícia para a ética*, o autor sublinha o fato de que o pensamento sobre questões morais não acompanhou o desenvolvimento que transformou (e continua a transformar) o mundo (THOMPSON, 1998, p. 226). Nas palavras do autor: “A mídia é um domínio no qual

sérias preocupações éticas foram banidas há muito tempo. Com o crescimento da comercialização da instituição da mídia, os ideais políticos e morais sustentados por alguns dos primeiros empreendedores foram substituídos por critérios de eficiência e lucratividade” (1998, p. 226). Para o autor, os produtos da mídia se tornaram cada vez mais padronizados e estereotipados: eles vão atrás do trivial e do sensacional, se interessam por eventos efêmeros e abandonam qualquer inspiração para transcender as banalidades da vida diária.

Ao citar o filósofo Hans Jonas, Thompson demonstra que nossas maneiras de pensar estão enraizadas na concepção tradicional de ética que foi fundamentalmente antropocêntrica em orientação e muito estreitamente circunscrita em termos espaciais e temporais. O autor faz um paralelo entre a concepção tradicional da ética e os meios de comunicação, lembrando que a primeira sempre foi circunscrita essencialmente como assuntos inter-humanos ou com as relações indivíduos consigo mesmo, enquanto os meios de comunicação transportam e/ou ultrapassam qualquer tipo de reflexão face a face, dos locais imediatos para uma outra lógica de relações, onde a abrangência é bem mais larga.

Aponta ainda para o fato de que “(...) a finalidade espacial e temporal da reflexão ética era relativamente limitada. A ética se ajustava a formas de ação cujo alcance efetivo era pequeno e a formas de interação que eram essencialmente face a face. O universo ético era composto de contemporâneos, de indivíduos situados no aqui e no agora, e a reflexão ética era uma moral de proximidade” (THOMPSON, 1998, p. 226). São situações morais que não podem mais ser aceitas, diz o autor, pois as ações hoje ultrapassam os locais imediatos. Nesse sentido, “[o] universo ético não pode mais ser pensado como um mundo de contemporâneos co-presentes (...). O universo ético se deve alargar para abranger outros distantes que, embora remotos no espaço e no tempo, podem fazer parte de uma seqüência interligada de ações e suas conseqüências” (1998, p. 226).

Para desenvolver uma teoria sobre a ética que faça justiça às novas circunstâncias, Thompson argumenta que é necessário reconhecer a intercomunicabilidade do mundo moderno, onde a proximidade espacial e temporal perdeu sua relevância como medida de importância ética. Ao tocar no sentido de

responsabilidade, o autor cita Hans Jonas e Richard J. Bernstein para o fato de que se deve admitir um sentido de responsabilidade pelos outros e por seu bem-estar, partilhando obrigações mútuas para tratar os outros com dignidade e respeito. A esse sentido de responsabilidade, o autor atribui grande importância aos meios de comunicação, já que eles desempenham um papel crucial na formação de um sentido de responsabilidade pelo nosso destino coletivo. “Eles ajudaram a criar este sentido de responsabilidade, que não se restringe apenas a comunidades localizadas, mas que é compartilhado numa escala sempre mais ampla. Eles ajudaram a pôr em movimento uma certa ‘democratização da responsabilidade’, no sentido de que a preocupação por outros distantes se torna cada vez mais entranhada na vida cotidiana de mais e mais indivíduos” (1998, p. 227).

Seria, portanto, este sentido de responsabilidade que poderia fazer parte de um novo tipo de reflexão moral-prática, livre das limitações antropocêntricas, espaciais e temporais da concepção tradicional de ética. Um tipo de reflexão que estabelece uma relação toleravelmente coerente com as realidades de um mundo em crescente interconexão (1998, p. 228).

3.6 Ciência e técnica pelos teóricos da comunicação

Embora a intenção não seja abordar a partir da categoria filosófica de totalidade, considerou-se importante mencionar considerações sobre a comunicação, que em si, constitui uma visão entre a técnica (no sentido macro) e a sua orientação para os processos de disseminação de saberes, escrito por Herbert Marcuse, uma figura de importante destaque na Escola de Frankfurt.

As considerações tomadas de Marcuse, aqui valorizadas, alinham-se ao fato de o homem ser analisado em sua cotidianidade como aspecto fundamental no pensamento contemporâneo. Portanto, a sua existência torna-se um componente central na análise que se faz. O sujeito abstrato do pensamento desaparece da argumentação do autor e dos demais pensadores da Escola de Frankfurt.

Em seu livro *O Homem Unidimensional*, o crítico da cultura e da civilização burguesa fala das novas formas de dominação política e afirma que a felicidade é um valor cultural. Para Marcuse, o pensamento racional confundiu o pensamento idealizado

de um homem concreto cotidiano. “O homem unidimensional” é aquele cujas necessidades não são abstratas. O sujeito unidimensional é o ser isolado e introduzido dentro da engrenagem da produtividade. Segundo MATTERLART (1999, p. 81), “(...) sob a aparência de um mundo cada vez mais modelado pela tecnologia e pela ciência, manifesta-se à irracionalidade de um modelo de organização da sociedade que subjuga o indivíduo, em vez de libertá-lo”.

Essa *sociedade unidimensional* viria para anular o espaço do pensamento crítico, uma vez que “(...) a racionalidade técnica, a razão instrumental reduziram o discurso e o pensamento a uma dimensão única, que promove o acordo entre a coisa e a sua função, entre a realidade e a aparência, a essência e a existência” (MATTERLART, 1999, p. 81). Marcuse faz nesse livro referência ao discurso midiático – o que ele vai chamar de *linguagem unidimensional*.

Segundo Armand e Michèle MATTELART, Habermas, por outro lado, ao analisar as formas institucionais assumidas pelo processo de racionalização, situa nesse terreno sócio-político o problema da ciência. Os autores lembram que, para os demais membros da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, “todo o potencial emancipatório da ciência está voltado para a reprodução do sistema de dominação e sujeição” (1999, p. 81). Habermas, por outra via, aponta como solução à questão formas de comunicação em um espaço público que seja estendido à sociedade, o que significaria a reconquista da autonomia dos sujeitos.

Esse pequeno histórico situa umas das preocupações manifestadas pelos principais teóricos da comunicação acerca da visão propagada a partir do final da década de 40, quando os modelos de pesquisas da área de comunicação passam a ser entendidos como modelos de cientificidade semelhantes aos adotados pelas ciências exatas. Esse evento é observado como um dos momentos que, a partir de então, fizeram história dentro da área da comunicação, como também influenciaram outras áreas a utilizar terminologias de forte significação ao que viria a ser conceituado como informação.

Capítulo IV

O DISCURSO CIENTÍFICO

Considerando que o discurso científico pressupõe um meio para se propagar, este capítulo apresenta as principais características do suporte material em que os enunciados são difundidos e disseminados. É importante perceber como os enunciados especializados, pertencentes ao domínio científico, passam por modos de tradução, através de meios retóricos para aumentar sua aproximação com os co-enunciadores, sofrendo determinadas maneiras de refinamento para poderem, assim, alcançar um domínio de validade. Desta forma, buscam ao mesmo tempo transferir um tipo de enunciação de um campo de aplicação (especialistas) a outro (meios de comunicação), o que pode concorrer para que esses discursos se choquem em sua origem, uma vez que representam diferentes visões morais.

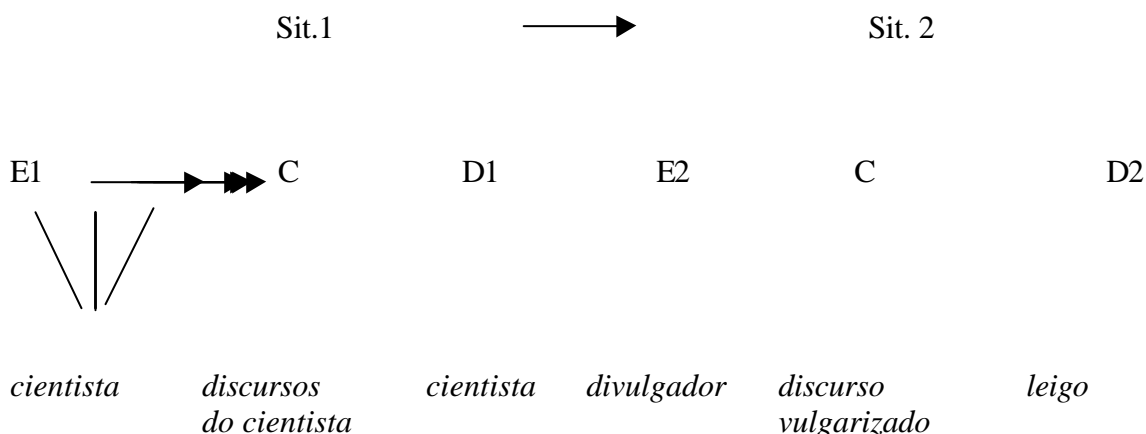
Por entender os meios de comunicação como campo de poder de trocas simbólicas buscou-se uma conexão entre aqueles campos de formação discursivos e as estratégias discursivas utilizadas para se chegar ao alcance do meio social. Nesse sentido, o jornalismo situa-se como um mediador entre os saberes de especialista ou instituições científicas e a sociedade não-especializada na área científica. Uma de suas funções é repassar informações desses saberes, utilizando uma enunciação específica, com seus modos de reproduzir o real de modo a ter como referência determinadas perspectivas do discurso científico.

4.1 Jornalismo científico

Inicialmente foi introduzido o conceito de jornalismo científico e de divulgação científica, trabalhando também com a perspectiva da “vulgarização” científica, utilizando a diferenciação dada por ZAMBONI (2001, p. 10) entre *discurso científico* e *discurso da divulgação científica*. Estes são entendidos como entidades diferentes e que

se desenvolvem em cenários enunciativos específicos. A autora, porém, examina a produção de divulgação científica considerando a enunciação “como produto da interação de indivíduos socialmente organizados”, de forma que todo e qualquer aspecto da expressão-enunciação “é determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação mais imediata”.

Tais cenários são exemplificados por Zambini, mediante as seguintes situações:



De acordo com o diagrama e considerando-se que o discurso é orientado em direção a um interlocutor, o discurso-produto dessas duas enunciações não será o mesmo. Ainda que não exista um interlocutor real¹, ele será pressuposto pelo enunciador *a priori*, frente à impossibilidade de ocorrer o exercício da linguagem escrita na presença de um interlocutor abstrato. O auditório é, portanto, um indivíduo com presença real ou a imagem idealizada de uma audiência imaginária.

Quando se modificam os agentes de produção e de recepção, muda, por conseguinte o *referente*, ou seja, aquele que pode provocar uma alteração na forma de transmissão de conteúdo. Esse referente geralmente é alterado no momento em que passa a existir a “facilitação” dos enunciados científicos para uma linguagem mais corriqueira. Assim, o discurso da divulgação científica origina-se da reformulação, já que tem como objetivo popularizar o discurso científico (ZAMBONI, 2001, p. 59). Segundo a autora, esse tipo de discurso, embora modificado, mantém sua vinculação ao

1. Ver o item a seguir onde há uma breve explicação de como a recepção é entendida. Ela interage com o emissor, recusando o processo direcional de informações. Ver também o item Processos de Comunicação.

campo científico. A ressalva, no entanto, é que ele não pertence ao campo do discurso científico no que se refere à sua relação com a formação discursiva da ciência. De acordo com a sua argumentação, os cientistas apropriam-se de fato do discurso da divulgação científica, em decorrência de alguns fatores, entre os quais pode-se citar: o interesse, a necessidade, a pressão por maior número de publicações, uma maior visibilidade nos meios de comunicação e, ainda, para obterem maior prestígio nas instituições de fomento à pesquisa e de concessão de bolsas e recursos financeiros (2001, p. 41-42).

A autora apresenta um quadro conceitual de BUENO, citado por ZAMBONI (2001, p. 46), situando a difusão científica na posição de um grande gênero, que se desdobra nas áreas de: *Divulgação Científica*, *Disseminação Científica* e *Jornalismo Científico*. Dentro dessa mesma orientação, este trabalho utilizou a idéia de MAINGUENEAU (2001, p. 61-63) para a análise dos textos do *corpus* (revista *Veja*, nos anos 2001 e 2002), considerando como ideal para a análise de discurso a utilização das tipologias propriamente discursivas, ou seja, “tipologias que não se separassem, por um lado, as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso e, por outro, as caracterizações enunciativas”.

O chamado “discurso de vulgarização”, por exemplo, que é utilizado por Zamboni, corresponde a uma função social, mas está igualmente indissociável de certos funcionamentos lingüísticos. Para esse trabalho, apesar da referência ao termo “vulgarização”, não há intenção de separar esses dois aspectos. Na classificação de ZAMBONI (2001, p. 47), a condição de difusão engloba duas situações, a divulgação para especialistas e a divulgação para o público em geral. A primeira é denominada de disseminação científica e a segunda, que também é tratada por Bueno como divulgação científica, é identificada como jornalismo científico. Estes dois modelos pressupõem um processo de recodificação, uma transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência.

Segundo MOURA (2001, p. 10), a organização da comunicação científica ocorre paralelamente à organização da própria atividade científica e a formação do papel do pesquisador e do professor universitário.

4.2 Papel do jornalismo científico

Zamboni demonstra que a divulgação científica, como atividade de reformulação discursiva, busca na sócio-lingüística e na semiótica do texto, o pressuposto de que se trata, na verdade, de uma atividade de reformulação textual-discursiva. Neste conjunto de atividades, se inserem: a tradução, o resumo, a resenha, a paráfrase, bem como certas práticas pedagógicas – que implicam em adaptar um determinado conteúdo para determinado nível de audiência –, de formular determinadas análises para um determinado grupo social, de reescrever determinadas mensagens publicitárias em função de um certo público-alvo, além de outras que poderiam ser mencionadas. (ZAMBONI, 2001, p. 50-51).

De acordo com FAUSTO NETO (1999, p. 124)²: “A enunciação jornalística realiza, parcialmente, o trabalho de mediação, pois não consegue se tornar independente, em termos absolutos, dos ‘constrangimentos’ da outra enunciação”. Não se trata apenas da presença das ocorrências polifônicas de discursos pertencentes a outros campos”. Por esta via, a tarefa de anunciabilidade do chamado fato científico tem como insumo um conjunto de operadores que não pertencem às regras que pautam a construção do discurso jornalístico. A visão de Fausto Neto é que o discurso jornalístico configura-se como um lugar em que a sociedade produz discursivamente como também um lugar onde se travam disputas de sentido entre diferentes campos de conhecimentos, na figura dos especialistas convidados a refletir no campo em discussão³.

Joan LEACH também demonstra peculiaridades retóricas nesses discursos. Segundo observa, o documento científico pode ser considerado um dos discursos mais altamente estilizados da cultura contemporânea. Leach destaca que o estilo convencional adotado em documentos criteriosamente científicos, nos quais está ausente a primeira pessoa, tem como função principal persuadir o leitor. E argumenta: “Ao lado

2. Fausto Neto apresenta um importante exemplo de análise de discurso dirigida para a construção do sentido da Aids nos principais jornais brasileiros, mostrando como os jornais trataram de anunciar a Aids, gerando estratégias de produção e de efeito de sentidos a partir das falas de médicos, religiosos e leitores comuns. O autor expõe um modelo de pesquisa em que a linguagem não se constitui exclusivamente em instância de inteligibilidade social, “mas em dispositivo de atualização das relações de força na sociedade”.

3. GERALDES analisa as estratégias discursivas utilizadas pelo Jornal Folha de São Paulo e pelas revistas Veja e IstoÉ, na cobertura jornalística do Programa Fome Zero.

desta noção de estilo, contudo, as convenções formam um ritual elaborado dentro do discurso. Além disso tudo, há convenções de interpretação, recepção, leitura e escuta, bem como escrever, falar e representar” (LEACH, 2000, p. 303-304).

Assim, o autor aponta que o significado de “recursos retóricos” se refere ao emprego de linguagem figurativa, estando presente uma grande lista de usos e categorias de linguagem figurativa, a exemplo da metáfora, da analogia, da metonímia e da sinédoque. De acordo com sua concepção, tais figuras, são os dois *tropos* (emprego de palavra ou expressão em sentido figurado) mais comuns que aparecem no discurso e têm funções bastante persuasivas. Neste sentido, a metáfora tem a função de criar uma analogia entre dois conceitos, sendo a sua função “transferir” sentido de um conceito para outro. De acordo com LEACH (2000, p. 305), este uso de metáfora é comum na poesia e na literatura criativa, mas está também presente em muitos discursos persuasivos e na ciência. O uso da retórica é estudado neste trabalho como uma das estratégias discursivas dos textos jornalísticos.

4.3 Noção metaforizada da informação

Um exemplo que ilustra como o discurso científico absorve a metáfora pode ser observado sobre o modelo da Teoria Matemática da Comunicação, criada por Shannon⁴ (ver em MATTERLART, 1999, p. 61). Segundo o autor, esse modelo estabelece a noção de “informação” como calculável, alterando não somente a forma de analisar eventos sociais, mas influenciando outras áreas do conhecimento, a exemplo da Biologia, a utilizarem o conceito de “informação” como algo que permite definir e estabelecer condições de algo calculável matematicamente.

De acordo com Armand e Michèle MATTERLART, o surgimento da noção de “informação” tornou-se indissociável das pesquisas realizadas e divulgadas por biólogos. Assim, “(...) quando Shannon formula sua teoria matemática da comunicação, o vocabulário da informação e do código acaba de ser introduzido de maneira notável na biologia”. Segundo contextualizam:

4. Em 1948, o americano Claude Elwood Shannon publica *The Mathematical Theory of Communication*.

Em 1943, Erwin Schrödinger (1887-1961) o emprega para explicar os modelos de desenvolvimento do indivíduo contidos nos cromossomos. Desde então, o potencial organizativo da analogia informacional acompanhou todas as grandes invenções da ciência da vida: descoberta do DNA como suporte de hereditariedade (1944) pelo americano Oswald Avery; revelação de sua estrutura em dupla hélice (1953) pelo inglês Francis Crick e pelo americano James Watson; trabalhos sobre o código genético dos três prêmios Nobel franceses (1965), François Jacob, François Lwoff e Jacques Monod. (MATTERLART, 1999, p. 61).

Para formular sua teoria, Shannon utilizou conceitos procedentes originalmente da biologia do sistema nervoso. Ao mesmo tempo, explicam Armand e Michèle Matterlart “a teoria matemática da comunicação forneceu aos especialistas em biologia molecular um quadro conceitual para dar conta da especificidade biológica, do caráter único do indivíduo [Jacob,1970]” (MATTELART, 1999, p. 61).

O mesmo exemplo de Shannon foi também objeto de estudo de Evelyn Fox KELLER, citado por LEACH (2000, p. 305) sobre a utilização de metáforas nas ciências biológicas, concluindo que estas têm poder de convencimento e, também, de fornecer modelos heurísticos para o pensar. Leach reconhece que não há dúvidas de que essas figuras de linguagem funcionam para aprimorar a comunicação, podendo até mesmo se tornar imprescindíveis. No entanto, recorda que “alguns estudiosos estão convencidos de que eles [*tropos*] nos dizem algo profundo sobre a maneira como pensamos e a maneira como a própria linguagem funciona”.

Essas considerações dão uma idéia de como um conjunto de signos adquire uma função enunciativa, construída sobre metáfora e como eles se instalam pelo convencimento como regras e formas. Ilustram também o que Foucault chamou de tema do sujeito fundante:

O sujeito fundante, com efeito, está encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reapreende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicitar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento (FOUCAULT, 2001, p. 47).

Tais proposições levam a concluir que a construção do conceito de informação permitiu que se pudesse falar de várias enunciações em um mesmo enunciado.

4.4 Processos de comunicação

Ao defender o modelo interacional dos processos de comunicação, Diana BARROS (2002) faz um resumo sobre as orientações ortodoxas da pesquisa em comunicação e apresenta novas possibilidades de análise que surgiram no cenário acadêmico. A autora afirma que:

(...) Os modelos da Teoria da Informação, mesmos ampliados, são essencialmente lineares, ou seja, tratam da transmissão da mensagem de um emissor a um receptor, sem ocupar-se da reciprocidade ou da circularidade característica da comunicação humana, ou seja, da possibilidade que tem o receptor de tornar-se emissor, e de “realimentar” a comunicação, ou do alargamento e complexidade da comunicação que pode, por exemplo, dirigir-se a um destinatário, mas visando a outro (BARROS: 2000).

A autora considera que houve alguns estudos pioneiros como reação aos modelos lineares de comunicação. Entre eles, cita aqueles desenvolvidos em três diferentes abordagens: 1. interação: realizado por Bakhtin; 2. modelo “circular” para a comunicação: realizados nos Estados Unidos, já a partir dos anos 50, entre outros estudos, a proposta dos autores B. Bateson, E. Hall e E. Goffman; e, 3. aqueles relacionados à análise da conversação. Surgiu assim a teoria da *nova* comunicação, com as noções de base no *feedback* ou na retroação e realimentação.

Essa nova concepção de comunicação, entendida como um sistema interacional, integrava ou permitia uma interação entre o emissor e o receptor. Além disso, esta concepção permite levar-se em consideração os efeitos da comunicação sobre o receptor assim como os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor.

No texto intitulado *Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso*, BARROS (2001, p. 29) estabelece uma comparação sobre o modelo de comunicação, visto pela Teoria da Informação, e os estudos do texto de Bakhtin. A autora considera que o problema do estudo da comunicação verbal é que este não partiu da lingüística ou da teoria dos discursos, mas guiou-se pela Teoria da Informação, cujo interesse recai sobre o fluxo da informação transmitida, sobre a quantidade de informações, sobre a economia das mensagens em si.

Bakhtin acredita que em todo texto existe uma tensão dinâmica entre as funções: *univocais* e *dialógicas*, pois, para que exista a comunicação, uma pessoa deve ouvir a

outra, porém o que é dito não gera uma interpretação exclusiva. De acordo com a interpretação feita por Barros, o sujeito é o produtor de textos nas Ciências Humanas e situando-o pela ótica da *compreensão respondente*, o sujeito procura interpretar ou compreender o outro sujeito ao invés de buscar apenas conhecer o objeto, como faz as ciências da natureza. Com base nessa concepção, há uma situação dialógica entre os interlocutores da linguagem, já que eles buscam interpretação no discurso com o interlocutor. O centro da questão de Bakhtin é o dialogismo, que por sua vez, tem a linguagem como o elemento fundamental na comunicação e a interação dos interlocutores, por seu turno, é que fundamentam a linguagem (BARROS, 2001, p. 28).

Diante do raciocínio da natureza social do discurso, Diana Barros acrescenta que Bakhtin considera dois tipos de *sociabilidade*: um apresenta a relação entre sujeitos e a outra diz respeito à relação dos sujeitos com a sociedade. A primeira situa os diálogos entre os interlocutores e a outra o diálogo entre discursos em uma relação que pode ser sintetizada pela denominação de *dialogismo interacional*, que compreende diferentes vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico.

Ao categorizar sobre as determinantes da diversidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (1997, p. 325) afirma que ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e nem poderia haver, enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a *diversidade dos gêneros do discurso*. Reforçando a importância do *contexto*, Bakhtin alerta que ao “se analisa uma oração isolada, tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro” (BAKHTIN, 1997, p. 325).

Nesse sentido, utilizando as palavras de Bakhtin, uma análise estilística que queira englobar todo os aspectos do estilo deve obrigatoriamente analisar o *todo* do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um *elo* inalienável.

4.5 Desenvolvimento sobre a Análise de Discurso

Milton PINTO (1999, p.11) afirma que ao longo do tempo a prática interpretativa de textos foi de interesse da área da linguagem, como os estudos de lógica, gramática normativa e histórica; ou ainda, a partir do final do século XIX, ligando-se cada vez mais às ciências humanas e sociais, como História, Sociologia, Antropologia e Psicologia e, mais recentemente, à Lingüística e à Psicanálise.

Segundo o autor, um dos conceitos centrais da Análise de Discurso na contemporaneidade tem sido a concepção de discurso como “simulacro interesseiro”, que toma emprestada a concepção sobre a metáfora e a utiliza situando-a no ambiente da linguagem dos textos veiculados pela mídia. Sobre o cenário contemporâneo, o autor afirma também que a análise estrutural da narrativa é o aspecto mais criticável, já que tem por base a transcrição do conteúdo dos textos mediante uma rede de categorias semânticas. A crítica também esbarra na tendência de estudo que substitui a categoria semântica por categorias sintáticas. Milton Pinto aponta as duas tradições de estudo da prática de Análise de Discurso: a Análise do Discurso francesa (aqui abordada) e a pragmática, a etnometodologia e outras propostas psicossociológicas de abordagem de textos anglo-americanas.

O próximo capítulo, que descreve a metodologia de análise da pesquisa, apresenta as considerações sobre as práticas discursivas como constitutivas do conhecimento, vista sob a concepção arqueológica de Michel Foucault, em alguns de seus trabalhos, com o auxílio das técnicas de análise de texto de Comunicação propostas por Dominique Maingueneau, que faz parte da corrente francesa da Análise de Discurso.

Capítulo V

METODOLOGIA DE PESQUISA

Considerando o objetivo proposto para essa pesquisa, que busca descrever e analisar as estratégias discursivas da mídia impressa no que se relaciona ao tema da Reprodução Humana Tecnicamente Assistida, utilizou-se como ferramenta metodológica a Análise de Discurso (Escola Francesa)¹.

O ponto de partida desta dissertação foram as idéias inicialmente formuladas por Foucault e que serviram como base para a orientação de parte de seus trabalhos arqueológicos, que concebe a análise de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva. No caso desse estudo, a formação discursiva relacionada com a Bioética. Essa etapa foi realizada mediante uma descrição de como está organizado o “campo de enunciados” da Bioética e, por conseguinte, da Reprodução Humana Assistida, dentro do qual seus conceitos surgiram e circulam.

Entende-se o conceito de *enunciado* como: “Uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)” (FOUCAULT, 2002, p. 99).

Dentro do campo de enunciados de uma formação discursiva há várias dimensões de relações (outros autores chamam de interdiscursivas) que podem ser diferenciadas conforme pertençam a *campos de presença, concomitância* ou *memória*. Foucault define um *campo de presença* como “todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida,

1. Representada por MAINGUENEAU (2001, p. 10), cuja reflexão é dirigida, em seu primeiro plano, para a atividade enunciativa em textos de comunicação e não sobre as abordagens sociológicas. Toma como base as disciplinas que estudam a língua e o discurso, de modo a compreender o seu funcionamento.

de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário, e também os que são criticados discutidos e julgados assim como os que são rejeitados ou excluídos” (2002, p. 64). Um *campo de concomitância* refere-se, segundo o autor, a um domínio de objeto inteiramente diferente e que pertencem a tipos de discurso totalmente diverso, mas que atuam entre os enunciados estudados. Finalmente, o *campo de memória* que consiste em enunciados “que não são mais admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdade nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, contigüidade e descontinuidade histórica” (2002, p. 65).

Essas regras, denominadas por Foucault de “regras de formação” possibilitam a determinação dos elementos que compõem o discurso: 1. os objetos que aparecem, coexistem e se transformam “num espaço comum” discursivo; 2. os diferentes tipos de enunciação que podem permear o discurso; 3. os temas e teorias como um sistema de relações entre diversas estratégias capazes de mostrar uma formação discursiva.

O caminho percorrido na primeira parte do trabalho foi realizado em diferentes etapas: em um primeiro momento buscou-se descrever a *derivação enunciativa* da Bioética – considerada como um *saber* –, a partir do qual foi possível visualizar as derivações, relações e dependências, bem como paralelismos existentes nesse discurso. Isto tornou possível descrever os enunciados que compõem as estruturas conceituais que compreendem a Bioética e a Reprodução Assistida. A partir da *derivação enunciativa* iniciou-se o exame sobre a construção de como a Bioética foi criada e sedimentada por uma malha discursiva originada de diversos enunciados ao longo do tempo. Esse recorte permitiu identificar a evolução relacionada ao tema da Reprodução Assistida, e onde puderam ser observados: a presença de uma regularidade de temas, a casualidade, a descontinuidade, a dependência e as conseqüentes transformações.

Segundo Foucault, a arqueologia tem como objetivo definir os próprios discursos, como práticas que obedecem a regras. Utilizou-se para este trabalho a definição de discurso enunciada pelo autor que está assim definida: “(...) um discurso é um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação (...)” (FOUCAULT, 2002, p. 124). Essa definição é importante para esse estudo porque fornece uma base para investigação sistemática das relações existentes nos textos

(formação discursiva da Bioética) e nos tipos de discurso (enunciados científicos) e na relação destes entre si.

Esta identificação serviu como guia para apresentar as estratégias discursivas nas quais os textos jornalísticos põem em jogo temas da Reprodução Assistida e da Bioética. Partiu-se, então, para o segundo momento – a Análise dos textos Jornalísticos – cuja ênfase foi observar a interdependência das práticas discursivas de uma sociedade. Esta foi realizada a partir da identificação das *séries discursivas* que permitiu mostrar as relações existentes entre as diversas estratégias dos textos, como estes recorrem a outros textos contemporâneos (intertextualidade) ou cronologicamente anteriores, de modo que estes possam ser transformados, gerando combinações distintas e outras práticas discursivas.

Como objeto de análise desse segundo recorte, elegeu-se um conjunto de 15 textos publicados pela revista *Veja* (edições que tratam das técnicas de Reprodução Humana Assistida, dos anos 2001 e 2002), sendo analisadas matérias jornalísticas, entre elas, aquelas consideradas como reportagens, notícias e um artigo, que se relacionavam ao tema da Reprodução Assistida e com enfoque nos sub-temas ligados às discussões da Bioética.

A partir da concepção expressa por Norman FAIRCOUGH (2001, p. 83)² de que existiria uma lacuna no conceito de prática colocados nas análises de Foucault – o que abrangeria a ausência do texto e da análise textual – exercitou-se neste trabalho o que Maingueneau considerou como ideal: “Para a Análise de Discurso, o ideal seria poder apoiar-se também sobre tipologias propriamente discursivas, ou sejam, tipologias que não se separassem, por um lado, as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso, e, por outro, as caracterizações enunciativas” (MAINGUENEAU, 1998, p. 63).

A leitura enunciativa dos textos jornalísticos, de divulgação científica, foi feita a partir da definição de Maingueneau, que é a seguinte: “O Enunciado com o valor de

2. “Por prática eu entendo os exemplos reais, das pessoas que fazem, dizem ou escrevem coisas. Foucault (1972), de fato, refere-se à prática, quando introduz o conceito de prática discursiva, mas ele a define de forma confusa como regras que subjazem à prática real (...).Em outras palavras, a prática é reduzida ao seu inverso, a estruturas, usando esse termo no *lato sensu* dos recursos que são subjacentes e necessários para a prática (tanto quanto são produtos para ela)”.

frase inscrita em um contexto particular” (MAINGUENEAU, 1998, p. 57). Isto implica dizer que se analisa o “texto” indistintamente, quando este se tratar de unidades verbais pertencentes a um gênero de discurso. Esta leitura considerou as formas e disposição de como o gênero está organizado (gênero da matéria – notícia, artigo, reportagem – secção, retranca): 1. como está relacionado com o argumento que defende, 2. quais as suas rotinas discursivas, 3. quais implicações de economia discursiva e 4. as maneiras empregadas para assegurar a comunicação.

Essa leitura foi efetuada a partir de uma *análise retórica*, conforme a avaliação do objetivo, da situação e do tempo. Para isso, foram considerados os seguintes aspectos: o *Ethos*, que se fundamenta na credibilidade do enunciador; o *Pathos*, pelo apelo à emoção, e o *Logos* – lógica persuasiva, em seu poder de conformar, construir e determinar cosmovisões. Nessa análise foi considerado o significado de “recurso retórico” como o emprego de linguagem figurativa, dentro da qual observou-se principalmente a metáfora, forma mais comum nos textos analisados.

O discurso da imprensa foi tomado para análise porque o jornalismo científico recorre a um sistema de regras que torna possível a ocorrência de certos enunciados que partem da esfera científica e são difundidos a partir dos processos jornalísticos. Desta forma, o discurso jornalístico organiza as vozes no campo dos enunciados científicos que tratam da Reprodução Assistida. A partir do domínio científico, os enunciados especializados passam por modos de tradução, por meios retóricos para aumentar a aproximação com os co-enunciadores, e por maneiras de refinamento para alcançar um domínio de validade. Ao mesmo tempo, buscam transferir um tipo de enunciação de um campo de aplicação (especialistas) a outro (meios de comunicação), com propensão de chocarem-se, em sua origem, ou nas fontes onde as informações são tomadas, já que podem está submetidas a diferentes visões morais.

5.1 Seleção dos textos

A pré-seleção do *corpus* (textos jornalísticos) foi feita utilizando-se coleções de arquivos das revistas nas bibliotecas da Universidade de Brasília e do Centro Universitário de Brasília (Uniceub). Das 31 matérias sobre o assunto, referentes aos dois anos escolhidos, 15 delas foram objeto de análise: 10 delas referentes ao ano de 2001 e

as 05 restantes referentes ao ano de 2002 (Ver anexos 1 e 2). As demais não foram acolhidas por fugir a pertinência da análise. Tratavam do objeto, mas suas características (perfis, entrevistas pingue-pongue e cartas de leitor) fugiam à metodologia de análise em questão. Depois de identificados no arquivo físico, os textos foram coletadas através da internet, do arquivo *Veja on-line*, uma vez que faltavam exemplares nas duas bibliotecas pesquisadas. Como o objetivo era analisar somente o interior dos textos, dispensando-se fotografias e outros dispositivos pré-textuais, não foi verificada diferença entre os arquivos *on-line* e os impressos, já que o conteúdo pretendido era o mesmo.

Apoiado na tradição de estudos qualitativos com objetivo de descrever o funcionamento de diferentes estratégias discursivas por onde perpassa o campo do jornalismo científico, esta pesquisa se orienta pela perspectiva de que já não satisfaz apenas dizer que as práticas do jornalismo científico se caracterizam pelo sensacionalismo. No entanto, ainda são poucos os estudos qualitativos sobre a divulgação da ciência nos jornais, revistas, rádio e televisão e muitas vezes a crítica é feita pela observação casual. O recente desenvolvimento de pesquisas vem sendo feito quase sempre no âmbito acadêmico. Este trabalho busca enfrentar alguns desafios como o de compreender o funcionamento discursivo das práticas no jornalismo científico e experimentar metodologias capazes de ultrapassar as convencionais técnicas de análise de conteúdo.

Mediante a suposição de que todo discurso se constrói a partir de outros discursos, buscou-se o universo de estudo de periodicidade semanal por uma provável conexão com a noção de atualidade que *a priori* já estaria articulada com os diversos eventos transmitidos pela imprensa diária, seja com o que foi dito pelos jornais, pela televisão e por internet. Supôs-se que com o universo de estudo sendo semanal, suas operações discursivas tratariam de criar certa autonomia na sua própria discursividade, fato que poderia ser mais proveitoso para o objetivo buscado. A escolha da revista *Veja* como veículo de análise foi realizada a partir de sua importância no cenário nacional e das condições de acesso da mesma. A delimitação do período justifica-se por corresponder a um intervalo em que os discursos de mídia sobre RA ainda não haviam sido estudados e por ter sido um período de registro de anúncios científicos na área de RA.

5.2 O Caminho Percorrido

Para encontrar as *séries discursivas* no *corpus*, o primeiro passo foi selecionar os textos (de gêneros informativo e opinativo) cujos enunciados tratavam do tema relativo a Reprodução Humana Assistida. Não foram escolhidas seções específicas, a busca foi realizada de modo abrangente em todas as seções da revista. Não foram acolhidas para análise as notas ou seção de carta dos leitores.

Buscou-se, ainda, identificar o *acontecimento discursivo* (fato jornalístico) de cada matéria. Para a análise das séries discursivas, optou-se por não definir categorias bioéticas contidas nos textos jornalísticos, mas apresentar a dispersão de temas.

Depois de identificadas a dispersão de temas nas séries, foi feita a sua leitura, de acordo com a persistência, identidade, articulação e vizinhança dos temas dentro de diversos enunciados. Buscou-se estabelecer a correlação existente entre a descrição dos acontecimentos discursivos (fatos) para enfim chegar às unidades que se formaram.

Em um segundo momento, a dispersão das séries permitiu identificar um conjunto de enunciados pertencentes à discussão Bioética e, em conseqüência disso, foi possível descrevê-los definindo, dessa forma, as condições nas quais se realizaram; a função que exerceu na elaboração de uma série de signos uma existência e sua conseqüente presença específica. Promoveu-se, então, a leitura das séries e a leitura enunciativa, onde se procedeu a identificação das estratégias discursivas do jornalismo científico. As duas leituras foram reagrupadas, descritas pelo seu encadeamento e explicadas as formas unitárias as quais se apresentam: a identidade e a persistência dos temas, confrontando também, em alguns momentos, com enunciados teóricos reflexivos da bioética. Demonstrando, desta forma o resultado da análise do *corpus*.

De acordo com MAINGUENEAU (1998, p. 59) todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um determinado *gênero de discurso*. Nessa pesquisa foram analisados os textos jornalísticos da imprensa escrita no interior do gênero de discurso

científico, interligados à *função de contrato*³. A presente análise apoiou-se nas caracterizações ligadas às funções e aos gêneros de discurso, além das próprias caracterizações enunciativas do discurso científico. Dentro do tipo de discurso midiático, considerou-se “discurso de vulgarização”, aquele que corresponde a uma função social observada como indissociável de seu funcionamento lingüístico na vida social.

O enunciador, no campo jornalístico, determina de quem parte e a quem se dirige à fala, cuja relação envolve uma correspondência entre direitos e deveres, mas também saberes: o leitor de uma revista científica deve ter um saber médico, diferente de um leitor de uma revista semanal que aborda matérias sobre assuntos médicos. Isto ocorre de modo a facilitar o contrato de leitura, sendo que o enunciado deve estar em um lugar e momento legítimos.

Essa perspectiva de análise não entende o fenômeno da comunicação como um modelo de mão única, do emissor ao receptor, mas como um sistema interacional. Ou seja, importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor.

5.3 Procedimentos

Delimitou-se um Recorte nos textos jornalísticos da revista *Veja* dos anos 2001 e 2002, sobre Reprodução Assistida. De modo geral, elas se referem, sem distinção específica, às técnicas de Inseminação Artificial, Inseminação Artificial por Doador, Fertilização *in vitro*, ICS e Clonagem Humana (embora esta técnica ainda não esteja disponível), alguns textos desenvolvem em sua temática sobre uma dessas áreas.

A proposta inicial do projeto previa a análise de duas revistas semanais (*Revistas Veja e IstoÉ*), durante os dois anos, por supor que haveria maior variedade de estratégias discursivas. O levantamento da revista anteriormente selecionada chegou a ser realizado, mas deixou de ser acolhido, sem causar prejuízo a proposta, porque a intenção não era a de fazer comparação dos discursos entre ambas, mas apresentar as principais estratégias discursivas sobre a Reprodução Assistida.

3. Por contrato Maingueneau afirma que “Todo gênero de discurso exige daqueles que dele participam que aceitem um certo número de regras mutuamente conhecidas e as sanções previstas para quem as

a) A seleção dos textos jornalísticos foi feita mediante o seguinte recorte:

Das técnicas de RA	Seleção de todas as matérias dos anos 2001 e 2002 relativas às Técnicas de Reprodução Humana Assistida: inseminação artificial, inseminação artificial por doador, fertilização <i>in vitro</i> , ICS e relacionadas à clonagem humana (embora a técnica ainda não esteja disponível).
--------------------	--

b) As séries foram identificadas mediante a relação de um conjunto de enunciados, de acordo com a seguinte tabela:

Divulgação/publicidade	Temas referentes às atividades e condições voltadas para visibilidade pública, bem como os processos de disseminação das informações científicas, levando-se em conta os enunciados de Reprodução Humana Assistida.
Jurisprudência/legislativo/normas profissionais ou de conduta ética	Temas referentes às leis, resoluções, normas éticas exigidas por entidades profissionais, entidade de classe, além de políticas de nações estrangeiras, recomendações ou acordos internacionais afetas à prática de Reprodução Assistida. Considerou-se nesse tema as normas exigidas quando a disseminação de informações científicas.
Clínico	Temas e proposições que apresentassem identificação de diagnósticos, indicação de patologias médicas sobre RA ou descrição de estatísticas.
Étnicos/raciais	Referências a enunciados que remetam a temáticas de conteúdo étnico raciais.
Interesses e serviços	Temas que evocavam valorativamente interesses pessoais e de grupo ou ainda de natureza de prestação de serviços ou financiamento de pesquisa.
Campanha	Temas que se configurem como campanhas voltadas para a área de Reprodução Assistida, seja patrocinada pelo poder público ou setor privado.

transgredir”. Esse contrato, no entanto, não necessita ser objeto de um acordo explícito. O autor faz referência a HACHETTE, 1983, em seu livro *Language et discours*.

Família	Representações de elementos e significações cuja configuração seja a de estrutura familiar.
---------	---

c) Como foi feita a leitura enunciativa

Foram identificados os tipos de enunciação jornalística, considerando a forma e o tipo de encadeamento de gênero de divulgação científica, verificado por um conjunto de tradições, de receitas e pelo corpus de conhecimento que suponha uma mesma visão das coisas. Buscando-se o seu encadeamento, identificado neste caso pela seguinte tabela:

Tipo de enunciação selecionada	Divulgação científica/vulgarização
Seção	Geral, Especial, Arte e Espetáculos e Ponto de Vista
Retranca	Genética, Reprodução, Família, Medicina, Ética, Televisão e Ponto de Vista

d) A leitura enunciativa foi feita mediante uma série de regras que identificam:

Formas de tradução do discurso científico para a divulgação científica, como estratégias discursivas aplicadas aos enunciados, como:

- ? técnicas de reescrita;
- ? métodos de transcrição de enunciado;
- ? os modos de transcrição dos enunciados;
- ? os modos de tradução dos enunciados;
- ? os meios utilizados para aumentar a aproximação dos enunciados e refinar sua exatidão. Esses itens foram verificados em proposições que apresentam:

Vozes do meio científico	Identificadas um conjunto de estratégias textuais utilizadas nas referências às fontes, na matéria analisada.
Descrições procedimentos	Identificados exemplos da construção semântica das descrições médicas apresentadas.
Comparações	Identificação dos recursos didáticos para facilitar o entendimento dos enunciados médicos.

Capítulo VI

DESVELANDO O DISCURSO SOBRE A REPRODUÇÃO ASSISTIDA NA MÍDIA

A seguir será apresentada a Análise de Discurso dos textos da revista *Veja* (nos anos 2001 e 2002), sobre duas dimensões: leitura das séries discursivas e leitura enunciativa. Observou-se nesses dois anos que os enunciados sobre Reprodução Assistida estão hierarquizados nas seguintes seções da revista: Geral, Especial (quando matéria de capa), Arte e Espetáculos e Coluna, localizadas nas retrancas (Subseções): Genética, Reprodução, Família, Medicina, Maternidade, Ética, Televisão e Ponto de Vista (coluna).

O assunto Reprodução Assistida esteve presente, em média, em três edições por mês durante os dois anos, em suas diversas seções. Oito matérias das edições do ano 2002 e seis de 2001 não foram analisadas porque os assuntos não atendiam ao objeto de estudo por terem características que fugiam aos interesses da pesquisa ou por estarem ligados à reprodução animal não-humana, ou ainda por ser perfil, entrevista ou carta de leitores (Ver anexo 1, matérias selecionadas). A análise foi feita em 10 matérias de 2001 e em cinco de 2002, totalizando 15.

O processo de hierarquização entre seções e subseções foi observado nas leituras de cada texto como dispositivos que buscam indicar ou remeter aos leitores os enunciados que serão tratados nos textos. A leitura das séries discursivas foi feita de modo a apresentar como enunciados do campo científico e do âmbito das considerações éticas da área de Reprodução Assistida estão dispostos e interligados no discurso jornalístico. As séries discursivas mostram de que modo esses enunciados de fontes e de outros discursos transitam, chegando a se transformar a partir de regras e dispositivos enunciativos utilizados com vistas à facilitação e por economia discursiva. Esses discursos filiam-se à esfera científica, mas mantêm-se a sua autonomia por seus modos enunciativos.

Do mesmo modo, a leitura enunciativa faz consideração ao processo de hierarquização, pela sua relação com os enunciados tratados, pelo encadeamento interno do texto e por ser um recurso de aproximação do discurso com o leitor. A leitura enunciativa prevê os modos específicos, utilizados pelo jornalismo científico, de semantizar enunciados científicos, com seus usos de metáforas, pelo estabelecimento de comparações de algo que poderia ser virtual ou abstrato no universo do leigo com fatos do mundo vivido. Muitas vezes estabelecem uma ordenação com vistas a tornar-se pedagógica. Esses são alguns dos exemplos apresentados a seguir a partir da leitura enunciativa de cada texto analisado.

Nos itens que se seguirão, a exceção dos títulos das matérias que estão destacados pelo tamanho do corpo, as transcrições retiradas da revista estão entre colchetes [em tipografia normal]. As interferências e os destaques assinalados nos textos da revista, via autoria de pesquisa, estão destacados em *itálico* ou entre aspas (“”), permanecendo entre colchetes ou não. O fato (notícia) identificado pela pesquisa foi disposto na leitura das séries para permitir a visualização do encadeamento na proposição. Ambas leituras seguem a ordem de publicação dos textos (Ver anexo 2).

6.1 Leitura das séries discursivas identificadas nas matérias de 2001

? **Texto 01: Veja, Ed. 1.686 de 07 de fevereiro de 2001**

Título: Sonho (quase) impossível

Subtítulo: As promessas de médicos que se dizem capazes de clonar um ser humano são apenas propaganda enganosa

FATO: Na semana anterior a publicação, Antinori anunciou que pretendia coordenar um grupo internacional de especialistas que tentaria, pioneiramente, clonar um ser humano a partir de uma célula retirada de uma pessoa adulta.

Temática das séries:

Publicidade	X
Legislativo/jurídico/Ético Normativo	X
Clínico/estatístico	
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	X
Campanha	
Família	

Leitura das séries:

A série de um dos enunciados (Divulgação) apresenta-se vinculada ao discurso que remete à legitimação das normas científica estabelecidas no contexto de difusão e disseminação científica. Ou seja, orientada pelo princípio de que a credibilidade das descobertas científicas pressupõe, primeiramente, a difusão/divulgação em revistas científicas para os seus pares (Ético normativo), para depois se dirigir à arena pública, para os veículos de comunicação de alcance de massa. A mesma série circula pelo universo da visibilidade pública do sujeito da enunciação, especialista que anuncia a clonagem reprodutiva em humanos, cujo enunciado se agrega na série divulgação, identificada por (interesses e serviços). O enlace das séries demonstra que dois ou mais enunciados podem se deslocar em uma mesma proposição.

Outra série (Ético normativo) tem relação com a postura profissional do sujeito do enunciado de que o mesmo teria quebrado com o princípio da responsabilidade por ignorar normas éticas, no sentido de fazer propaganda enganosa e de divulgar pesquisas antes delas passarem por todos os testes básicos.

? **Texto 02: Veja, Ed. 1.699 de 09 de maio de 2001, por Rachel Verano**

Manchete de capa: Tudo por um filho

Chamada capa: Nove em cada dez brasileiros inférteis conseguem ter filhos com a ajuda da medicina

Título: Tudo por um filho

Subtítulo: Com a ajuda de casais dispostos a se arriscar, a ciência está vencendo a infertilidade

Legenda 1: já nasceram 300.000 bebês, 7.000 deles no Brasil

Legenda 2: 99% das mulheres estéreis já podem ser mães

Lateral 1: As técnicas que garantem a gravidez em laboratório

Lateral 2: O que vem por aí

Box 1: “Eu adotei um embrião”

Box 2: “Escolhi o sexo do bebê”

Box 3: Pais com idade de avós

Box 4: Uma aposta no futuro

Box 5: Enquanto isso, nos orfanatos...

Lateral 2: “Logo teremos a clonagem” (entrevista Peter Brinsden)

FATO: Na sexta-feira anterior, cientistas americanos anunciaram o nascimento de quinze bebês gerados a partir de óvulos geneticamente alterados.

Temática das séries:

Publicidade	
Legislativo/Ético Normativo	X
Clínico/tecnologia	X
Étnicos e raciais	X
Interesses e serviços	X
Campanha	
Família X Tempo – Relação com tecnologia/processos reprodutivos	X

Leitura das Séries:

Entre os cinco dispositivos enunciativos das séries discursivas identificadas, há coerência de relações entre elas no desenvolvimento da reportagem a partir da capa. A série principal, dividida entre dois dispositivos textuais (N1: Possibilidades e N2: Desafio) articula-se sob um paralelismo que atende, na totalidade das proposições

incutidas no texto, aos desejos de pais e ao desejo da ciência. Textualmente apresenta-se como um jogo entre a impossibilidade dos corpos e a possibilidade da ciência.

As demais séries são identificadas sob os discursos: (N4: Estatístico clínico) vinculadas nas legendas; (Étnicos/raciais) vinculadas nos boxes, sob um conjunto de enunciados que remetem a questões: (temporal, econômico e familiar) pulverizadas no desenvolvimento de todo o texto.

A coerência na co-relação entre as séries discursivas principais (N1/N2) pode ser visualizada desde o título: [*Tudo por um filho*] (possibilidade/desafio) ao subtítulo: [*Com a ajuda de casais dispostos a se arriscar, a ciência está vencendo a infertilidade*], ambos trabalhando com a temática do desafio e a disposição de enfrentar obstáculos. As proposições assumem um caráter de batalha. Por um lado, um enunciado apresenta as armas da ciência por jogos de palavras que indicam a superação, a supremacia, por outro, confronta com o incessante desejo de pais, que não se importam com os obstáculos à frente.

Os títulos dos boxes (N4: Tempo/continuidade) e as legendas destacadas referem-se à temporalidade dos avanços das técnicas, construídas sob operadores referindo-se ao presente, ao presente contínuo, ao futuro condicionado sob previsão de futuro, de modo a inferir que com o avanço da ciência os problemas se resolveriam em pouco tempo.

Os títulos dos boxes (N5: Étnicos/raciais) são construídos com a voz de mulheres e casais submetidos às técnicas, indicando as opções que fizeram para atender aos seus desejos de procriação e as alternativas encontradas para contornar seus dilemas morais. Tocam em assuntos polêmicos, que podem ser entendidos como opções de seleção de características físicas, mas construídos por dispositivos que camuflam a raiz do discurso.

Na série (N6: Econômico) relaciona-se aos gastos com as tecnologias reprodutivas. Há também ocultamento ou esquecimento em relação à discussão do acesso às tecnologias reprodutiva na vida das mulheres sem condições de pagar. O enunciado faz uma referência ao serviço público, mas não amplia a discussão. Na série (N7: Família/social) os enunciados contemplam as questões que envolvem o

lugar da família contemporânea, movida pelo desejo de maternidade, como busca incondicional, como indicado no título: Tudo por um filho, parecendo parafrasear o título de um livro brasileiro: *Tudo por um bebê*.

A característica da reportagem dá oportunidade a que apareçam, em praticamente todos os enunciados que compõem o campo científico: impossibilidade do homem (Naturalista), medicalização dos corpos (Clínico), filhos como condição para a felicidade do casal (Família), o aspecto financeiro ao acesso, envolvido nas técnicas (Econômico e Social) e a visão da ciência com seu poder criador da vida, apresentado por um dos “pais do bebê de proveta”.

? **Texto 03: Veja, Ed. 1.705, 20 de junho de 2001, por Karina Pastore**

Título: Precisa-se de reprodutores

Subtítulo: Atenção, homens de 18 a 40 anos: os bancos de sêmen brasileiros estão à procura de doadores

Legenda 1: De sala com vídeos e revistas eróticas para o congelador: coleta e estoque de sêmen

Legenda 2: P.C.M., 33 anos, doador: “não sou bonito, mas minha índole é boa”

FATO: Em busca de doadores, com o apoio da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, acaba de ser lançada a campanha “Doe sêmen e ajude a completar uma família” (do Criolab, o segundo maior banco de sêmen brasileiro).

Temática das séries:

Publicidade	X
Legislativo/judiciário/Ético Normativo	
Clínico	
Étnicos e raciais	X
Interesses e serviços	
Campanha	X
Família	

Leitura das séries:

Os enunciados da série (Divulgação) apresentam-se vinculada ao discurso que remete às demandas do corpo e dos serviços que captam doadores, dividindo-se em dois sentidos: uma orientada pelo princípio de que a atividade de doação se assemelha a quaisquer outros serviços (da ordem produtiva de mercado), embora tratando a questão como doação, mas sem utilizar questões que remetam aos princípios de voluntariado, ou bem-estar, a outra caminha para as estratégias de divulgação (campanha) do banco de espermatozoides. Os dois enunciados vinculam-se também a questões (étnicas raciais), remetendo conceitos de “bom doador”, “reprodutor ideal”, “egocentrismo”, “narcisismo”. De modo geral, os dispositivos textuais vinculam-se a enunciados que entendem o do corpo como objeto de mercadoria para atender a desejos de formação de família.

? **Texto 04: Veja, Ed. 1.706 de 27 de junho de 2001, por ainda Veiga**

Seção: Geral

Retranca: Ética

Título: Incesto de proveta

Subtítulo: Francesa de 62 anos tem um filho gerado com óculo doado por americana e sêmen do irmão

Legenda 1: Jeanine, a mãe tardia, com o bebê e, à direita, acompanhada do irmão, que sofre de paralisia facial por tentativa de suicídio: “consciência tranqüila”

Legenda 2: Sahakian: médico alega que não sabia que se tratava de dois irmãos

FATO: O susto mais recente teria vindo à tona na semana passada. Uma francesa apresentada apenas como Jeanine S., professora aposentada de 62 anos, revelou que o filho que teve no mês passado é fruto da fertilização artificial feita com o sêmen do irmão, Robert, 52.

Temática das séries:

Publicidade	
Legislativo/jurídico/Ético Normativo	X
Clínico	
Étnicos e raciais	X
Interesses e serviços	
Campanha	
Família	X
Financiamento de pesquisas	

Leitura das séries:

A série do texto que desenvolve proposições sobre o incesto apresenta-se vinculada aos enunciados presentes das discussões sobre (Família) remetendo às questões de ordem moral da prática do incesto a partir das técnicas de Reprodução Assistida, orientada pelo princípio das moralidades estabelecidas universalmente. Outra série é a relativa ao aspecto (Legislativo) relacionado à França que proíbe a inseminação em mulheres depois da menopausa e aos Estados Unidos, país que permite tal prática. A série (Étnicos e raciais), com referência aos sujeitos do enunciados, atende a relações que se justificam pelo ponto de vista da herança genética como condição de herança financeira, supostamente motivada pelo uso de técnicas de Reprodução Assistida.

? **Texto 05: Veja, Ed. 1.707 de 04 de julho de 2001, por Ricardo Valladares**

Título: Gugu fez nenê

Subtítulo: Joãozinho nascerá em dezembro, para herdar os milhões do apresentador. A mãe se chama Rose Miriam

Legenda 1: A casa de Rose: quartos serão separados

Legenda 2: A casa da mãe de Gugu: por perto para dar assistência

Legenda 3: Gugu e Rose, que procuraram a clínica de fertilização do doutor Abdelmassih: hormônios para estimular os ovários

Legenda 4: As certinhas de Gugu / O apresentador já foi visto em público com algumas mulheres, que há quem duvide que ele tenha tido qualquer coisa a mais com

Alessandra Scatena (acima, à esq.), Nani Venâncio (acima) e Fabiana Andrade: “Tive, sim”, rebate Gugu

Box: Cegonha de ouro

FATO: Gravidez de dezesseis semanas, da mãe do filho do Gugu, vem a público por meio da internet depois de ter sido descoberta por uma equipe da Rede Globo que fazia uma reportagem na clínica de Reprodução Assistida.

Temática das séries:

Divulgação/Publicidade	X
Legislativo/Ético Normativo	
Clínico	
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	X
Campanha	
Família	X

Leitura das Séries:

A série do texto (Divulgação/publicidade) apresenta-se vinculada a enunciados que remetem ao universo do sujeito da enunciação, uma personalidade de mídia. Faz referência aos interesses à visibilidade pública, a posses materiais e valores que estão em pauta de entretenimento. Por outro lado, os enunciados podem, também, estar relacionados aos serviços de relações públicas de clínicas de RA no Brasil. Em um campo único, as séries fazem co-relação com (interesses e serviços), (Família) e (Divulgação). O discurso é essencialmente de bastidores do mundo televisivo, mas remete ao tema da clássica família que divide a vida privada no ambiente público, onde estão expostos os valores representativos do desejo de ser pai e mãe, coroados como proprietários de bens e de audiência.

? **Texto 06: Veja, Ed. 1.707 de 04 de julho de 2001**

Seção: Colunas

Retranca: Ponto de vista – Luiz Felipe de Alencastro

Título: Papai e mamãe de proveta

Subtítulo: “O progresso da biogenética e os procedimentos da reprodução assistida suscitam reações mescladas de fascinação e de pânico”

FATO: Na França, num caso de ampla repercussão internacional (“Incesto de proveta”, *Veja*, 27 de junho), dois irmãos, Jeanine (62 anos) e Robert (52), fizeram dois filhos meio gêmeos graças aos óvulos de outra mulher.

Temática das séries:

Publicidade	
Ético Normativo/Jurídico	X
Clínico	
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	
Campanha	
Família	X

Leitura das séries:

A série discursiva (Família) apresenta um dos enunciados mais fortemente presente no texto. Coluna assinada, os enunciados apresentados pelo autor passam por vários temas, mas vinculam-se criticamente ao modelo tradicional familiar universalmente aceita. A opinião é construída a partir do fato que anuncia o nascimento de crianças geradas por meio das técnicas de reprodução assistida, por doação de sêmen de um parente da receptora e por doação de óvulos de uma terceira doadora. O enunciador conjuga opiniões apoiando-se em documentação histórica que vão sustentar suas proposições. Partindo do princípio de que as técnicas de reprodução assistida trouxeram um conjunto de família que não se enquadra no modelo tradicional – a série se associa ao aspecto (Jurídico) como um contraponto de que muitos dilemas, acerca da pluriparentalidade, já existiam antes mesmo das técnicas. Aponta novas transformações, por meio das técnicas, porém, sua intenção é mostrar que os dilemas de hoje não diferem de outros semelhantes identificados há séculos, quando filhos eram gerados por laços consangüíneos. Procura mostrar as tensões entre as relações familiares e as normas jurídicas.

? **Texto 07: Veja, Ed. 1708, de 11 de julho de 2001, por Sérgio Martins**

Seção: Geral

Retranca: Família

Título: Meu pai é gay. Minha mãe é lésbica

Subtítulo: Ganha corpo um novo tipo de família: a composta de homossexuais assumidos, que são pais por adoção, inseminação e até mesmo pelo método biológico tradicional

FATO: Ganha corpo um novo tipo de família: a composta de homossexuais assumidos, que são pais por adoção, inseminação e até mesmo pelo método biológico tradicional.

Temática das séries:

Publicidade	
Legislativo/jurídico/Ético normativo	X
Clínico	
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	
Campanha	
Família	X

Leitura das séries:

Os enunciados das séries são entrelaçados entre o comportamento homossexual (Família) e os aspectos (Jurídicos) que envolvem a união civil e o direito dos mesmos de constituírem família. A disposição da matéria, na seção Geral, orienta-se por sua abordagem mais social, cujos especialistas procurados para falar sobre o assunto em questão são fontes das áreas de Psicologia, de Assistência Social com seus modos de localizar o lugar jurídico nas relações sociais.

As proposições são estabelecidas na ordem (Legislativa) e (Jurídica) e não se filiam aos enunciados clínicos ou científicos. O título chama para a questão das técnicas de Reprodução Assistida como recurso buscado por casais de homossexuais, mas no

desenvolvimento do texto o assunto deixa de ser retomado. A proposição voltada para a Reprodução Assistida é posta como um atrativo retórico, servindo como ilustração textual para chamar o leitor a refletir sobre a homossexualidade na sociedade.

? **Texto 08: Veja, Ed. 1.713 de 15 de agosto de 2001, por Daniel Hessel Teich e Ana Santa Cruz**

Manchete de capa: Começou

Seção: Geral

Retranca: Genética

Título: O próximo! Contagem regressiva para a clonagem humana (Capa)

Subtítulo: Grupo de pesquisadores rejeita alertar, menospreza riscos e afirma que iniciará em novembro uma experiência para produzir o primeiro clone humano

FATO 1: Na semana passada, o médico italiano Severino Antinori e seus associados afirmaram, durante uma reunião na Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, em Washington, que a primeira clonagem humana tem início em novembro.

FATO 2: Bush anunciou que vai financiar pesquisas em que cientistas utilizem embriões que foram feitos pelos métodos atuais de fertilização artificial e não puderam ou não precisaram ser implantados nas mães.

Temática das séries:

Publicidade	
Legislativo/jurídico/Ético Normativo	X
Clínico	X
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	X
Campanha	
Família	
Financiamento de pesquisas	X

Leitura das séries:

A unidade da grande série N1 (Clínico/estatístico) apresenta-se sob um contexto de produção fabril, em série, sob a leitura de contagem/produção, cujo enunciado filia-se às representações do mundo produtivo, só que em lugar de máquinas, equipamentos e homens operários, as proposições no sentido de fabricação são transpostas para o laboratório, onde os produtos seriam bebês. A contagem regressiva refere-se para o momento inicial das experiências biológicas, da produção por clonagem, da (re) produção artificial, feita a partir do mesmo mecanismo que habita o imaginário fabril.

Outras séries (Ético-normativos, Jurídicos e moralidade da Igreja) vão se misturando a partir do sentido de fabricação, com proposições identificadas por paralelismos entre recusa e aceitação. Os enunciados são formados sob sentido metafórico e por estratégias de economia discursiva: “baterias de exames”, “barreiras legais”, “monstros genéticos”, “defeito de fabricação”, “técnicas rudimentares” de modo a indicar que as novas técnicas de RA transferiram de lugar a reprodução humana. Por comparação textual de sentido, esse novo lugar de produção é um laboratório-fábrica, ascético e comandado não por operários, mas por batalhões de cientistas.

A vivência desse mundo fabril, porém, é imaginária, mas atrai controvérsias na ciência, da igreja e do âmbito dos países (Legislativo), que seriam as barreiras legais. Dentro dessa grande série do mundo fictício da produção de bebê por clonagem, o enunciador optar por entrelaçar-se com dois argumentos que, para ele, é formado pelo embate definitivo da questão prática. Outra série (Interesses e serviços) funda-se nos enunciados que orientam para empresas, grupos e pessoas que lucram com o anúncio de clonagem em humanos.

Outro fato que constituiu uma outra série discursiva (Financiamento de pesquisas) tem como gancho o anúncio do presidente norte-americano de que favoreceria certos tipos de pesquisa em células de embriões, o desenvolvimento do texto apostou nessa repercussão com dispositivos retóricos que se filiam ao campo científico, sem abrir mão das representações incutidas no universo social.

? **Texto 09: Veja, Ed. 1725, de 07 de novembro de 2001**

Retranca: Maternidade

Título: Quanto mais tarde mais difícil

Subtítulo: Muitas mulheres adiam a gravidez por excesso de confiança na medicina. Mas engravidar depois dos 40 exige sacrifícios

FATO: A Sociedade Americana para Medicina Reprodutiva lançou em setembro campanha nacional para tentar reverter à tendência de adiar a gravidez.

Temática das séries:

Publicidade	X
Legislativo/jurídico/Ético Normativo	
Clínico/ Estatístico	X
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	
Campanha	X
Família – Escala produtiva	X

Leitura das séries:

Como recurso textual, a série discursiva principal (Família) apresenta a construção sob paralelismo entre a faixa etária da mulher e a idade reprodutiva ideal, utilizando enunciados (Clínicos) como argumentos que justificam as dificuldades para engravidar no decorrer do avanço da idade. O discurso mostra-se por meio das séries N1: possibilidades da tecnologia e N2: condição de possibilidades das mulheres engravidarem em idade avançada. Embora disfarçado, há um endeusamento das tecnologias reprodutivas, sob um jogo duplo entre a garantia de gravidez por meio delas e o arrependimento das mulheres que optam pelo “sacrifício”.

As séries enveredam pelas estratégias do campo científico, apresentando técnicas e estatísticas. A construção discursiva foi feita pelo uso de estratégias que atendem ao papel educativo e de serviços jornalísticos; pelos seus modos de tradução. Identificou-se também a série (Campanha), cuja construção tomou como base à repercussão de uma campanha promovida nos Estados Unidos para tentar reverter à

tendência de adiar a gravidez. O fato que remete às estratégias de divulgação, cuja aliança foi formada sobre as condições sociais da mulher, dentro da escala do setor produtivo, aliada aos desejos da maternidade. O enunciado, porém, busca demonstrar que o novo comportamento da mulher não a livrou da culpa, mas a fez merecedora de sacrifícios por ter deixado para trás “seu melhor momento reprodutivo”.

? **Texto 10: Veja, Ed. 1729 de 05 de dezembro de 2001, por Aida Veiga**

Seção: Geral

Retranca: genética

Título: O fiasco do clone

Subtítulo: Anúncio do primeiro embrião humano criado por clonagem não tem valor científico

FATO: Uma pequena empresa de biotecnologia americana, chamada *Advanced Cell Technology (ACT)*, especializada em pesquisas veterinárias, teria divulgado ter conseguido clonar um embrião humano.

Temática das séries:

Publicidade	X
Legislativo/jurídico/Ético Normativo	X
Clínico	
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	X
Campanha	
Família	

Leitura das séries:

As séries (Publicidade), (Ético normativo) e (Interesses e serviços) são identificadas a partir de estratégias discursivas construídas por um recurso de paralelismo entre – crédito e descrédito – que se vinculam à pelo menos a três enunciados: a questão legítima das normas estabelecidas acerca da divulgação das pesquisas científicas, ao descredenciamento, portanto, da divulgação de natureza científica, em primeira mão, em veículos não especializados e, por último aos interesses

e serviços que estariam incutidos nos anúncios do sujeito do enunciado sobre a possibilidade de clonagem reprodutiva em humanos. Na série (Ético normativo), o enunciado circula também sobre o princípio da responsabilidade do especialista que teria se desvinculado das normas éticas profissionais no que se refere a anunciar o feito antes do concreto. O paralelismo vai atender as proposições a partir do fato da notícia que demonstra que em um momento a clonagem parecia fato certo e em poucos dias chegou-se à conclusão de que tudo não passaria de precipitação. As séries discursivas foram montadas sob um jogo de comparações entre o antes e o depois, articuladas sob enunciados que remetem ao campo científico.

6.2 Leitura enunciativa dos textos de 2001

? **Texto 01: Veja, Ed. 1.686 de 07 de fevereiro de 2001**

Título: Sonho (quase) impossível

Subtítulo: As promessas de médicos que se dizem capazes de clonar um ser humano são apenas propaganda enganosa

Leitura enunciativa:

O fato, gerado na semana anterior sobre o anúncio do médico que pretendia coordenar um grupo internacional de especialistas para tentar, pioneiramente, clonar um ser humano a partir de uma célula retirada de uma pessoa adulta, sucedeu a uma montagem enunciativa com característica analítica.

Embora no título o enunciado se apresente de forma dúbia [Sonho (quase) impossível], infringindo a objetividade requerida na norma de redação de título, há coerência textual com o subtítulo, já que o substantivo abstrato “sonho” é metaforizado no sentido de devaneio e de fantasia, associando-se com as *promessas*¹ de médicos que se dizem capazes de clonar um ser humano são apenas *propaganda enganosa*. Ao mesmo tempo, o parêntese busca assegurar que aquela informação pode ser provisória, tendo em vista que o discurso que rodeia a questão aponta que há uma dinâmica constante.

1. Grifos nosso.

De modo geral, o conjunto do texto é enunciado por meio de um *Ethos* de alguém que julga médicos e cientistas que anunciam a criação de um clone humano. Mesmo na abertura do texto, o enunciador apresenta um posicionamento construído a partir da análise dos fatos surgidos no período, para, em seguida, conduzir a narrativa de modo impessoal, utilizando a descrição do método de clonagem de Dolly, dando voz às fontes especializadas como testemunhos de que “As chances de sucesso da clonagem humana são tão pequenas que é irresponsável encorajar as pessoas a acreditar nessa possibilidade”. De modo generalizado, o enunciador lança mão de informações atribuídas a quatro laboratórios, partindo do acontecimento de que o sucesso da clonagem em animais não ocorre com facilidade, mostrando exemplos de experiências que sucederam em problemas do que em sucesso. Por essa via de clonagem em animais, o enunciador busca justificar que, em humanos, a situação pode ser semelhante. Ao mesmo tempo em que utiliza estratégias, para mostrar-se neutro, ele interfere nas questões, buscando apenas testemunhos para autorizá-los como neutro.

O argumento é construído com base na interpretação de que cientistas e especialistas não se convenceram das experiências da clonagem. Apóia-se na demonstração das técnicas de pesquisas de clonagem da ovelha Dolly, afirmando que tal experimento foi dispendioso e que não vale a pena ser repetido. Questiona a validade dos anúncios de médicos e pesquisadores na mídia sobre as experiências em clonagem humana. Argumenta que o discurso de alguns cientistas é entrelaçado com a publicidade. [É cada vez maior o número de médicos e pesquisadores que se julgam a um passo de produzir um clone humano. Dão larga publicidade à idéia de que, com o arsenal de técnicas de reprodução artificial e de engenharia genética, a clonagem humana seria um passeio. *Não é*].

Como estratégia de economia discursiva entre o assunto tratado na matéria e a disposição dos assuntos, a revista utiliza a retranca Genética, dentro da seção Geral, como campo mais específico para abordar assuntos ligados à genética de um modo geral. É uma estratégia que casa com o assunto da notícia sobre o uso da clonagem na reprodução humana, justificada pelo seu mote, que partiu da criação por clonagem da ovelha Dolly.

? **Texto 02: Veja, Ed. 1.699 de 09 de maio de 2001**

Manchete de capa: Tudo por um filho

Chamada: Nove em casa dez brasileiros inférteis conseguem ter filhos com a ajuda da medicina

Título: Tudo por um filho

Subtítulo: Com a ajuda de casais dispostos a se arriscar, a ciência está vencendo a infertilidade

Legenda 1: já nasceram 300.000 bebês, 7.000 deles no Brasil

Legenda 2: 99% das mulheres estéreis já podem ser mães

Lateral 1: As técnicas que garantem a gravidez em laboratório

Lateral 2: O que vem por aí

Box 1: “Eu adotei um embrião”

Box 2: “Escolhi o sexo do bebê”

Box 3: Pais com idade de avós

Box 4: Uma aposta no futuro

Box 5: Enquanto isso, nos orfanatos...

Lateral 2: “Logo teremos a clonagem” (entrevista Peter Brinsden)

Leitura Enunciativa:

O enunciado parte do fato gerado na semana anterior de que cientistas americanos anunciaram o nascimento de quinze bebês gerados a partir de óvulos geneticamente alterados (identificado somente na sexta página da reportagem). O autor tenta manter-se neutro na enunciação quando utiliza estatísticas, índices, intercala vozes de pais e de especialistas, mas o seu *Ethos* incorpora adjetivações que saem do campo neutro filiando-se na dimensão opinativa para mostrar a ousadia de cientistas e dos pais como “espetacular”. Como estratégia de legitimação entre o assunto tratado na matéria e a sua disposição, a matéria de capa da revista utiliza a retranca *Especial*, e não mais um

campo específico como genética, já que apresenta uma diversidade de questões que vão desde comportamento dos sujeitos do enunciado ao aspecto clínico. Essa generalidade parece uma estratégia para atrair amplo segmento de leitores.

A parte textual em destaque da matéria apóia-se no campo clínico. Os boxes e as legendas, nas oito páginas, têm como mote estatísticas, números e descrição de métodos que garantem a gravidez em laboratório. Os quatro boxes intitulados com a voz de casais que optaram por métodos de reprodução assistida legitimam o senso comum e as vozes de pais que tentaram e “ficaram felizes” com os resultados das técnicas, descrevendo também a questão do abandono de crianças em orfanatos. O enunciador permite que se acentue o *Ethos* valorativo, superdimensiona os poderes das técnicas “novíssimas”. Nessa oportunidade expõe sua lógica persuasiva (*Logos*) pela demonstração de que o Brasil ocupa posição privilegiada no cenário internacional no que se refere as práticas em reprodução assistida.

Ao final do texto, o enunciador, depois de percorrer os principais problemas da infertilidade, o uso da técnica como solução para todos eles, recolhe-se ao apelo emotivo (*Pathos*), de modo a conformar o leitor que melhor é o nascimento natural, intuindo que a mentalidade do leitor ainda aposta primeiramente no método natural. Enunciados do tipo “ultrapassando barreiras” estão entrelaçados para anunciar que tanto os desejos de pais como da ciência estão sendo atendidos. O argumento apóia-se no princípio da superação da técnica, construído sob a significação do discurso científico de que os limites do corpo podem ser vencidos pela medicalização possibilitada pela ciência. Os depoimentos sobre as dificuldades de pais [que não conseguem ter filhos por métodos naturais], devido à infertilidade por diversas razões, são explicados por argumentos de médicos que atestam a excelência da ciência: “a ciência já é capaz de vencer batalhar em nove de cada dez casos de infertilidade”, como autorização para convencer de que a impossibilidade do corpo pode ser vencida.

? **Texto 03: Veja, Ed. 1.705, 20 de junho de 2001**

Título: Precisa-se de reprodutores

Subtítulo: Atenção, homens de 18 a 40 anos: os bancos de sêmen brasileiros estão à procura de doadores

Legenda 1: De sala com vídeos e revistas eróticas para o congelador: coleta e estoque de sêmen

Legenda 2: P.C.M., 33 anos, doador: “não sou bonito, mas minha índole é boa”

Leitura Enunciativa:

O título apresenta uma linguagem de anúncio publicitário e em coerência textual com o subtítulo. Com retórica conativa, cujo modo verbal predomina o imperativo, a exemplo do subtítulo: [Atenção, homens de 18 a 40 anos: os bancos de sêmen brasileiros estão à procura de doadores], há uma estratégia que adequa-se ao assunto da notícia sobre a existência da campanha de doação de sêmen, buscando um tom da linguagem publicitária na descrição da atividade.

De modo geral, o conjunto do texto é enunciado por meio de um *Ethos* de alguém que se apresenta onisciente no local do acontecimento. O enunciador apresenta um posicionamento essencialmente descritivo, valorizando a situação do ambiente e o comportamento dos doadores de sêmen quando estão no local, dando voz às fontes como testemunhos que vivenciaram a atividade, que conheceram o ambiente e, ainda, que se constrangeram. O enunciador chama o leitor pelo título na forma tradicional de anúncio como se dirigida aos homens e vivida por eles.

O argumento é construído a partir do *slogan* da campanha do laboratório: “Doe sêmen e ajude a completar uma família”, reproduzindo a linguagem publicitária, cuja significação remete à vaidade masculina. Há um deslocamento do que se atende por beneficência. A identidade individual do doador (voluntário) é apresentada como egocêntrica, mais em busca da perpetuação da espécie e da vaidade do que como benevolência. O texto deixa em seu rastro uma interpretação que marca as campanhas de cunho comercial e não as desenvolvidas pelo setor Saúde, cujo princípio é de utilidade pública. O enunciador apresenta o corpo como mercadoria. Como *documentação*, o enunciador lança mão da comparação entre os Estados Unidos e o Brasil, comparando a exigências legais entre os dois países.

? **Texto 04: Veja, Ed. 1.706 de 27 de junho de 2001**

Seção: Geral

Retranca: Ética

Título: Incesto de proveta

Subtítulo: Francesa de 62 anos tem um filho gerado com óvulo doado por americana e sêmen do irmão

Legenda1: Jeanine, a mãe tardia, com o bebê e, à direita, acompanhada do irmão, que sofre de paralisia facial por tentativa de suicídio: “consciência tranqüila”

Legenda 2: Sahakian: médico alega que não sabia que se tratava de dois irmãos

Leitura Enunciativa:

Como estratégia de economia discursiva e contrato entre o assunto tratado na matéria e a disposição dos assuntos, a revista utiliza a retranca Ética, dentro da seção Geral, como campo mais específico para abordar assuntos ligados às questões técnicas que agora interferem no modo de agir universalmente aceito.

De modo geral, o conjunto do texto é enunciado por meio de um *Ethos* que julga a atitude da mulher que buscou a técnica para gerar um filho com sêmen do irmão. O enunciador apresenta um posicionamento neutro ao informar sobre o fato, utilizando depoimentos de médicos e especialistas que utilizam a técnica. Ao enunciar sobre o universo familiar, seu *Ethos* ancora-se sob a perspectiva moral, conduzindo a narrativa com argumentos cujo conteúdo aponta para fatos que, pelo seu ponto de vista, já estão aceitos por toda a sociedade.

O enunciado das moralidades é dirigido pelo âmbito familiar, omitindo eventuais ressalvas acerca da responsabilidade do especialista que utilizou o método. Tal fonte dirime suas responsabilidade a partir da alegação de que a paciente teria mentido sobre seu parentesco com o doador e que fez o procedimento porque não sabia de que se tratava de dois irmãos. O enunciador, porém, omite ou é negligente diante de uma questão relevante nesse sentido: a julgar pelo rigor de procedimentos dessa natureza, o caso aponta que, no mínimo, o ato do médico decorreu sem avaliação prévia sobre a

vida do casal, fatos que costuma aparecer como necessários antes de intervenções de tal tipo. Este fator é esquecido na investigação jornalística, uma vez que a matéria provavelmente foi originada de agências de notícias ou da internet. O recurso para trazê-lo para a arena local apoiou-se na repercussão do fato com especialistas brasileiros e por uma comparação de um caso de uma brasileira que gerou filhos com idade superior ao período normal de gravidez.

A questão do incesto sofre uma atualização, cujo ressurgimento decorreu das possibilidades das técnicas de RA, no caso a doação. Para sustentar o argumento, as falas de especialistas mobilizam a mesma tendência, vinculando a discussão para o ponto de vista a postura moral e ética de quem utiliza a técnica, deixando fora qualquer reflexão a cerca das técnicas de reprodução assistida de quem a pratica.

? **Texto 05: Veja, Ed. 1.707 de 04 de julho de 2001**

Título: Gugu fez nenê

Subtítulo: Joãozinho nascerá em dezembro, para herdar os milhões do apresentador. A mãe se chama Rose Miriam

Autor: Ricardo Valladares

Legenda 1: A casa de Rose: quartos serão separados

Legenda 2: A casa da mãe de Gugu: por perto para dar assistência

Legenda 3: Gugu e Rose, que procuraram a clínica de fertilização do doutor Abdelmassih: hormônios para estimular os ovários

Legenda 4: As certinhas de Gugu - O apresentador já foi visto em público com algumas mulheres, que há quem duvide que ele tenha tido qualquer coisa a mais com Alessandra Scatena (acima, à esq.), Nani Venâncio (acima) e Fabiana Andrade: “Tive, sim”, rebate Gugu

Box: Cegonha de ouro

Leitura Enunciativa:

Como estratégia de legitimação entre a questão tratada na matéria e a disposição dos assuntos, a revista utiliza a retransmissão Televisão, dentro da seção Artes e espetáculos,

para abordar assuntos do universo da visibilidade privada para a esfera pública, voltada para a curiosidade do mundo dos “olimpianos”. O enunciado é característico de revistas de entretenimento: não tem compromisso com descrições ou abordagem científica. Os fatos colhidos não são originados de uma fonte específica de divulgação, mas como boatos surgidos na internet, passando para uma esfera de especulações e depoimentos de pessoas de televisão envolvidos com a celebridade que estaria utilizando métodos de RA para gerar uma criança. Não utiliza descrições médicas, mesmo porque a matéria apresenta um tom especulativo e, supostamente, não-autorizado, portanto, não conta a credibilidade médica. A matéria apela pela lei da informatividade, utilizando uma figura “Olimpiana” da mídia brasileira – como ênfase na construção do enunciado jornalístico. A RA entra como enfoque da enunciação para reforçar o caráter de atualidade e adesão da técnica por uma figura pública e pelo lado emotivo (*Fathos*).

O argumento é construído de modo especulativo, mas parece construído com certa anuência da pessoa em questão e gira em torno de observações que rodeiam a vida pública da celebridade.

? **Texto 06: Veja, Ed. 1.707 de 04 de julho de 2001**

Seção: Colunas

Retranca: Ponto de vista

Título: Papai e mamãe de proveta

Subtítulo: O progresso da biogenética e os procedimentos da reprodução assistida suscitam reações mescladas de fascinação e de pânico

Leitura Enunciativa:

Esse enunciado assume uma dimensão diferente por se tratar de um artigo, explicitado em coluna pelo nome do autor. O *Ethos* do enunciador é declarado, cuja posição remete para proposições analíticas acerca do fato noticiado no período. A função do enunciador é de criar um fórum para troca de comentários e críticas sobre um assunto que está na ordem do dia, que vem sendo atualizado, mas que provoca controvérsias. Busca por meio de uma documentação a elucidação sobre os valores da sociedade, fazendo um comparativo entre o incesto nas relações familiares antes do

advento das técnicas mais precisas de reprodução assistida. O enunciador busca decifrar os rastros deixados pelos homens em suas relações familiares e jurídicas, apresentando a informação e a opinião, configuradas na descrição e na versão dos fatos.

? **Texto 07: Veja Ed. 1708, de 11 de julho de 2001**

Seção: Geral

Retranca: Família

Título: Meu pai é gay. Minha mãe é lésbica

Subtítulo: Ganha corpo um novo tipo de família: a composta de homossexuais assumidos, que são pais por adoção, inseminação e até mesmo pelo método biológico tradicional

Leitura Enunciativa:

O texto é iniciado com um diálogo. MAINGUENEAU (1998, 87) caracteriza esse recurso como cena de enunciação a *cenografia*. A abertura – uma conversa entre um jovem casal – foi construída como estratégia discursiva para convidar o leitor a participar imaginativamente de um diálogo que envolve um assunto que traz muita polêmica – o homossexualismo/casamento.

Globalmente, o texto que se configura sob *tensões entre as cenas* traz um procedimento que se apóia, ao mesmo tempo, por uma amostra de discurso social (*cena englobante*), relações jurídicas – casamento homossexual (*cena genérica*) que se apresenta como uma discussão familiar (*cenas validadas*) – instalada na cultura das pessoas – representação popularizada pela mídia. Mas estas diversas cenas são conflituosas.

Assim, a cena genérica das relações matrimoniais entre homossexuais se harmoniza momentaneamente com a comparação com outros países e pela convivência já legitimada entre alguns casais e filhos, na ordem privada, demonstrada pela descrição. No texto, essas tensões parecem ser resolvidas ou atenuadas durante a construção de algumas frases no decorrer do texto e particularmente na última frase

quando é introduzida a cena validade [família feliz, só que um pouquinho diferente], transformando a cena social conflituosa por uma cena resolvida, que é apenas verbal.

O texto legitima o quadro de enunciação de um discurso (*cena englobante*) relacionado a uma questão moral (*cena genérica*), jurídica (*genérica*) que se apresenta como um fato vivenciado no cotidiano das pessoas (*cena validada*). Não aparece na reportagem as descrições médicas acerca dos procedimentos de RA. Tal assunto é apresentado no subtítulo apenas para reforçar que a técnica está sendo utilizada por casais de homossexuais para terem filhos. O mote da questão, no entanto, são os homossexuais como elementos que também desejam configurar uma família no retrato social do país.

No sentido de família como instituição, o aspecto jurídico é a tônica do Estado, com seus instrumentos que impedem formatos de família ainda não aceitos e acomodados em leis. A comparação do caso brasileiro é feita a partir de descrições da situação jurídica de outros países. O argumento da reportagem busca apresentar ao leitor que existe uma lacuna na legislação brasileira que impede com que solteiros adotem crianças.

O enunciador faz um ordenamento de fatos para verificar que hoje há uma reviravolta na psicologia, tanto que apresenta opiniões acerca do posicionamento de especialistas agora divergentes de outros momentos que orientavam aos pais que não contassem para os filhos pequenos suas condições homossexuais. Antes a posição de não contar, agora a de contar para os pequenos. Os depoimentos dos entrevistados são ordenados de modo que seja reforçada a postura do “politicamente correto”, mas, daí em diante, o texto ancora-se no aspecto legal acerca das relações de pessoas do mesmo sexo. Procura convencer o leitor de que pelo fato da lei não amparar a união civil entre homossexuais, que reforça o preconceito e ainda que os filhos passariam a enfrentar problemas de ordem emocional por causa do preconceito.

O enunciador utiliza também cenas das representações de que os homossexuais podem ser um retrato de uma família feliz. Para isso a justificativa temática do amor, figurativamente apresentada por uma enunciação retórica, como fato único que interessa na formação de uma família. Aponta os juristas “conservadores” como a única instância que não se tem sensibilizado para a questão. O enunciado dar a entender que o novo

modelo de família parece mais aceitável para a sociedade, mas há o entrave do poder judiciário.

? **Texto 08: Veja, Ed. 1.713 de 15 de agosto de 2001**

Manchete de capa: Começou

Seção: Geral

Retranca: Genética

Autores: Daniel Hessel Teich e Ana Santa Cruz

Título: O próximo! Contagem regressiva para a clonagem humana (Capa)

Subtítulo: Grupo de pesquisadores rejeita alertar, menospreza riscos e afirma que iniciará em novembro uma experiência para produzir o primeiro clone humano

Leitura Enunciativa:

O enunciador inicia o texto generalizando a questão entre dois pólos, através dos fatos já conhecidos pelo público desde “semana passada” sobre a afirmação do médico italiano Severino Antinori e seus associados de que a primeira clonagem humana teria início em novembro, a repercussão de representantes de países (França e Alemanha) pedindo um diálogo para banir a clonagem de seres humanos e sobre o anúncio de Bush que financiaria pesquisas em que cientistas utilizem embriões que foram feitos pelos métodos atuais de fertilização artificial e não puderam ou não precisaram ser implantados nas mães.

O enunciador utiliza a estratégia de abrandamento das tensões já permeadas no texto, utilizando frases que vão declinando, escamoteando situações: [os detalhes práticos já avançados do extraordinário experimento] provocou “inquietações” entre a comunidade científica e o governo.

Os depoimentos postos vão-se atenuando e sendo direcionados para afirmações de cientistas que contribuiram com “impulso à pesquisa genética”. Garantindo a validade do argumento de que agora a clonagem seria um fato sem retorno.

O enunciador também usa operadores para levar o leitor a conclusões: [Os doutores da clonagem receberam o convite de *meia dúzia de governos em diversas partes do mundo* dispostos a financiar a aventura]. A partir de então, o enunciador não

incorpora mais a esperada neutralidade e conduz a reportagem apelando pela [sensação bem mais forte de que, funcionamento ou não, a clonagem de um ser humano parece inevitável]. Desta forma, bombardeia o leitor com afirmações intercaladas de dois cientistas (um estrangeiro e um brasileiro) convencendo de que “passada a gritaria inicial, a clonagem se tornará rotina”. Quanto ao posicionamento contrário, estes são tratados apenas como “alguns opositores” e “os opositores”, omitindo as tradicionais credenciais oficiais. A chamada omissão ou esquecimento serve para contribuir na estratégia de convencimento da enunciação especulativa pró-clonagem.

Como o enunciador sabe que, além do convencimento racional, demonstrado pelas falas científicas e as estatísticas, o leitor é levado pelo convencimento emocional (*Phatos*), ele utiliza essa estratégia: [E se der certo?]. À pergunta, o próprio enunciador responde por meio da descrição da imagem que convenceu outrora, na oportunidade do nascimento do primeiro bebê de proveta: [A imagem de um bebê clonado perfeito, cor-de-rosa, choramingando no colo da mãe mudaria o mundo científico para sempre].

Ainda para justificar a possível semelhança entre os dois fatos científicos, o enunciador não se esquece de mostrar comparativamente, em estatística, que naquele momento de [*técnicas rudimentares* de reprodução *in vitro* davam certo em apenas 5% dos casos. Hoje beiram os 50%].

O enunciador também não deixa escapar outro forte argumento contrário a clonagem, os riscos e benefícios são confrontados com as experiências feitas em animais (mamíferos). Descreve, com números, as chances de produzir um bebê vivo, as perdas, os fetos defeituosos, riscos de vidas, problemas de saúde dos que chegarem a nascer e a suposta quantidade daqueles sadios.

A preocupação em garantir depoimentos que venham a justificar os acontecimentos apresentados na matéria, não se mostra tão aguda do início ao final da reportagem. Há valorização das descrições do método, a relação com o posicionamento da Igreja e o debate científico vivido historicamente. Foi apresentando o depoimento vivo da Igreja, com a voz de um representante brasileiro da Igreja e não mais a voz do Papa, veiculada pelas agências de notícias. Outro argumento que circula o texto é a existência de seita religiosa supostamente interessada no desenvolvimento de um clone humano.

Ressurge o previsível enfoque nas pessoas que nutrem o desejo de se clonar. Desta vez, o argumento não apresenta às declarações de estrelas ou de milionários. Variando um pouco do que se costuma apresentar no noticiário, o “Olimpiano” da vez, que de alguma forma, pode lucrar com as especulações sobre clonagem em humanos, é o presidente de uma fundação, a Human Cloning Foudation.

O texto é desenvolvido também a partir da notícia de que o presidente dos Estados Unidos favoreceria certos tipos de pesquisa em células de embriões. Fato que rendeu uma atualização do assunto em discussão durante as semanas anteriores, apresentando as repercussões de personalidades que representam as pesquisas em clonagem (animal). Passadas a repercussão da notícia, deixam de haver fatos novos e o desenvolvimento orienta-se para as descrições sobre o procedimento da clonagem em animais apresentada pelos pesquisadores que buscam o intento. O problema físico ocorrido com a ovelha Dolly continua sendo lembrado, atualizando-se a partir de comparações do qual o construto técnico operaria em uma suposta clonagem em humanos.

Enfim, lançadas às principais polêmicas, a voz do cientista que quer levar a clonagem a termo é realçada: “É inevitável ter problemas agora. Tanto quanto é inevitável que esses problemas tendam a diminuir com o crescente domínio da técnica”, [diz Antinori]. O enunciador fecha o argumento pretendido sem ter que utilizar suas palavras, prevalece um *Ethos* manifesto no título da reportagem: À espera do próximo!

? **Texto 09: Veja, Ed. 1725, de 07 de novembro de 2001**

Retranca: Maternidade

Título: Quanto mais tarde mais difícil

Subtítulo: Muitas mulheres adiam a gravidez por excesso de confiança na medicina. Mas engravidar depois dos 40 exige sacrifícios

Leitura Enunciativa:

O texto apresenta que as opções historicamente definidas vêm mudando para a mulher no que se refere à sua vida reprodutiva e o setor produtivo. O enunciador constrói o texto a partir da lógica de um comportamento social mantido ao longo do

tempo, em que as mulheres conciliavam suas vidas reprodutivas no cotidiano social. A partir de descrições da tradição do universo feminino, relacionado sua vida reprodutiva: [Primeiro se formar. Depois fazer carreira. Daí aproveitar o máximo a vida a dois...], o enunciador apresenta o *Ethos* que vê a mulher como culpada por ter deixado sua idade reprodutiva para trás: [a essa altura, a mulher deixou para trás seu melhor momento biológico para engravidar]. No entanto, ele dirige a contradição em outra direção: [por excesso de confiança na medicina as mulheres passaram a pensar na gravidez com idade tardia, depois dos 40 anos]. É nessa ordem que o texto trabalha à questão do arrependimento.

A enunciação é orientada por um exemplo de uma personalidade da mídia nacional, que se submeteu a tratamentos que lhe permitiu engravidar aos 44 anos. O fato, porém, é realçado para alertar que nem todas as mulheres podem conseguir tais recursos, sem passar por sacrifícios. Um depoimento de um especialista é inserido para assegurar que há transtornos nesse processo. Momento em que o enunciador trabalha com uma série de estatísticas comparativas, mostrando que os índices indicam a dificuldade. A voz de um especialista brasileiro, conhecido como “o pai científico de bebês de proleta e recordista em reprodução assistida” é apresentada como a garantia de que aquilo de que se fala é realmente atestado pela autoridade no assunto.

O texto tomou como base à repercussão de uma campanha promovida nos Estados Unidos para tentar reverter à tendência de adiar a gravidez. Parte de uma orientação da campanha, mas o enunciador não desenvolve a partir dos argumentos da própria campanha. Ele apresenta um breve comentário acerca dos meios de divulgação naquele país, dando um quadro em que [as americanas, em benefício da carreira profissional, tornaram-se as campeãs mundiais da gravidez em idade madura].

Com essa apresentação, o enunciador começa a trabalhar com exemplos locais de mulheres que passam ou passaram pelo drama de buscar uma gravidez tecnicamente assistida. A reportagem não vislumbra apenas a demonstração das técnicas e seus resultados, ela vai buscar a “ilusão” no pensamento de adiar a gravidez. Os exemplos trazem, as conseqüências dessa ilusão: “esperança”, “engano”, “cotidiano nas clínicas”, “frustrações”, passando também pela “culpa”.

São apresentados depoimentos de casais e de mulheres em cada uma das situações mencionadas acima, com destaque em legendas dispostas entre aspas. Em relação à culpa, o enunciador quebra a objetividade mostrando *Ethos* contraditório: [a culpa é do avanço da reprodução assistida: tanto alarde se fez - ...]. O enunciador, apesar de colocar a culpa nesse fator, tem uma postura dualista, ao reconhecer sua validade: [com razão, pelos benefícios que proporcionou – em torno de driblar a infertilidade que se criou à ilusão de que as mulheres detêm agora controle total sobre sua vida] Ou seja, mostra um discurso solidário com a opção feita no argumento principal da matéria, mas não menospreza nem aprofunda o porquê da “ilusão”.

Por meio de um *box* (*Box 1*) as técnicas são apresentadas em caráter informativo, utilizando estratégias de facilitação: [como é], “possíveis efeitos” e [quanto custa cada método]. Há um caráter de jornalismo de serviço. Em outro *box* (*Box 2*) um gráfico mostra a relação entre idade e a possibilidade de gravidez.

O fato que originou a reportagem parece atender a uma orientação que partiu de entidade internacional ou de seus representantes nacionais. O argumento buscado na matéria é mostrar o peso da opção na vida das mulheres que deixaram para trás o melhor momento de ter filhos. O gancho da matéria é apresentar a relação da vida reprodutiva da mulher — o meio produtivo em sociedade, embora não avance na questão social — e o arrependimento dessas mulheres. O enunciado apóia-se no *Pathos*, para prender o leitor a partir dos relativos de quem viveu ou passa pela experiência difícil do cotidiano das clínicas e por seus dramas morais.

? **Texto 10: Veja, Ed. 1729 de 05 de dezembro de 2001**

Seção: Geral

Retranca: genética

Título: O fiasco do clone

Subtítulo: Anúncio do primeiro embrião humano criado por clonagem não tem valor científico

Leitura Enunciativa:

O enunciador coloca no subtítulo o termo “validade científica”, como se fosse repercutir o assunto principalmente com a voz dos cientistas, mas na verdade busca noticiar o factual ocorrido na semana sobre as atitudes tomadas em nível internacional, representadas pela Igreja, pelo Parlamento Inglês e pelo Congresso Americano. Para legitimar o termo “valor científico”, a matéria busca como fonte – e insere pequenas falas – cientistas que seriam as autoridades do assunto em questão: o criador da ovelha Dolly e um médico brasileiro tratado como a principal voz em termos de reprodução assistida. Por fim, a voz do presidente da empresa que fez o anúncio do clone humano, “admitindo” que o assunto teria sido levado a público de forma precipitada. Com essas três vozes, o texto justifica o seu ponto de vista de que o anúncio, pelo menos nesse momento, seria um “fiasco”, confirmado pelos próprios cientistas. O texto também enfatiza a validade da pesquisa científica – garantida a partir de divulgação em veículos específicos e não na imprensa “leiga” ou “obscura”.

O texto atende às regras que legitimam a questão tratada na matéria e a disposição dos assuntos. Utiliza a retranca Genética, na Seção Geral, como campo específico para abordar assuntos ligados à Genética de um modo geral. Mais uma vez a revista pauta o assunto da clonagem como uma questão de tempo, retomando a expectativa gerada nos anúncios “da semana passada” para, em seguida, conduzir a narrativa trazendo a público que mais um anúncio [feito com alarido de um lançamento de Hollywood, pôs fogo na discussão ética sobre a criação de vida humana em laboratório].

Apresentando as vozes que norteiam essa discussão ética e normativa/legal: Vaticano, Parlamento inglês, Congresso dos Estados Unidos. Depois desse desenvolvimento, o enunciador apresenta a tal notícia que mais uma vez seria desbancada: [Tratou-se de uma experiência incipiente, transformada em autopromoção por um grupo de cientistas mais preocupados com notoriedade que com ciência]

Depois que apresenta um perfil da “pequena” empresa especializada em pesquisas veterinárias, o enunciador começa a utilizar a descrição do método de clonagem de Dolly. Em seguida dá voz às fontes que vão explicar o equívoco

técnico da pesquisa em questão, como testemunhos de que alguns médicos e cientistas apostam na publicidade.

Para não esgotar o assunto de modo descredenciado, o enunciador lança mão de argumentos sobre a forma de divulgação dos assuntos de pesquisa, ao que seria a praxe do meio científico: o de que [seja feito em grandes publicações científicas, que submetem à apreciação de especialistas antes de divulgá-los]. Essa atitude não foi tomada pelo anunciante do laboratório, que preferiu [uma revista de ciências para leigos, um semanário de notícias e um jornal técnico obscuro]. Fecha a questão com o depoimento de um dos autores da pesquisa, o veterinário argentino José Cibelli, admitindo, “na terça passada”, que houve pressa em anunciar a clonagem de seres humanos antes de ter resultados concretos, o enunciador busca na matéria a conformação das abordagens de cunho científico, mesmo que essa tenha sido tratada de forma descredenciada.

6.3 Leitura das séries discursivas das matérias de 2002

? **Texto 01: A última de Antinori**

FATO: Jornal no Oriente Médio publica notícia de que as pesquisa estão caminhando e que um embrião clonado já teria sido implantado em uma mulher, que estaria na oitava semana de gravidez.

Temática das séries:

Publicidade	X
Legislativo/Ético Normativo/ Financiamento de pesquisa	X
Clínico	
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	X
Campanha	
Família	

Leitura das Séries:

A primeira série (N1- Divulgação) tem relação com dois tipos de enunciados: o de que a divulgação gerada pelo anúncio de Antinori não teria caráter científico (normativo) por não ter sido feita em veículo especializado; e o outro, de que a publicidade seria consequência dos (interesses pessoais ou de grupo) buscados pelo médico ao anunciar a possibilidade de clonagem com efeito de reprodução humana. Faz aparecer também proposições do universo financeiro – o de supostos patrocinadores e apoio logístico envolvendo o financiamento das pesquisas do médico ou do grupo. Os enunciados circulam também pela arena deontológica das entidades que normatizam a postura dos profissionais, dando visibilidade às credenciais das fontes científicas; orientam-se pela valorização da difusão das informações científicas.

? **Texto 02: Os filhos do silêncio**

FATO: Realização de testes de audiologia do bebê gerado por inseminação artificial

Temática das séries:

Publicidade	
Legislativo/Ético Normativo	
Clínico – técnico-científicos	X
Étnicos e raciais	X
Interesses e serviços	
Campanha	
Família	X

Leitura das séries:

Localiza-se dois aspectos na série (N1: Família): o de desejo de casal de homossexuais femininos formarem uma família com filhos, com a garantia das técnicas de reprodução assistida e a seleção genética (étnicos e raciais) por meio dessas mesmas técnicas. As séries se cruzam a partir da inserção de enunciados (técnico-científicos) que dão conta da existência de “s sofisticado teste auditivo”, as garantias de acuidade do mesmo, com estatísticas do universo das populações com problema de audição e das probabilidades da herança genética da surdez.

O caso curioso mobilizou outros enunciados, que partem da temática (normativa), na busca de afirmações de especialistas que atestem uma posição sobre a opção do casal em ter filho com problemas auditivos. A resposta buscada esbarrou na constatação de que o desejo dos sujeitos da enunciação em questão se firma no conceito de eugenia, só que por uma visão contrária – a do defeito genético, evidenciando que os desejos às vezes são insólitos.

? **Texto 03: A ditadura do relógio biológico**

FATO: Lançado, nos EUA, o livro *Creating a life: Professional Women and Quest for children*.

Temática das séries:

Publicidade	X
Legislativo/Ético Normativo	
Clínico	X
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	X
Campanha	X
Família	X

Leitura das séries:

Construída a partir da correlação entre o transcurso da melhor idade biológica para o período de gravidez e a cronologia temporal associada aos processos produtivos, em sociedade, a grande série (N1-Família) se apóia na série que apresenta argumento de pesquisa científica (N2-Clínico-estatístico) que indica a ascensão do número de mulheres que optaram pela gravidez em idade acima dos 35 anos, onde são apresentadas estatísticas e condições clínicas relativas aos problemas de gravidez nesse período biológico. Nesta série são apresentadas outras leituras, que vão desde o arrependimento, às crenças e aos sacrifícios pelos quais muitas mulheres tiveram que se submeter para recuperar o sonho da maternidade. Os enunciados das primeiras séries são apresentados para sustentar o argumento do lançamento de um livro (divulgação/interesses e serviços), lançado nos Estados Unidos, o que indica a problemática questão da gravidez tardia. É a partir de então, que os enunciados sociais e clínicos saltam para a arena de visibilidade (N3-Divulgação/campanha) patrocinada por entidades médicas e pelos serviços de divulgação do livro, passando também pelas comparações com as figuras midiáticas contemporâneas.

? **Texto 04: O tubo não é tudo de bom**

FATO: Estudo publicado recentemente em revista científica *The New England Journal of Medicine* – bebês concebidos por RA tem mais que o dobro da probabilidade de nascer com complicações de saúde.

Escolha temática das séries:

Publicidade	
Legislativo/Ético Normativo	X
Clínico	X
Étnicos e raciais	
Interesses e serviços	
Campanha	
Família	

Leitura das séries:

Em termos de encadeamento entre os enunciados que correspondem ao texto e a disposição textual na revista, a série principal identificada (N1-Clínico) associada ao *Risco*, tem coerência textual com a retranscrição Reprodução. O título, que utiliza a palavra *tubo*, associa-se ao sentido apresentado no subtítulo *bebês de proveta*, ao tempo que apresenta oposição (do que) os gerados naturalmente. Por meio dessa estratégia de oposição que o texto vai sendo construído, a série primeira (N1) vincula-se aos enunciados clínicos do risco para as crianças nascidas com a ajuda das técnicas de reprodução assistida. Os enunciados clínicos são originados de fonte científica, os quais apresentam um vasto número de proposições, indicando: doenças, distúrbios ou problemas associado ao uso das técnicas, além de estatísticas. Pode-se perceber que o intuito de tais proposições é comprovar o que se diz. São citadas entidades e fontes científicas (N1), esclarecendo sobre os riscos da gestação e sobre a responsabilidade inculcada na carreira dos profissionais, que, muitas vezes, deixam de alertar sobre os riscos das técnicas de reprodução assistida.

? **Texto 05: Onde estão os bebês gênios**

FATO: Na semana passada, a segunda criança a nascer e a única a ter sua identidade revelada publicamente, o americano Doron Blake, completou 20 anos.

Temática das séries:

Publicidade	X
Legislativo/Ético Normativo	
Clínico	
Étnicos e raciais	X
Interesses e serviços	X
Campanha	X
Família	

Leitura das séries:

As séries têm a presença de duas proposições enunciativas por meio de seus temas: eugenia (Étnicos raciais) e (Publicidade). O primeiro tema é reconstruído por estratégia documental que localiza o evento no passado, lembrando as idéias de eugenia que moveram a criação de um banco de esperma. O segundo tema é a recuperação do fato (Interesses e serviços) a partir das crianças, que supostamente carregariam a genialidade proveniente de material genético de figuras tidas como gênios.

Localizou-se uma série que aponta a divulgação quando foi posta atualização do assunto, de um dos sujeitos de enunciação envolvidos na questão, que estariam utilizando-se da posição para obter ganhos no processo de visibilidade pública. A mesma série transita entre os enunciados do passado, a partir da idéia de genialidade, ocorrido em um período mais remoto (no crescimento da criança) e a partir de 2001 na oportunidade em que um jornalista resolveu investigar a vida das crianças geradas com o sêmen depositados no Banco de sêmen.

As séries identificam relação dos enunciados com o conceito de eugenia, na década de 70, e apresenta proposições para questionar se há permanência de propósitos eugênicos nas tecnologias reprodutivas.

6.4 Leitura enunciativa das matérias de 2002

? **Texto 01: *Veja*, Ed.1.746, de 10 de abril de 2002**

Seção: Geral

Retranca: Genética

Título: A última de Antinori

Subtítulo: Jornal noticia que o médico italiano criou um clone e o implantou no útero de uma mulher

Leitura Enunciativa:

O enunciado origina-se de agência de notícia e da internet que teriam citado um jornal no Oriente Médio como veículo que reportou o anúncio feito por Antinori. Tipicamente especulativo, o texto é construído em cima de atualizações de fatos anteriormente veiculados pela própria revista.

O enunciador ancora-se no noticiário internacional para inserir o assunto do [médico que no ano passado provocou uma gritaria entre os cientistas do mundo inteiro ao anunciar que pretende clonar um ser humano]. Repercute o que saiu na imprensa internacional e na internet e como recurso de memória, o enunciador lembra entrevista publicada em *Veja*, 29 de agosto (não considerada em análise), em que Antinori promete para 2003 o nascimento do primeiro bebê clonado produzido em seus laboratórios. Trata-se de uma estratégia para lembrar ao leitor da revista em relação ao assunto.

O enunciador não se atém às descrições nem se refere ao caso da ovelha Dolly, como ocorria nas matérias do ano passado. Reporta-se ao posicionamento de especialistas que desconfiam da veracidade do noticiário sobre as pesquisas de Antinori. Como representação da verdade, utiliza a voz de um editor de revista científica para garantir que comunicações especializadas não podem ter credibilidade se divulgadas pela imprensa leiga.

Para garantir credibilidade, o enunciador destacou as vozes que apresentam críticas, inserindo a voz de Antinori somente a partir da metade do texto. É como se em

Veja a credibilidade de Antinori também tivesse caído. No entanto, o enunciador não deixou de remeter a sua memória noticiosa as principais qualificações do médico que anunciou a clonagem, apresentando o discurso direto e o indireto, buscando testemunhos para localizarem-no como neutro. Essa neutralidade é descontínua, e o enunciador interfere no enunciado validando-se de testemunhos de cientistas para que o co-enunciador se convença: [Os cientistas têm motivos de sobra para não confiar em Antinori. Suas pesquisas vêm sendo conduzidas na semiclandestinidade. O médico não revela o nome dos patrocinadores de sua empreitada, avaliada em mais de 300.000 dólares]

Ao se comportar como o enunciador citante: [O ginecologista italiano Severino Antinori, *o médico que no ano passado provocou gritaria entre os cientistas do mundo inteiro ao anunciar que pretende clonar um ser humano*, voltou a provocar confusão], o enunciador busca condicionar a interpretação e dá um certo direcionamento ao discurso porque traduz a fala do sujeito da enunciação.

Os argumentos apresentados ancoram-se em dois sentidos – o da publicidade dos atos de cientistas (unidades reveladas nas séries N1- Divulgação/interesses e serviços e N2- Científico/Normativo) que lançaram suas comunicações científicas na imprensa leiga, cujo interesse era obter notoriedade na divulgação de seus feitos. O outro sentido é orientado pelo posicionamento da comunidade científica, por meio de seus órgãos classistas manifestando-se contra o procedimento na divulgação de seus trabalhos.

O argumento é construído sobre a interpretação de que cientistas e especialistas não se convenceram das experiências da clonagem. Questiona a validade dos anúncios de médicos e pesquisadores na mídia sobre as experiências em clonagem humana e não mais apresenta dúvidas de que o experimento pudesse ser uma realidade possível.

Como comparação ao ano de 2001, em que a revista tomou como sua a apresentação dos anúncios dos médicos sobre a clonagem reprodutiva, esta reportagem mostra-se cautelosa quanto à divulgação de tais assuntos, levando à arena não mais um discurso construído como uma orientação editorial, mas como um discurso que remete ao que já foi divulgado por outros veículos de comunicação.

? **Texto 02: Veja, Ed.1.747, de 17 de abril de 2002**

Seção: Geral

Retranca: Família

Título: Os filhos do silêncio

Subtítulo: Casal de lésbicas recorre A fertilização in vitro para ter bebês surdos como elas

Leitura Enunciativa:

O enunciador recorre a uma sinestesia² para construir o título [Os filhos do silêncio], que é tomada de empréstimo do domínio lúdico e não possui exatidão suficiente para localizar o co-enunciador do tipo de enunciado. O recurso possui um valor que estabelece um contrato com o co-enunciador, cujo interesse primeiro é buscar a sua integração ao assunto. O subtítulo monta esse jogo, e apresenta objetivamente o enunciado: [Casal de lésbicas recorre à fertilização *in vitro* para ter bebês surdos como elas].

Só então, o *Ethos* é revelado - dando sinal de intolerância de ordem moral na enunciação. O texto desenvolve a idéia de que há uma ordem natural de vida e que um dos sujeitos do enunciado está propondo o rompimento com essa ordem. Desta forma o enunciador procura interferir na proposição. Durante todo o texto, há sinais de interferência do enunciador no próprio *ato enunciativo*, em características colocadas na *situação de enunciação* lingüística onde o ato coincide com o sujeito da frase:

- a) Ponto de vista do autor: [*“Em lugar de”* um neném de olhos claros ou superinteligente, elas procuraram gerar um filho surdo. *‘Na verdade’*, o segundo, pois já criam uma menina de 5 anos, Jehanne, surda de nascença. Como os bancos de sêmen se recusaram a colaborar com tal projeto, elas recorreram a um doador surdo. *“Aliás”*, o mesmo que ajudou a gerar Jehanne].

2. Figura de linguagem que consiste em atribuir a uma coisa qualidade que ela, na realidade, não pode ter senão figuradamente, pois o sentido porque é percebida pertence à outra área.

- b) Pelas conclusões de falas: [*“As mães ficaram encantadas”*. “Queremos que nossos filhos sejam como nós somos. Queremos que gostem das mesmas coisas que nós”, diz Sharon]. Na verdade, o enunciador utilizou-se de frases do sujeito da enunciação dando-lhes um estado de ânimo.
- c) Voz da ciência: O enunciador não interfere diretamente na voz do entrevistado (Garrafa), mas utiliza o verbo “*espanta-se*” no sentido de susto para qualificar a posição da fonte.
- d) Esquecimento de voz: [*A decisão de ter um filho deficiente auditivo foi tomada por razões surpreendentes*]. O enunciador busca com esta proposição um clímax, e o constrói como uma *documentação*, em vez de explicitar por meio de voz de uma fonte: [*Desde os anos 80, muitos surdos americanos desenvolveram o conceito de que a surdez não é uma deficiência médica, mas uma identidade cultural. Eles se vêem como uma tribo à parte, com linguagem própria (a de sinais), e manifestam abertamente sua preferência por filhos surdos, com os quais possam comunicar-se livremente*]. Ocorrendo talvez uma omissão proposital. Se a voz fosse colocada, a construção desejada mudaria de enfoque, e traria um ponto de vista que daria dramaticidade ao texto e conflito.

O início do texto apresenta um axioma³: [O desejo número 1 de toda mãe é ter um bebê saudável. Essa é, pode-se dizer, *a ordem natural da vida*]. Tal premissa é o recurso que busca sustentar o texto que se segue, de modo a sugerir que o [objetivo premeditado de produzir um bebê com uma deficiência congênita] é na verdade uma “eugenia em contrário”, como é qualificado pelo especialista buscado no texto:

“É uma eugenia ao contrário” (especialista). O discurso da fonte é posto na forma direta como estratégia para criar autenticidade, indicando que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas, marcando a fronteira que separa o enunciador do sujeito do enunciado. No entanto, o *verbo introdutório* colocado no final do discurso direto [*espanta-se Vonei Garrafa*] indica uma estratégia com objetivo de

3. Premissa imediatamente evidente que se admite como universalmente verdadeira sem exigência de demonstração.

dramatizar a cena e induzir a interpretação do co-enunciador: Essas singularidades muitas vezes não designam realmente um ato de fala.

? **Texto 03: Veja, Ed.1.747 de 17 de abril de 2002**

Seção: Geral

Retranca: Genética

Título: A ditadura do relógio biológico

Subtítulo: Um livro americano pinta um panorama sombrio para as mulheres que adiam o sonho de ter filhos

Box: Os bebês de Hollywood

Leitura Enunciativa:

Utilizando a metáfora tempo e gravidez, o enunciador conduz a narrativa por um jogo de proposições associativo entre a idade ideal da mulher engravidar e as conseqüências da gravidez tardia. Duas espécies de definição, uma denotativa pelo signo tempo e a outra a uma língua artificial ou metalingua, conotativa ou metafórica.

O enunciador constrói a enunciação utilizando o *discurso citado* [uma matéria de capa na revista Time] acerca do lançamento do livro *Creating a life: professional women and the Queste for Children* (Criando uma Vida: Mulheres Profissionais e a Busca por Crianças). Ainda na citação, o enunciador busca superdimensionar a importância do fato quando sentencia que o mesmo teria rendido notícia em importante revista semanal daquele país. Remete a outra interpretação midiática, cujo enunciado citado vem de uma dimensão entre maternidade e os processos produtivos, situando a mulher contemporânea dos EUA e dos grandes centros como parte de uma “legião de arrependidas”.

O assunto incorpora a descrição de índices estatísticos relativos a incidência do universo de mulheres, demarcada pela abordagem do livro. Enunciados que provavelmente partiram dos materiais de divulgação da editora que publicou o livro, por meio de release. O enunciado segue uma interpretação de que o fenômeno passa pela

decisão do governo dos Estados Unidos: [A gravidez tardia está se transformando numa questão de saúde pública].

A relação que dá corpo ao fenômeno tem como referência às mulheres de Hollywood, símbolos midiáticos; as chamadas “figuras olímpicas”, que, segundo a comparação também adiam a vontade de ter filhos em nome da busca do sucesso profissional, cuja proposição atém-se ao argumento de que em Hollywood a questão é mais estética: [batalha é muito mais inclemente. Lá, onde a juventude e formas perfeitas contam mais pontos do que em qualquer outro canto do planeta, é natural que quem tenha as duas coisas pense um bocado antes de coloca-las a serviço da maternidade].

O enunciador busca uma inferência no campo interpretativo do co-enunciador para que ele pense que, no mundo prático, essa condição tem peso menor se comparado às exigências das figuras de mídia. O enunciado não se baseia tanto no sentido médico científico, mas nas estratégias comandadas pelos serviços (divulgação de livro) e que, provavelmente, buscou cumplicidade do leitor por meio de apelo emocional (*Phatos*), já que se orienta pelo universo de mulheres que são vitimadas mais pela experiência social que pelo glamour de Hollywood.

? **Texto 04: Veja, Ed.1.752, de 22 de maio de 2002, por Paula Beatriz Neiva**

Seção: Geral

Retranca: Reprodução

Título: O tubo não é tudo de bom

Subtítulo: Bebês de provetas correm mais risco de nascer com complicações de saúde do que os gerados naturalmente

Leitura Enunciativa:

O título busca atrair o leitor com apelo ao cotidiano quando *capta* uma expressão do repertório da gíria, bastante usada no momento: “tudo de bom”. “Captar um texto significa imitá-lo, tomando a mesma direção que ele” (MAINGUENEAU, 2001, p.173). Por outro lado, identifica-se também no título [*o tubo não é tudo de bom*] o processo de

subvenção, por que o enunciador “imita” um texto ou gênero para desqualificá-lo. Nesse caso a estratégia adotada é a paródia à gíria citada anteriormente.

A narração, propriamente dita, procura construir-se sob uma objetividade, que remete a estudo publicado em revista científica. Estruturada na tradicional forma: onde, quando, o quê, como, o enunciador faz uso do *discurso relatado*, que, por alguns momentos, nada distingue as palavras do texto original das palavras do jornalista, uma vez que os fragmentos citados estão integrados sintaticamente ao discurso citante. Mas ainda no primeiro parágrafo, ao pontuar que [A pesquisa não representa uma condenação dos métodos de concepção artificial, mas deve servir de alerta] o *Ethos* do enunciador aparece, onde o leitor pode perceber que a proposição é do discurso citante e não citado.

O enunciador do discurso busca legitimar-se quando a estratégia discursiva que faz referência à revista científica *The New England Journal of Medicine*. A partir de então, passa a utilizar uma linguagem técnica reproduzida em números, percentuais e termos técnicos. Ao mesmo tempo, a linguagem adquire a característica de “vulgarização científica” quando o enunciador transpõe para o leitor uma decodificação, explicando em linguagem usual o discurso médico de modo explicativo: [A pesquisa não representa uma condenação dos métodos de concepção artificial, mas deve servir de alerta].

Após a exposição feita pelo enunciador (autor), ele utiliza a fala de um especialista, em discurso direto, para balizar a afirmação anterior. Estratégia para confirmar a enunciação, a exemplo do discurso direto do urologista Jorge Hallak, diretor da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana: “*Apesar dos progressos da medicina reprodutiva, é preciso avisar aos casais que recorrem a ela sobre os riscos embutidos nas terapias*”⁴.

A descrição da pesquisa, sobre o universo estudado, é seguida com uma contextualização histórica do início da técnica no Brasil, permeado por explicações didáticas sobre o modo como às técnicas são praticadas no interior do corpo, usando a descrição, na ordem de uma seqüência como uma receita a ser seguida, de modo a sistematizar o pensamento do leitor:

4. Citação do sujeito de enunciação

[No primeiro método, o organismo feminino é induzido a produzir mais óvulos que o normal. No segundo o médico injeta células sexuais masculinas dentro do útero. Em ambos, os espermatozoides têm de nadar até os óvulos e tentar penetra-los. Se uns e outros apresentarem incompatibilidade, a fecundação tende a não ocorrer, o que aumenta a garantia de que não se terá um filho com doença congênita].

? **Matéria 05: Veja, Ed.1.767 de 04 de setembro de 2002, por Daniel Hessel Teich**

Seção: Geral

Retranca: genética

Título: Onde estão os bebês gêmeos

Subtítulo: Filhos do banco de sêmen dos prêmios Nobel são jovens de inteligência normal

Leitura Enunciativa:

O enunciador retoma um fato do passado e o problematiza na atualidade. Por meio de um título em ironia [Onde estão os bebês gênios], sob uma construção interrogativa, mas sem o uso do ponto de interrogação, o enunciador não demora em dar a resposta do desenvolvimento da enunciação. A resposta à pergunta é apresentada logo no subtítulo: [filhos do banco de sêmen dos prêmios Nobel são jovens de inteligência normal]. No decorrer do enunciado, localiza o fato do passado e o engendra ao presente, como uma atualização, buscando uma continuidade do assunto. O recurso permitiu dar uma temporalidade atual: [Na semana passada, a segunda criança a nascer e a única a ter identidade revelada publicamente, o americano Doron Blake, completou 20 anos], introduzindo, assim, assunto para despertar a curiosidade do leitor. Utilizando um jogo de antecipação da resposta, como feito no título, o enunciador mantém essa fidelidade com o co-enunciador, se propondo a responder a indagação que estaria por vir: [A pergunta óbvia é se ele corresponde às expectativas de genialidade].

Pelo jogo da cooperação e imaginando o co-enunciador como um leitor modelo (um co-enunciador de competência lingüística e de competência enciclopédica), o enunciador atribui a aptidão de previsão da pergunta do leitor. Confiando nessa cooperação com o co-enunciador, o enunciador não se apóia em um outro sujeito

(polissemia) para lhe dar garantia de veracidade da narrativa, infiltrando-se no enunciado como autoridade para apresentar suas conclusões: [Se depender da comprovação de pendor para a ciência pura ou de realizações intelectuais precoces, a resposta é não...]. O enunciador apostou na *representação de um caráter*, cujo leitor teria lhe atribuído, e continua assumindo o enunciado por si mesmo até precisar apresentar provas de que tudo até então transmitido poderia ser comprovado.

O percurso do texto é feito mostrando um perfil mais detalhado do sujeito do enunciado, de seu comportamento e de outros que rodeiam a “fábula” (grifo nosso). Apresentando também a continuidade nos fatos: [Desde o início de 2001, o jornalista David Plotz, da *Slate*, revista americana na internet, localizou quinze dessas crianças, com idade entre 7 e 20 anos]. Questão que insere outros enunciados: o da publicidade envolvida e o conceito de eugenia, recuperado pela *documentação* sobre a criação do banco de sêmen, na época. Até aí sem se ancorar em enunciados médicos ou técnicos. Opção feita somente para atestar o argumento de que não há provas científicas: “Quanto a particularidades como inteligência ou dotes artísticos, ninguém sabe se são transmitidas ou não”, discurso direto de Vera Fehér, supervisora do Banco de Sêmen do Hospital Albert Einstein. Até o final do texto o *Ethos* do enunciado se mantém sob o mesmo traço característico acordado com o leitor desde o título, um *Ethos de fidelidade de caráter*.

O enunciado foi desenvolvido sob um argumento que se manteve sob duas temporalidades: a que resgata a história e suas motivações, no tempo presente do enunciado, lançadas com na mesma temporalidade entre enunciador e co-enunciador. Ele assume a responsabilidade na dramatização, partindo do pressuposto de que o co-enunciador o reconhecia no enunciado.

Capítulo VII

ANÁLISES E DEMONSTRAÇÕES

7.1 A Reprodução Assistida nos anos 2001 e 2002 e suas relações com os temas da Bioética

Embora este trabalho não tenha como preocupação o levantamento quantitativo, elegeu-se algumas representações sobre os temas de Reprodução Assistida que costumam refletir nos enunciados da revista em análise. Confrontando com proposições reflexivas da Bioética, buscou-se identificar os vários lugares de onde os enunciadores falam sobre as tecnologias reprodutivas, os modos de tratamento das informações científicas, bem como os atores convidados a dar seus testemunhos enquanto especialistas, além das retóricas e de outros fatores que fazem da revista um espaço onde diferentes discursos se articulam e constroem significados.

7.1.1 A Reprodução Assistida: identificação e persistência de temas

A Reprodução Assistida, por trazer em sua característica a utilização de tecnologias de ponta, por envolver instituições e serviços voltados para o desenvolvimento de pesquisas, produção de medicamentos, tecnologias e técnicas de intervenções, constitui-se como um tema de atualidade, que por si só já atende aos interesses noticiosos. Se por um lado a Reprodução Assistida responde como um fenômeno cultural, por outro desencadeia diversos efeitos dessa ordem e de outras que estão inseridas na ordem mercadológica. Como um fenômeno midiático, a Reprodução Assistida toma forma por meio dos discursos jornalísticos como também publicitário.

7.1.2 A família no contexto das técnicas de Reprodução Assistida

Os enunciados que se seguem são articulados entre as tecnologias reprodutivas e o desejo de maternidade, bem como a manutenção de comportamentos e padrões que se repetem nas sociedades, e que se perfilam com novos contornos a partir das possibilidades técnicas. A construção do discurso jornalístico não se restringe ao reportar de fatos e reprodução de declarações do mundo dos saberes de especialistas. Eles articulam sob seus modos de produção, diversos enunciados, seja de natureza científica seja das práticas cotidianas e do universo de observações da sociedade.

Se procriar e constituir família são aspectos muito valorizados na sociedade, os enunciados das mídias falam também que esse retrato de família “começa a estremecer”; apontam para a quebra de preconceitos legais e sociais; registram que existem os homossexuais que adotam e lésbicas que se submetem à inseminação artificial.

E lembram que eles (os homossexuais) também foram criados para viver a mesma experiência, embora tenham uma orientação sexual que os impeçam biologicamente de procriar. Nos enunciados que se seguem, a revista acompanha de diferentes lugares o desejo de ter família e de como concebê-la. Segundo os textos analisados, são várias as construções associadas à formação de uma família, dentre elas as que nutrem a valorização material, as impossibilidades físicas para procriar; as questões que sugerem o controle da vida das mulheres ou a grande crença das mesmas nos poderes da ciência. Os registros apontam que muitas mulheres entregam-se à experiência com seu corpo em busca da garantia de manter uma herança familiar ou financeira.

1. *[Faz algum tempo que o retrato da família formada por pai, mãe e filhos começou a estremecer. A queda dos preconceitos legais e sociais contra o divórcio já havia dado lugar à multiplicação de famílias recompostas, cujos filhos são enteados de um dos cônjuges. Porém, com o avanço da biogenética, a “pluriparentalidade” – neologismo utilizado pelos sociólogos para englobar o conjunto das famílias que não se enquadram no padrão tradicional – ganhou outro patamar.]* (Papai e mamãe de proveta, 2001 – artigo)

2. [*Existem os homossexuais (solteiros ou não) que adotam. E, por último, há as lésbicas que se submetem a inseminação artificial.* Ninguém se preocupou ainda em medir o tamanho do fenômeno no Brasil, o que é quase um clichê. É possível, no entanto, que ele esteja próximo do patamar americano. Nos Estados Unidos, estima-se que 22% dos homossexuais assumidos tenham a guarda de crianças. Nas cidades mais liberais, como Nova York e San Francisco, são conhecidos pelo apelido carinhoso de “pink parents” (pais cor-de-rosa).] (Meu pai é gay minha mãe é lésbica, 2001)
3. “Quando eu e Marcos completamos quatro anos vivendo juntos, veio a vontade de ter um filho. Montamos enxoval para adotar um bebê. Foi um susto para toda a família. Como poderíamos criar um filho sem uma mãe? *Mas eu fui criado para ter uma família: filhos, gato, cachorro, passarinho... Adotamos Débora com 5 meses.* Foi uma experiência tão feliz que, seis anos depois, adotamos Lara.” (Meu pai é gay minha mãe é lésbica, 2001)
4. [*Rose diz que se sente como quem ganhou na loteria.* Já fazia tempo que ela desejava um rebento. Há cerca de quatro anos, tentou engravidar de um namorado – e nada. Agora, exhibe um sorriso vitorioso.] (Gugu fez nenê, 2001)
5. [Desde que o mundo é mundo, a história é a mesma: homens e mulheres se conhecem, se casam e, mais cedo ou mais tarde, querem aumentar a família. As coisas não ocorrem necessariamente nessa ordem, mas ter filho é o caminho natural da espécie. Bem, para dois em cada dez casais o caminho não é tão natural assim. *Oito milhões de casais brasileiros simplesmente não conseguem ter filhos por métodos naturais. São infertéis por variadas razões.*] (Tudo por um filho, 2001).
6. [A autora de *Creating a Life...* sugere que as mulheres se empenhem ao máximo em suas carreiras, mas, atingido um determinado nível, *dêem um tempo na profissão e redirecionem sua vida para o plano pessoal.* “Depois elas podem voltar a investir sua energia no campo profissional”, propõe Sylvia.] (A ditadura do Relógio biológico, 2002)
7. [Antes de transplantá-lo para o útero da mãe, uma advogada de Manaus, de 44 anos, os médicos aguardam os resultados de cobaias animais submetidas ao mesmo procedimento. Por essa razão, esperam ansiosos pelo nascimento de 21 bezerros gerados por esse método. Seis vacas estão em um curral da escola de Veterinária da Universidade de São Paulo. *Há cinquenta mulheres numa lista de espera dispostas a correr o risco da experiência para ter o próprio filho.* “Apesar de o embrião ser comprovadamente sadio, é melhor esperar, porque nunca se sabe o que pode acontecer no ventre”, diz o urologista Roger Abdelmassih (...)] (Tudo por um filho, 2001).

7.1.3 A homossexualidade

Os enunciados identificados costumam dar vozes aos “socialmente excluídos” das tecnologias reprodutivas. Estão nessa categoria pessoas limitadas fisicamente de

reproduzir, seja pela idade reprodutiva como também os homossexuais. Os enunciados se entrecruzam entre as possibilidades técnicas para atender aos desejos de maternidade e pelo desejo de formação de família nuclear e as suas relações jurídicas e sociais provocadas por essas demandas.

1. [O desejo número 1 de toda mãe é ter um bebê saudável. Essa é, pode-se dizer, a ordem natural da vida. É isso que torna tão difícil entender que uma mãe recorra à fertilização artificial com o objetivo premeditado de produzir um bebê com uma deficiência congênita. Talvez se deva dizer “duas mães”, pois se trata de um casal de lésbicas americanas, Sharon Duchesneau e Candace McCullough, ambas surdas.] (Os filhos do silêncio, 2002)
2. [(Um caso recente é o da cantora americana *Melissa Etheridge* e a cineasta *Julie Cypher*. As duas já terminaram a relação e os dois filhos, concebidos por Julie com a ajuda do espermatozóide do roqueiro David Crosby, ficaram com a mãe, no sentido estrito da palavra.)] (Incesto de proveta, 2001).
3. [Francisco Ribeiro Eller, de 7 anos, filho da cantora *Cássia Eller*, lésbica assumidíssima, volta e meia chega com uma história chata.] (Meu pai é gay minha mãe é lésbica, 2001).

7.1.4 Herança familiar e herança financeira

Os enunciados apontam que as técnicas de reprodução assistida tornaram-se garantia da continuidade da herança tanto familiar quanto financeira. As vozes que circulam na imprensa apostam no fato de que da mesma forma, em que a engenharia genética pode permitir o rompimento da herança genética de uma dada família, pode, também, acrescentar o código genético alheio aos dos pais. Os textos apontam pessoas movidas pelo simples desejo de procriar como também movidas por promessas de genialidade de seus filhos e por possibilidade de ganhos financeiros.

1. [Em entrevista ao jornal *Le Parisien*, Jeanine disse que escolheu o irmão porque queria perpetuar a herança genética da família, já que Robert também não tinha filhos, e se defendeu: “Tenho a consciência tranquila. Não fiz nada de errado”.] (Incesto de proveta, 2001)
2. [Para corrigir problemas de infertilidade das mães, eles injetaram genes de doadores saudáveis. O resultado é que os bebês têm o código genético proveniente de três pessoas, não apenas da mãe e do pai] (Tudo por um filho, 2001)

7.1.5 Linhagem: Étnico e raciais

Como pode ser visto nos enunciados, a questão da eugenia mostra-se vinculada ao tema das tecnologias reprodutivas. Talvez pelo histórico que, em alguns momentos, relacionou a genética a idéias eugênicas, seja pela relação entre do momento de criação de bancos de sêmen a tais idéias ou ainda pelo desejo de pessoas que crêem na possibilidade da ciência tornar realidade à perpetuação da herança genética, de modo a selecionar e garantir determinadas características físicas, seja de sexo, raça ou por probabilidade de potencial intelectual em seus filhos.

Os enunciados a seguir apresentam essas relações, muito embora algumas proposições utilizem estratégias retóricas e eufemismos para disfarçar a ligação com idéias eugênicas. O tema é recorrente quando associado aos processos técnicos da Reprodução Assistida, mesmo que o desejo que se busque seja de características eugênicas contrárias ao que sempre se desejou:

1. [O desejo número 1 de toda mãe é ter um bebê saudável. Essa é, pode-se dizer, a ordem natural da vida. É isso que torna tão difícil entender que uma mãe recorra à fertilização artificial com o objetivo premeditado de produzir um bebê com uma deficiência congênita.] (...) [Em lugar de um neném de olhos claros ou superinteligente, elas procuraram gerar um filho surdo. Na verdade, o segundo, pois já criam uma menina de 5 anos, Jehanne, surda de nascença.] (Os filhos do silêncio, 2002)

2. [Um multimilionário americano causou alarido internacional no fim dos anos 70 com um projeto controverso: o de *criar uma legião de crianças superdotadas por meio de inseminação artificial* com o esperma doado por cientistas brilhantes, de preferência ganhadores do Prêmio Nobel. Até 1999, quando o banco de sêmen criado por ele fechou as portas, havia produzido 240 bebês. Na semana passada, a segunda criança a nascer e a única a ter sua identidade revelada publicamente, o americano Doron Blake, completou 20 anos.] (Onde estão os bebês gênios, 2002)

3. [Depois de ser pai de quatro garotos, o sonho do deputado federal Ricardo Rique era ter uma filha. Para satisfazer o marido, a atriz Kristhel Byancco, 38 anos, que nunca teve problema algum de fertilidade, submeteu-se à fertilização in vitro. *Seu objetivo era escolher o sexo do bebê*. Evangélica, ela vacilou na hora H. Estava preocupada com os embriões masculinos, pois descartá-los ia contra sua religião. Por sorte, dos cinco óvulos fecundados surgiram três embriões femininos, e a gravidez deu certo de primeira.] (Tudo por um filho, 2001)

4. [Afton, a mãe de Blake, acredita ter sido aceita por ter jurado que seu propósito era contribuir com a humanidade gerando um bebê gênio. Foi inseminada com o esperma de um professor universitário apaixonado por música clássica, de boa aparência e adepto da natação. Da ficha constava um pequeno defeito: hemorróidas. A pesquisa da Slate mostrou que, na realidade, as mulheres davam pouca atenção ao discurso eugenista. Eram atraídas pelas condições excepcionais de seleção dos doadores porque queriam bebês saudáveis – e não superdotados.] (onde estão os bebês gênios, 2002)

7.1.6 Possibilidade de iatrogenia

Os textos apontam também sobre os riscos do uso dessas tecnologias e das possíveis iatrogenias que podem representar na vida de mulheres ou de casais. Mostram os aspectos ligados ao fracasso na reprodução de modo natural e pelo enraizamento da RA no cotidiano das pessoas, aos arrependimentos das mulheres por terem deixado a maternidade em segundo plano, depois da carreira.

1. [Embora o grau de sucesso da reprodução assistida tenha melhorado espetacularmente, vale lembrar que apenas três em cada dez mulheres conseguiram engravidar na primeira tentativa. Toda nova tentativa exige injeções diárias de hormônios para provocar ovulação. O tratamento cobra do casal muito controle, dedicação e exames dolorosos. A cada nova menstruação, o mundo parece desabar] (Tudo por um filho, 2001)

2. [A rotina diária de injeções, comprimidos, mal-estar, dores e relações com hora marcada também costuma ter efeito devastador no estado de ânimo do casal. “Tenho feito ginástica, shiatsu, acupuntura, tudo para enfrentar a ansiedade entre o dia da transferência dos embriões e o resultado”, relata a executiva carioca Valéria Luchesi, 41 anos, que está partindo para a quarta tentativa com fertilização in vitro.] (Quanto mais tarde mais difícil, 2001).

Os discursos recolhem diversos momentos que associam o sofrimento de mulheres e homens que tentaram as técnicas de reprodução assistida e que se deparam com dificuldades e impossibilidades. Por meio de estratégia discursiva que investe em mostrar o “lado humano” pelo peso histórico da culpa, cujo preço é o sofrimento:

1. [Diferentemente das que nasceram inférteis, as mulheres que não conseguem engravidar por ter superado a idade reprodutiva ideal *carregam um peso adicional: a culpa*. “Apesar de, muitas vezes, a decisão ser do casal, é a mulher que se sente culpada por ter adiado tanto a gravidez”, constata a psicóloga Rose Marie Melamed, 44 anos, que teve as gêmeas Marina e Maria Clara] – (Quanto mais tarde mais difícil, 2001).

2. [A maioria passa tranqüilamente os anos férteis da mulher evitando a gravidez, na esperança de que, uma vez dispensado o método anticoncepcional, o bebê seja uma doce e garantida conseqüência. Engano. O que mais se vê no cotidiano das clínicas de reprodução assistida são mulheres na quarta ou quinta tentativa de fertilização, a ponto de desistir depois de meses e até *anos de frustrações*.] (Quanto mais tarde mais difícil, 2001)
3. [Assim, boa parte das mulheres que deixam a gravidez para mais tarde *enfrenta o drama* de já estar infértil. A solução clássica da medicina é recorrer a doadores.] (Tudo por um filho, 2001)
4. [*Mas agora percebem que o êxito profissional pode ter lhes custado caro demais*. Hoje na faixa dos 40 anos, não conseguem ter um bebê] (...) [Nove de cada dez americanas na faixa dos 20 anos acham que manterão sua capacidade reprodutiva praticamente intacta quando tiverem o dobro da idade atual] (...) [É um equívoco e tanto. O relógio biológico feminino anda a uma velocidade bem maior do que se imagina. A chance de uma mulher engravidar começa a diminuir quando ela tem apenas 27 anos. Aos 30, a cada relação sexual em período fértil, o índice de gravidez é de 18%. Aos 45, de 1%, no máximo] (A ditadura do relógio biológico, 2002)

7.1.7 Campanhas

O estímulo a campanhas está presente nas políticas públicas e nas estratégias de serviços privados que podem articular-se sob uma perspectiva de vender idéias, configurar comportamentos, orientar modos de vida ou demonstrar o real. Os enunciados apresentados nas campanhas que se sustentam nos assuntos que envolvem a RA.

? Estímulo à doação de sêmen

1. [Em busca de doadores, com o apoio da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, acaba de ser lançada a *campanha* “Doe sêmen e ajude a completar uma família”. Uma *peça publicitária*, a ser veiculada em revistas masculinas, mostra um bebê segurando a foto de uma peladona e pede “uma mãozinha”]. (Precisa-se de doadores)
2. [*Quando não há doadores disponíveis*, uma das maiores clínicas de reprodução assistida de São Paulo despacha uma paciente para os Estados Unidos. *Com tudo pago*, ela, além do sêmen para sua própria fertilização, traz amostras de esperma para outros quatro ou cinco casais. Se for parada na alfândega, a recomendação é que diga que se trata do “sêmen do meu marido morto”. Simples assim.] (Precisa-se de doadores)

? Alerta contra a gravidez tardia

1. [A Sociedade Americana para Medicina Reprodutiva *lançou em setembro uma campanha nacional para tentar reverter a tendência de adiar a gravidez*. As americanas, em benefício da carreira profissional, tornaram-se campeãs mundiais da gravidez em idade madura. Sob o lema “Proteja sua fertilidade”, anúncios na televisão, nos ônibus e metrô informam que a idade torna a gravidez arriscada e há pouco que os médicos possam fazer sem transtornar muito a vida da mulher.] (Quanto mais tarde mais difícil, 2002)
2. [A gravidez tardia está se transformando numa *questão de saúde pública* nos países desenvolvidos] (A ditadura do relógio biológico, 2002)
3. [O drama das mulheres bem-sucedidas no trabalho e frustradas na maternidade *é tema de um livro recém-lançado nos Estados Unidos – Creating a Life: Professional Women and the Quest for Children (Criando uma Vida: Mulheres Profissionais e a Busca por Crianças)*] (A ditadura do relógio biológico, 2002)
4. [Nos Estados Unidos, uma em cada cinco mulheres entre 40 e 44 anos não tem filho – o índice praticamente dobrou nos últimos vinte anos. *Campanhas estão sendo feitas para tentar reverter a tendência de adiar a chegada de um bebê*]. (A ditadura do Relógio biológico, 2002)

7.1.8 Poder e governabilidade: ético normativo e jurisprudência

Como apresentado por GUILHEM e PRADO (2001) de que houve um descompasso entre a difusão das técnicas de reprodução assistida no Brasil em detrimento de discussões paralelas acerca dos dilemas e da moralidade decorrente de sua aplicação, percebe-se que essa lacuna é refletida no discurso jornalístico estudado. São insuficientes as referências às normas e aos regulamentos que versam sobre a matéria. Poucas também são as referências ou critérios que dêem conta de uma preocupação da emergência na elaboração de normas éticas e de biosegurança que garantam proteção às pessoas.

Os instrumentos que existem localmente (normas legais, normas profissionais, regulamentos, legislação e juridicidade) são às vezes somente citados, ou utilizados de modo a comparar situações legais entre outros países. Em relação às políticas entre países, elas entram como destaque na revista quando são provenientes de anúncio das nações ou de organizações internacionais ou quando são proferidas por entidades que normatizam procedimentos profissionais nessas nações. Os registros também são

referenciados quando feitos por especialistas que estão na ordem do dia por sua competência e visibilidade, como pode ser visto nos enunciados a seguir:

1. [Numa primeira abordagem do tema, há duas semanas, o *Congresso americano* votou contra a clonagem humana em território americano. Bush anunciou que vai financiar pesquisas em que cientistas utilizem embriões que foram feitos pelos métodos atuais de fertilização artificial e não puderam ou não precisaram ser implantados] (A fábrica de Antinori, 2001)
2. [o *Parlamento inglês* apressou-se em proibir experiências similares e o *Congresso dos Estados Unidos* colocou na ordem do dia uma lei com esse mesmo objetivo] (O fiasco, 2001).
3. [Depois do anúncio, a *França e a Alemanha* pediram a *ONU* que inicie imediatamente um diálogo mundial para banir a clonagem de seres humanos.] (O próximo, 2001)
4. [Os doadores nacionais são obrigados a manter-se no anonimato e não ganham nada pelo sêmen. É o contrário do que ocorre nos Estados Unidos. Lá, é possível conferir as fotos dos rapazes altruístas nos sites dos principais bancos e os voluntários recebem até 140 dólares por doação]. (Precisa-se de doadores, 2001)
5. [O restante (embriões) é congelado para, quem sabe um dia, ser utilizado novamente pelo casal. Ocorre que a maioria desiste de ter filhos, e, para complicar, uma resolução do Conselho Federal de Medicina proíbe a destruição do material]. (Tudo por um filho, 2001).
6. [Nos Estados Unidos, estima-se que 22% dos homossexuais assumidos tenham a guarda de crianças], [Na Dinamarca, na Suécia e na Noruega, a lei já admite casais homossexuais, conferindo-lhes quase todos os direitos de que gozam os heterossexuais...] [No Brasil, apesar das pressões para que seja reconhecida a união civil entre pessoas do mesmo sexo, a lei não ampara gays e lésbicas que dividem o mesmo teto por amor. E muito menos lhes dá o direito de adotar ou registrar em conjunto uma criança.] (Meu pai é gay minha mãe é lésbica, 2001)
7. [Como a legislação francesa proíbe mulheres que já entraram na menopausa de recorrer à reprodução assistida, Jeanine procurou uma clínica nos Estados Unidos] (Incesto de proveta, 2001)
8. [Um mês depois de revelar seu projeto, Antinori foi expulso da Associação Internacional de Clínicas e Laboratórios Privados de Reprodução Artificial (Apart), entidade da qual chegou a ser vice-presidente. O motivo da expulsão foi “má conduta a respeito de clonagem para fins de reprodução”. A Associação Médica Italiana também está nos calcanhares de Antinori e ameaça revogar seu registro profissional caso ele não desista de seus planos]. (A última de Antinori, 2002)
9. “É a prova de que já é hora de termos leis internacionais que proíbam aventureiros como Antinori de fazer coisas que a sociedade vê com restrições”. (Richard Nicholson) (A última de Antinori, 2002)

10. [Como os *bancos de sêmen se recusaram* a colaborar com tal projeto, elas recorreram a um doador surdo.] (Os filhos do silêncio, 2002)

11. [Os cientistas têm motivos de sobra para não confiar em Antinori. Suas pesquisas vêm sendo conduzidas na *semiclandestinidade*] (A última de Antinori, 2002)

12. [O *problema ético* decorre do uso de técnicas de fertilização para assegurar o nascimento de uma criança deficiente.] (Os filhos do silêncio, 2002)

13. [Graham previu a possibilidade de um encontro futuro entre a criança e o pai biológico. *A clínica servia de intermediária na troca de correspondência entre o pai biológico e a família do bebê.* Toda a comunicação terminou quando Graham morreu (devido a uma queda no banheiro), em 1997. O doador que encontrou sua filha biológica, depois de estabelecer contato por meio da Slate, havia mantido correspondência com ela, com troca de presentes e fotos. Hoje ele tem 70 anos e a menina, 11. O doador é pai de outras sete meninas e onze meninos.] (Onde estão os bebês gênios, 2002)

7.2 Estratégias discursivas empregadas nos enunciados de Reprodução Assistida

7.2.1 Tecnologia como deusa

Uma das estratégias discursivas é enfatizar os enunciados que buscam reproduzir o real com base em dois parâmetros: o atual e o novo. As tecnologias reprodutivas nutrem os discursos de mídia por terem, em si, promessas de transformação. Em um desses casos esses discursos se nutrem pela observação da realidade e descrição daquilo que é apreensível à instituição jornalística. No outro caso, pela análise da realidade e pela sua avaliação possível dentro dos padrões que dão fisionomia à instituição jornalística.

Os textos apresentam uma constante renovação da questão dos processos que evocam o progresso, o avanço da técnica e da tecnologia nos corpos das pessoas. Essa ênfase pode ser percebida, principalmente, quando os discursos se reportam aqueles casos cuja configuração indica impossibilidades das pessoas. É corrente os discursos apresentarem a que a idade reprodutiva ideal tornou-se questão menor diante do poder das tecnologias reprodutivas.

1. [*Graças aos avanços da medicina reprodutiva*, a gravidez depois dos 40 não é um sonho impossível. Mas em boa parte das vezes só é realizável quando a paciente recebe óvulos doados por uma mulher mais jovem.] (A ditadura do relógio Biológico, 2002).
2. [*Praticamente toda mulher pode ser mãe* se estiver disposta a aceitar o óvulo de outra mulher, a adotar um embrião ou recorrer à barriga de aluguel.] (Tudo por um filho, 2001).
3. [*O número de mulheres que estão tendo filhos na idade em que suas avós já eram avós não pára de aumentar*. No final da década de 80, 30% das brasileiras tinham filhos após os 30 anos. Hoje, mais de 40% estão nessa situação...] (Quanto mais tarde mais difícil, 2001)
4. [O médico italiano Severino Antinori foi o primeiro a levar uma mulher de 63 anos a parir. Hoje com 70 anos, Rossana Della Corte ainda tem saúde e disposição para cuidar do pequeno Ricardo, de 7. *O Brasil já teve o caso de uma baiana de 62 anos* que deu à luz um menino com o óvulo de uma doadora fecundado pelo marido. A gestação nessa idade aumenta muito os riscos para a mulher e a criança, mas pode chegar a bom termo] (Incesto de proveta, 2001).

7.2.2 Regionalização/Brasil *versus* outros países

Como grande parte dos textos que versam sobre as tecnologias reprodutivas são originárias de outros países, remetidas mundialmente por agências de notícias, divulgadas na internet e distribuídas pelos diversos meios de comunicação, ao chegarem em seus destinos eles passar por um trabalho de colheita, seleção e adaptações, que vão desde ao estilo da casa aos interesses que podem despertar no leitor. Dentro da etapa de classificação e seleção dos veículos, há diversas orientações de produção, de acordo com o critério de atualidade, de conteúdo de interesse humano e aquelas que têm potencial de grande repercussão. Diante dessas características, e de outras não citadas, os conteúdos sofrem diversas adaptações. Dentre as matérias que versam sobre RA um dos mais comuns modos de adaptação é a contextualização regional dentre os enunciados já transmitidos internacionalmente.

Os fatos cuja característica já adquiriu uma leitura que indicaria maior repercussão, entram novamente por adaptações que aproximem o leitor local. Acontece também de os fatos tomarem uma nova redação a uma notícia já conhecida. Por aí diversas estratégias são utilizadas, como a “cozinha” dos fatos (descrever alterando sua disposição a fim de que surjam novidades), o “espichar” ou reduzir textos, desde que a matéria seja de propriedade comum entre jornais e agências e que não esteja protegida por *copyright*. Nos exemplos a seguir, os modos mais comuns, promovidos para

aproximar fatos já apresentados internacionalmente do universo dos leitores locais, configura-se por meio de comparações entre casos. Nesses exemplos, busca-se uma espécie de *ranking*, de quem ou qual país se destaca em maior ou menor grau de colocação.

1. [O *recorde mundial é de uma italiana*, que foi mãe aos 63 anos. Agora, à beira dos 70, seu filho tem 6 anos de idade. O *título brasileiro pertence a uma baiana de Salvador*, de 62, mãe de um garoto de 4. Ambas se tornaram mães com a ajuda de um óvulo doado.] (Tudo por um filho, 2001)
2. [Com idade entre 18 e 40 anos, os *doadores nacionais* são obrigados a manter-se no anonimato e não ganham nada pelo sêmen. É o *contrário do que ocorre nos Estados Unidos*. Lá, é possível conferir as fotos dos rapazes altruístas nos sites dos principais bancos e os voluntários recebem até 140 dólares por doação. Entre os americanos, a oferta é tão grande que até enseja o contrabando de espermatozóides para o exterior.] (Precisa-se de doadores, 2001)
3. [A inseminação artificial por meio de doação de esperma congelado foi a primeira tecnologia utilizada em grande escala para permitir que homens estéreis pudessem ter filhos. *Pode existir nos Estados Unidos* 1 milhão de crianças geradas por bancos de sêmen. *No Brasil*, estima-se que só 1% dos casais inférteis recorra ao método, atualmente um recurso menor dentro do arsenal de técnicas de reprodução artificial. Mesmo assim, a questão levantada pelo banco de sêmen dos prêmios Nobel continua pertinente: podemos melhorar nossos filhos?] (Onde estão os bebês gênios, 2002)

7.2.3 Casos insólitos

Os dispositivos de enunciação procuram destacar nos textos os aspectos insólitos, anedóticos e grotescos que envolvem as possibilidades da reprodução assistida. A cada evento pitoresco, os textos descortinam um arsenal de modos para lançá-los à arena pública, buscando contextualizá-lo em diferentes regiões. O tom do grotesco tece uma teia de comparativos.

A essência do jornalismo, como constatado por MELO (1994, p. 68), tem sido historicamente a informação, “compreendida como o relato dos fatos, sua apreciação, seu julgamento racional. E o espaço da autonomia jornalística é o da liberdade, concebida como possibilidade de convivência e de confronto permanente entre diferentes modos de aprender e de relatar o real.” O autor observa que a defasagem existente entre a realidade e o seu relato decorre do sentido que a instituição jornalística dá ao ordenamento das

mensagens que procuram representar a realidade observada. (1994, p. 69). A realidade observada apresenta o anedótico, o indescritível, o impensável:

1. [Em agosto de 2000, o esperma do irmão foi usado para fecundar o óvulo de uma doadora americana, Deborah, e gerou dois embriões. Um ficou com Jeanine, o outro foi implantado na própria doadora. No intervalo de uma semana, Jeanine deu à luz um menino, Benoît-David, e Deborah, uma menina, Marie-Cécile, levada em seguida para a França. Desde então, moram todos juntos, na casa da avó, uma senhora de 80 anos. Jeanine, com o menino que gerou na qualidade de “mãe de barriga”, biologicamente seu sobrinho, cronologicamente seu neto, de nacionalidade francesa. Robert, com a garotinha, filha de uma estranha, sobrinha da mãe de seu irmão gêmeo, americana por nascimento.] (Incesto de proveta, 2001)

2. [Seu grupo quer clonar um bebê de 10 meses que morreu durante uma cirurgia malsucedida no ano passado. Algumas células retiradas na operação e congeladas antes da morte darão aos cientistas o material genético necessário para o experimento] (A fábrica do doutor Antinori, 2001).

7.2.4 Relação Assimétrica: o discurso de mercado

? Publicidade e divulgação

A revista resgata, freqüentemente, textos que perpassam a questão da divulgação e da publicidade, principalmente na relação entre a divulgação do fato científico para a arena de sua popularização. Há de se ressaltar, no entanto, que a questão permeia outras séries, onde estão relacionadas diversas outras estratégias de divulgação que circundam as técnicas de reprodução assistida. Muitas dessas originadas por empresas ou pessoas físicas que dispõem de refinados serviços de relações públicas e assessorias de imprensa em constante articulação com os veículos de comunicação. Estão nessa malha, as corporações, empresas, laboratórios, grupos de pesquisas, linhas de financiamento e outras redes de produtos e serviços ligadas às biotecnologias. São situações que podem ser observadas facilmente nos discursos da revista, mas há outras menos visíveis, que requer um atento olhar e investigação específica.

Algumas dessas articulações, podem talvez explicar a freqüente presença dos “olimpianos” nos discursos da mídia como exemplos comparativos. Tais figuras são cidadãos e cidadãs que tem vínculo direto ou indireto com a indústria cultural contemporânea, que, no caso do estudo em particular, também passaram pelos mesmos

tratamentos. As estratégias de relações públicas e as empresas de assessoria de imprensa sabem o interesse que esse tipo de repertório causa no mundo das simbolizações midiáticas. A orientação de pauta, por exemplo, recorrendo aos “olímpianos” podem surgir das empresas de divulgação e serviços de natureza científica para a mídia. Alguns enunciados destacados a seguir indicam tais articulações, mas que não chegam a representar as diversas e refinadas estratégias lançadas pelos setores.

? Gente (personalidades)

1. [Se em todo o mundo desenvolvido mulheres adiam a vontade de ter filhos em nome da busca do sucesso profissional, *em Hollywood* – competitivo celeiro de estrelas e ambiente natural de bem-sucedidos – a batalha é muito mais inclemente.(...) Como nem as divas estão imunes ao risco de, um tanto quanto tarde, deparar com o humano desejo de embalar o próprio bebê, elas acabam recorrendo aos métodos do momento: enfrentam uma gravidez altamente tardia (...), como Geena Davis e Mimi Rogers, optam pela adoção, como Sharon Stone, ou se arriscam por caminhos mais ousados, como o cantor James Taylor – que, aos 54 anos, com mulher de 47, acaba de comemorar o primeiro aniversário de seus gêmeos, gestados em anônima barriga de aluguel. (A ditadura do relógio biológico, 2002).

2. [Na infância, ele viveu como o personagem principal do filme *O Show de Truman*. Cada passo seu era acompanhado pela imprensa e dividido com milhões de curiosos de todo o planeta. Blake estima que já tenha dado mais de 100 entrevistas. *Ele transformou o assédio dos jornalistas em meio de sobrevivência e cobra 1.500 dólares por entrevista*. O preço aumenta se incluir uma conversa com sua mãe, Afton Blake, uma psicóloga espalhafatosa que mora em Los Angeles.] (Onde estão os bebês gênios, 2002)

3. Foi ali que a *apresentadora Silvia Poppovic*, aos 44 anos, se submeteu ao tratamento que lhe permitiu engravidar da filha Ana. “Para cada sucesso como o de Silvia, dezenas de mulheres lutam muito para ficar grávidas. Quanto mais o tempo passa, mais difícil e complexo se torna o tratamento e mais incerto seu resultado”, diz Motta.

4. [É no consultório de Abdelmassih que o *casal Gugu e Miriam* tem acompanhado o desenvolvimento de Joãozinho] (Gugu fez neném)

5. [Candidatos a fazer cópias de si mesmos não faltam. O americano Randolfe Wicker, de 63 anos, presidente do Human Cloning Foundation, é o mais ardente deles]. (O próximo, 2001).

De acordo com MELO (1994, p. 69), as estratégias que perpassam as dimensões informativa e opinativa são atreladas a diversos ordenamentos internos, que também refletem as influências externas à instituição como as relações de produção das empresas. Elas existem e podem ser conflituosas, mas são praticadas. No âmbito interno

institucional, a seleção da informação a ser divulgada é o principal modo da empresa se

expressar, fato que as privilegia no sentido do poder de decidir desde a publicação de fatos quanto ao realce que pretende dar, seja obscurecendo seja omitindo fatos ou personagens.

A freqüente articulação entre os interesses científicos e interesses comerciais estão, muitas vezes, em situações limítrofes. Muitas vezes confundidas propositadamente em função de diversos interesses, que ao passar para os modos jornalísticos são arrematados para atender às demandas do tratar jornalístico como fim de obter credibilidade e, ao mesmo tempo, aos interesses de fontes.

7.2.5 Aspectos econômicos envolvidos na Reprodução Assistida

A revista faz uma estruturação que implica em estratificação social nos enunciados da reprodução assistida, seja de quem a utiliza seja de quem a promove. Baseada principalmente em testemunhos de quem utiliza as técnicas, há uma espécie de padronização social. Além do aspecto biológico, há uma espécie de mapeamento das condições sociais desses usuários, onde o econômico é evidenciado:

1. [Sim, dinheiro também é um fator. Um tratamento em clínicas particulares sai bem caro. Cada tentativa pode custar quase o preço de um carro popular – entre 6 e 12.000 reais. Até conseguir um bebê, um casal alcança facilmente a cifra de 30.000 reais. Uma clínica chega a oferecer pacotes: pagam-se 15.000 reais por três tentativas. Já existem sete hospitais públicos no país – em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Campinas e Ribeirão Preto – que oferecem o serviço de graça. Mas, com exceção do Hospital Pérola Byington, de São Paulo, é o próprio paciente quem paga pelo medicamento, que pode custar entre 500 e 3.000 reais. As filas são um obstáculo: mais de 300 pessoas esperam pelo atendimento em cada unidade. A maioria não desanima, disposta a tudo por um filho.] (Tudo por um filho, 2001).
2. [afirma a comerciante paulistana Kazue Kamara, 42 anos, grávida de seis meses, que, em quatro anos, gastou mais de 100.000 reais fazendo três inseminações e oito fertilizações.] (Quanto mais tarde mais difícil, 2002)
3. [Se tudo ocorrer como previsto, *o herdeiro dos 100 milhões de reais do apresentador Gugu Liberato* já tem data para nascer: 11 de dezembro. Seu nome será João Augusto Di Matteo Liberato e sua mãe, a médica paulista Rose Miriam Di Matteo.] (Gugu fez nenê, 2001)
4. [Em Vitória, no Espírito Santo, uma contadora de 40 anos está entrando na nona semana de uma gestação produzida por uma técnica novíssima, a do congelamento de óvulos. Ela tinha

tomado o *cuidado de congelar seus óvulos há três anos*, após receber o diagnóstico de menopausa precoce.] (Tudo por um filho, 2001)

5. [Jeanine e Robert, ela professora, ele funcionário público, são os únicos *herdeiros de uma respeitável fortuna de 3 milhões de dólares*, amealhada no ramo de imóveis pela mãe, Marie.] (Incesto de profeta, 2001)

6. [O médico não revela o nome dos patrocinadores de sua empreitada, avaliada em mais de 300.000 dólares. Diz apenas que são investidores árabes e asiáticos. Antinori também se recusa a dizer quem são os vinte pesquisadores de diferentes nacionalidades que trabalham no projeto e mantém segredo sobre as clínicas envolvidas no processo. A exceção é Panayiotis Zavos, médico americano que tem um centro de pesquisa em reprodução artificial no Estado do Kentucky, Estados Unidos. Zavos é o único parceiro de Antinori que aceitou aparecer publicamente.] (A última de Antinori, 2002)

7. [Essa curiosa interpretação da surdez surgiu na única universidade para deficientes auditivos, a Gallaudet, localizada em Washington. Como não vêem a surdez como uma deficiência, não acham que trouxeram uma criança doente ao mundo. Sharon e Candace consideram-se na mesma condição de pais que recorrem à seleção de embriões para ter uma menina. Ou um casal de negros que deseja um filho também negro.] (Os filhos do silêncio, 2002)

7.3 Conjunto de tradições: a tradução dos enunciados científicos

Os textos que se seguem procuram demonstrar as relações entre duas estratégias de enunciação: a enunciação jornalística, cuja característica se constitui no trabalho simbólico de anunciabilidade dos fatos e a enunciação de suas respectivas fontes, no caso aquelas que se reportam à pesquisa médico-científica sobre RA. Ocupou-se aqui em analisar como se traduzem, em termos de discursos e em termos de produção jornalística, mostrando os supostos jogos contratuais da revista com o receptor, o contrato com as falas, entre enunciações das fontes e da própria revista, enunciação de ações que são desenvolvidas no contexto da atividade científica. Essas diversas estratégias podem ser demonstradas em torno dos seguintes blocos:

7.3.1 Credencial da fonte e as reiteraões como lembranças das credenciais de especialistas

Para Maingueneau, o discurso relatado constitui *uma enunciação sobre a outra enunciação*, pondo em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação

citada objeto da enunciação citante (2001, p.139). Essa é uma das formas mais usadas no discurso de jornalismo científico, mas que também podem passar por outras funções. Os exemplos a seguir apresentam o fenômeno, nos quais se combinam diversas fontes enunciativas que habitam o discurso científico.

Nos exemplos 1, 2, 3, 4 e 5 o discurso relatado é atribuído aos representantes de uma classe, de entidades e de feitos, em que o enunciador busca enfatizar mais os seus méritos que a própria citação. Tais citações prevalecem neste estudo. Ainda no exemplo 5, o enunciador busca criar autenticidade na proposição, indicando que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas. Tem ainda uma função de harmonizar-se com a posição combativa da autoridade, de modo a demonstrar que a revista compartilha com a mesma preocupação. Nos exemplos 6 e 7, o enunciador marca com um verbo, depois do discurso citado, uma fronteira para satisfazer a exigência do leitor, e da própria proposição. “Uma das singularidades destes verbos introdutórios, é que muitos deles não designam realmente um ato de fala” (MAINGUENEAU, 2001, p. 144).

1. [diz o urologista Roger Abdelmassih, pai científico de 2.500 bebês de proveta *e recordista da reprodução assistida no Brasil.*] (Quanto mais tarde mais difícil, 2001)
2. [afirma Ian Wilmut, criador da ovelha Dolly.] (O fiasco do clone, 2001)
3. [disse James Watson, biólogo que ganhou o Prêmio Nobel, junto com Francis Crick, pela descoberta da forma da molécula da vida, o DNA, feito que deu impulso à pesquisa genética.] (O próximo, 2001)
4. [disse Harry Griffin, diretor do Instituto Roslin, onde em 1996 foi clonada pioneiramente a ovelha Dolly, que nasceu sem pai e é uma cópia perfeita de um animal adulto.] (A fábrica do Doutor Antinori, 2001).
5. “Apesar dos progressos da medicina reprodutiva, é preciso avisar os casais que recorrem a ela sobre os riscos embutidos nas terapias”, diz o urologista Jorge Hallak, diretor de andrologia da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana. Por incrível que pareça, na maioria dos casos os especialistas não fazem isso. (O tubo não é tudo de bom, 2002)
6. “É uma eugenia ao contrário”, *espanta-se* Volnei Garrafa, professor de bioética da Universidade de Brasília. “Em vez de darem vantagens competitivas a seus filhos, elas escolheram que a criança tivesse uma doença. É um egoísmo absurdo.” (Os filhos do silêncio, 2002)

7. “O fato de essa informação ter saído pelo serviço de notícias e não por uma revista científica nos dá a dimensão de como esse senhor procura promoção publicitária”, *avalia* Jones. (A última de Antinori, 2002)

7.3.2 Referência institucional

Pelo fato de as atividades de reprodução assistida se concentrarem no setor de medicina privada, as referências mais constantes reportadas no discurso midiático são provenientes de entidades que representam o setor, seja especialistas consagrados por seus centros de pesquisas e que mantêm eficiente estratégia de divulgação de suas atividades, seja por especialistas vinculados a universidades que participam do debate público que envolve a questão.

Freqüentemente esses mesmos especialistas são chamados para a arena de debate na mídia, que pouco tem diversificado a repercussão de outras autoridades. Alguns desses especialistas tornaram-se emblemáticos quando o assunto é reprodução assistida, seja acomodando opiniões seja levando tensões entre os saberes pela desautorização de determinado profissional. Personalidades da área médica estão cada vez mais envolvidos na arena midiática. Nesta arena situam-se posições éticas, morais e científicas distintas, mas que quase sempre traduzem unanimidade de opiniões. Dentre esses enunciados há freqüentes referências ao clero como oposição aos feitos científicos.

1. [A *Sociedade Americana para Medicina Reprodutiva* lançou em setembro uma campanha nacional para tentar reverter a tendência de adiar a gravidez.] (Quanto mais tarde mais difícil, 2002).
2. [Edson Borges, presidente da *Sociedade Brasileira de Reprodução Assistida*, concorda que é dos médicos a responsabilidade primeira de avisar a mulher, muito claramente, sobre as dificuldades de uma gravidez adiada.] (Quanto mais tarde mais difícil, 2002)
3. [No *Criolab*, o segundo maior banco brasileiro, o número de candidatos deveria ser duas vezes maior.] (Precisa-se de doadores, 2001)
4. [Um estudo do *Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos*, o prestigiado CDC, mostra que, ao completar 42 anos, uma mulher tem menos de 10% de possibilidade de engravidar com seus próprios óvulos. Graças aos avanços da medicina reprodutiva, a gravidez depois dos 40 não é um sonho impossível] (A ditadura do relógio biológico, 2002)

5. [Um estudo publicado recentemente *na revista científica The New England Journal of Medicine* revela que crianças concebidas em laboratório pelas técnicas mais modernas de reprodução assistida têm mais do que o dobro de probabilidade de nascer com alguma complicação de saúde do que os bebês concebidos naturalmente] (O tubo não é tudo de bom, 2002)

? Igreja e seitas

1. [diz o médico, *que já se comparou a Galileu Galilei*, o astrônomo perseguido pela Igreja Católica no século XVII] (A última de Antinori, 2002)

2. [Um desses grupos é um certo Clonaid, clínica de pesquisa com sede nas Bahamas e que tem ligação com uma *seita exótica*, os raelianos. O Clonaid é formado por cerca de 20000 pessoas que acreditam na clonagem como o objetivo transcendente da raça humana.] (A fábrica de Antinori, 2001)

3. [Do ponto de vista da Igreja, o debate tem muito pouco a ver com as dificuldades científicas do processo de clonagem. Ele é uma *variante de um dogma* que remonta a Santo Agostinho, no século V, segundo o qual a vida humana começa no momento da concepção. (...) Na prática, a Igreja Católica repele, *com mais veemência* que o judaísmo e as denominações protestantes, todas as formas de manipulação genética em seres humanos.] (A fábrica de Antinori, 2001).

4. [A Igreja também atacou, tachando as experiências de nazistas. Segundo o Vaticano, o médico italiano tenta reviver desumanas experiências de homogeneização da raça feitas pelos alemães durante a II Guerra Mundial.] (O próximo, 2001)

5. [Para produzir um único feto potencialmente capaz de se desenvolver seria necessário sacrificar quase uma centena de embriões monstruosos.] (Sonho quase impossível).

6. [Gerada dessa forma não é fruto de incesto, pois Jeanine entrou apenas com o útero, não com o material genético] (Incesto de proveta, 2001)

7. [O Vaticano condenou] (O fiasco, 2002)

8. [O samaritano encontra-se em processo artesanal de coleta de esperma]. (Precisa-se de doadores, 2001)

7.3.3 Discursos que procuram ser didáticos e explicativos por comparações com outras simbologias

Devido à dificuldade de enunciação dos vários métodos e técnicas que envolvem a Reprodução Assistida e pelo fato desses elementos não serem facilmente demonstráveis para um público leigo, os enunciados jornalísticos buscam referenciais

nos mais diversos âmbitos. As palavras e suas virtualidade assumem tais funções. Pode-se perceber, com frequência, proposições que buscam por empréstimo o nome próprio de produto ou de técnica com a função de facilitar a compreensão. Os enunciados também fazem uso de denominações para ressaltar novidade, assumem posto como “técnica inédita”, “o mais novo recurso”. Também é comum, reportarem-se a mais de uma das técnicas de reprodução assistida ou aos resultados e aplicações. A estratégia utilizada para informar sobre cada uma dessas técnicas é a comparação entre cada uma delas e seus efeitos. Geralmente, as técnicas mais recentes são destacadas como melhores que as anteriores.

No exemplo 7, os discursos buscam demonstrar que as novas modalidades técnicas, supostamente, respondem melhor que os anteriores. As siglas em uso designadas pelas primeiras letras de um grupo de palavras (injeção intracitoplasmática de espermatozóide) e (fertilização *in vitro*), sem o uso dos pontos, estão inseridas no discurso científico de modo que os usuários e leitores não precisem relacioná-las ao grupo de palavras original por elas abreviadas, mas que as compreendam como designações de eficiência tecnológica. A própria expressão “bebê de profeta” carrega dois termos de forte carga semântica e que funciona de modo a fazer trabalhar o imaginário. Atende a um raciocínio que pode ser feito sob diversos aspectos, incluindo o de valor moral.

No exemplo 1, o enunciador utilizou as palavras “ruim” e “bom” de modo a *designar o próprio signo lingüístico*, com o seu significante e o seu significado, e não a um outro que pudesse ser contestado, o que Maingueneau (2001, p. 158) denomina como autonímico. No exemplo anterior e no 2, 3 e 4, o enunciador utiliza os adjetivos para facilitar a informação para o leitor, já que utilizando os termos técnicos, a mensagem poderia não passar o efeito desejado.

1. [Os especialistas acreditam que a troca de 10% a 15% do citoplasma “ruim” pelo “bom” é capaz de devolver vitalidade ao óvulo mais fraco.] (Tudo por um filho)
2. [*Picotar uma célula*, retirar seu núcleo, manipular o DNA, inserir nele *genes alienígenas* ou duplicar embriões artificialmente são procedimentos que já fazem parte do cotidiano de qualquer bom laboratório de genética. A receita para fazer outra Dolly também é teoricamente conhecida: esvazia-se o conteúdo genético de um óvulo, introduz-se o DNA retirado de uma célula comum e fundem-se os dois, gerando um embrião. Depois, implanta-se a *nova cria* no útero de uma mãe de aluguel. Dito assim parece simples. Mas é infinitamente complexo] (sonho quase impossível)

3. [Ao contrário do homem, que produz espermatozóides durante quase toda a vida, a mulher nasce com uma quantidade limitada de folículos, que podem transformar-se em óvulos. *Com o tempo, o estoque se esgota.*] (Quanto mais tarde mais difícil)

4. [Utilizando-se da mesma técnica que resultou no nascimento de Dolly, o primeiro animal clonado, a equipe de pesquisadores inseriu uma célula comum *num óvulo esvaziado de seu conteúdo genético. Estimulada com um banho químico*, a célula começou a se dividir até atingir um aglomerado de seis células, quando então morreu.] (O próximo, 2001)
5. [*O processo de clonagem é quase uma loteria. Zavos e Antinori terão de obter cerca de 2.000 óvulos para tentar engravidar as 200 mulheres que se apresentaram como voluntárias para gestá-los. Desse grupo (...). As demais (...). Das trinta (...). Ao nascer, cinco (...). Apenas três serão saudáveis, a ponto de passarem no berçário por bebês concebidos normalmente.*] (O fiasco do clone, 2001).
6. [*A primeira etapa consiste em arrancar seu núcleo genético natural – produzindo-se assim o equivalente a um ovo sem gema, apenas com a clara e a casca. Em seguida, os cientistas vão coletar células de adultos que querem se clonar. O núcleo genético das células humanas carrega todas as instruções necessárias para produzir a cópia fiel de um ser humano. No laboratório, uma pequena descarga elétrica faz o núcleo da célula da pessoa a ser clonada se fundir com a célula oca. Quando o procedimento dá certo, imediatamente a célula construída artificialmente começa a se reproduzir e gera um pré-embrião, chamado blastocisto. Esse pré-embrião é, então, transferido para o útero de uma das voluntárias onde vai passar pelo processo de gestação.*] (A fábrica do doutor Antinori, 2001).
7. [Os bebês estudados foram gerados pela fertilização in vitro, a FIV, e pela técnica conhecida por ICSI. Esses são os métodos mais modernos e eficientes da medicina reprodutiva. *Utilizada no Brasil desde 1984 a FIV junta, (...) Desenvolvida em 1990 e considerada a grande revolução da concepção assistida, a ICSI consiste em injetar o espermatozóide diretamente no óvulo. As taxas de sucesso das duas técnicas chegam a ser 50% superiores às dos métodos tradicionais. Elas, no entanto, se destinam a casos específicos de infertilidade (...)*] (O tubo não é tudo de bom, 2002)
8. [Além de fornecer alimento e condições de desenvolvimento, o *ambiente uterino funciona como antídoto* para as aberrações que a genética pode produzir] (Tudo por um filho, 2001)
9. [Técnicas como a transferência de citoplasma e o amadurecimento de espermatídes estão entre *as mais avançadas existentes*] (Tudo por um filho, 2001)

7.3.4 Aquelas que fazem alusão ao papel da informação científica

Nos enunciados presentes houve uma constante alusão ao papel da divulgação das informações científicas, que em segundo plano aludem também ao lugar institucional dos veículos de alcance de massa na emissão de informações especializadas. Proferidos pelos atores envolvidos nos discursos sobre reprodução

assistida, esses enunciados tomaram visibilidade pela própria referência jornalística. Esses enunciados indicam a validade do discurso autorizado e, ao mesmo tempo, em que desautoriza o anúncio especializado pelas regras do discurso jornalístico se utiliza dele para anunciar as tensões.

1. [Um estudo publicado recentemente na revista científica *The New England Journal of Medicine* revela que crianças concebidas em laboratório pelas técnicas mais modernas de reprodução assistida têm mais do que o dobro de probabilidade de nascer com alguma complicação de saúde do que os bebês concebidos naturalmente.] (O tubo não é tudo de bom, 2002 – Fonte: The New England Journal of Medicine)
2. [Na última semana, um jornal do Oriente Médio publicou a notícia de que suas pesquisas estão caminhando e que um embrião clonado já teria até sido implantado em uma mulher, que estaria na oitava semana de gravidez. Citando o próprio Antinori como fonte, a reportagem afirma que o médico fez o anúncio ao responder a uma pergunta durante uma reunião sobre ética e genética realizada em Abu Dabi, nos Emirados Árabes Unidos. A história do jornal *Gulf News* sobre Antinori foi reproduzida por diversas agências noticiosas e pela internet. A clínica do médico em Roma não confirmou nem desmentiu a notícia. Em entrevista a *Veja*, em agosto, Antinori prometeu para 2003 o nascimento do primeiro bebê clonado produzido em seus laboratórios.] (A última de Antinori, 2002)
3. “É a prova de que já é hora de termos leis internacionais que proibam aventureiros como Antinori de fazer coisas que a sociedade vê com restrições”, disse Richard Nicholson, editor do Boletim de Ética Médica britânico. “Ele não está nem um pouco interessado no bem-estar das crianças que vão nascer. Só lhe interessa sua notoriedade.” (A última de Antinori, 2002)

7.4 Discussão

A pesquisa identificou na revista *Veja* as seções: Geral, Capa, Artes e espetáculos, Colunas e Maternidade, como lugares legítimos para tratar de assuntos de Reprodução Assistida, evidenciando a utilização de estratégias que dispõem um discurso multifacetado, em que permite a leitura de partes isoladas sem necessariamente esgotar o todo. Por outro lado, como estratégia de legitimação do enunciado específico, a revista utiliza-se de retrancas, uma ordenação por subseções como campo de eventos principais para abordar enunciados de Genética, Especial, Medicina, Ética, Televisão, Ponto de Vista, Família, Perfil, Reprodução.

Acredita-se que, por ser uma revista para um público abrangente, as diferentes seções e retrancas decorrem também da variação de seu modo de consumo. Pelo fato de sua periodicidade ser semanal, a duração de seu *encadeamento* obedece a critérios que se modificam a partir de sua competência genérica. Ou seja, se um assunto foi tratado durante a semana como um fato de natureza científica, a periodicidade do veículo transforma o discurso anterior por outra ordem de leitura (MAINGUENEAU, 2001, p. 67). A partir dessa primeira leitura, o texto é transformado de acordo com a leitura que pretende o veículo – por meio da repercussão do fato.

A *validade* dos assuntos relativos a reprodução assistida foi freqüentemente referenciada como mutante em decorrência dos avanços da Medicina e da Biologia, para justificar a validade periódica da revista. Ou seja, justificando que da mesma forma como os assuntos científicos podem ser alterados, a revista se exime da responsabilidade acerca da validade da informação veiculada.

A dimensão midiológica dos enunciados interfere no texto a partir de seu *suporte material*. A partir da difusão científica até a sua disseminação em outro tipo de suporte material, seu gênero discursivo também é modificado. Ao partir da hipótese de que os enunciados jornalísticos funcionam como instrumentos de representações, onde a realidade é uma referência em seus modos de construção, os discursos de *Veja* sobre Reprodução Assistida mostraram que além de esta ser um fenômeno de ordem biológica perpassa por uma problemática cultural e discursiva.

A análise aponta que o jornalismo científico, antes de se reportar somente pela neutralidade da ciência, tem capacidade de construir conceitos e referências, muitas delas já incorporados no cotidiano das pessoas. Por meio de suas estratégias, o jornalismo apresenta alguns processos que identificam a realidade do dia-a-dia. E é nesse dia-a-dia que se fala tanto em Reprodução Assistida e por ocupar um espaço de mediação e de produção, a mídia costuma ser uma das primeiras instituições citadas. Suas dimensões reportam às tensões entre os poderes, aos saberes, à política, se ocupando também como um campo onde esses saberes e poderes se estruturam para tornarem-se visíveis e por onde a sociedade também se articula discursivamente.

Ao se reportar a Reprodução Assistida, a mídia além de tornar visível os diferentes saberes médicos também trabalha com um discurso próprio para facilitar o entendimento de enunciados científicos, que muitas vezes, pode configurar-se os modos de espetacularização, embora o interesse aqui não tenha sido conhecer ou apontar essa questão. Tratou-se de apresentar como alguns temas, do saber Bioético, recebem um tratamento e é produzido discursivamente.

Dentre as estratégias retóricas verificadas nas matérias analisadas, identificaram-se algumas notações que se caracterizam pela busca da identificação ou da empatia com o leitor. São personagens, os quais Nilson LAGE (1987, p. 49) denominou de “Olimpianos”, que seriam os “habitantes do Olimpo da cultura de massa -, desde Pelé até o Papa”, podendo ser universais, nacionais ou até regionais. Para o autor, o sistema de comunicação de massa montado no Ocidente como estrutura de *marketing* de produtos e serviços utiliza amplamente a identificação em suas promoções. O autor dar como exemplo a construção de mitos como o da juventude, que se caracteriza como uma atualização do processo retórico, que explicaria o culto dos heróis.

7.4.1 Os silêncios subjacentes aos textos

Os textos analisados enfocam uma gama variada de tópicos considerados importantes no contexto das práticas relacionadas à RHA. Pode-se perceber, no entanto que determinados aspectos que deveriam ser mais amplamente discutidos, são focalizados sob uma perspectiva socialmente aceita restringindo o debate sobre os mesmos ou, até mesmo, silenciando-o.

No que se refere, por exemplo, às questões que permeiam o lugar social historicamente designado às mulheres, permanece a visão de que sua principal função estaria direcionada para o exercício da maternidade. Esta surge como a completude do sentido das vivências femininas, daí a manutenção de sua estreita relação em busca do sonho de ter filhos, valendo qualquer sacrifício para concretizá-lo. Esse discurso, portanto, perpetua as moralidades instituídas que, sob a aparência da mudança, reforça o lugar social tradicionalmente estabelecido para as mulheres: no cuidado com a família.

Encontram-se implícitos nesses textos os valores ideológicos de que a mulher só seria capaz de alcançar sua completude se atendido o “sonho da maternidade”. Sonho

que se transformou em objeto de atenção e que passa a ser proporcionado através da utilização de tecnologias reprodutivas. Os discursos veiculados apresentam mecanismos que se configuram a partir de várias estratégias da instituição jornalística e que podem funcionar como táticas de direcionamento ideológico. Estas podem materializar-se por meio da filtragem, da omissão, da projeção ou redução no processo de emissão dos conteúdos divulgados.

Os textos recorrem a discursos autorizados, por um lado pelas vozes de especialistas e, por outro, pela fala de mães e casais que optaram pelo uso das tecnologias reprodutivas. Funcionam como acordos sociais que se adequam às estratégias discursivas da revista. Cala-se, portanto, o discurso feminista, o discurso antropológico, o discurso político. Há uma espécie de “esquecimento” sobre o papel que deveriam exercer as políticas públicas na questão do acesso às tecnologias reprodutivas para todas as mulheres. Omissão sentida especialmente de vozes provenientes dos diferentes atores e setores envolvidos, privilegiando-se as estruturas de poder que buscam a proteção de seus próprios interesses. Além disso, o sofrimento e as angústias das mulheres, ou do casal, antes, durante e após o processo, são desconsideradas frente à técnica, uma vez que colocaria em xeque a autoridade da ciência.

Percebe-se, ainda, que o discurso veiculado pela imprensa é altamente permeável a outros tipos de discurso, principalmente àqueles circunscritos nas representações ideológicas estabelecidas pelo percurso histórico, social e cultural das mulheres na sociedade brasileira. Estes, por sua vez, se constituem a partir da identificação dos valores, dos acordos ideológicos, dos lugares sociais e das crenças que permeiam o imaginário das pessoas no que se relaciona a essa questão.

Esses elementos participam do jogo das estratégias discursivas que acomodam, nas páginas da revista, o lugar do desejo das mulheres e o lugar das tecnologias. Geralmente mostrados por recursos textuais comparativos entre: mulher e natureza, aceitação ou transgressão da mulher a essa ordem natural, eficácia e eficiência da ciência e sua possibilidade de alterar a natureza. Os textos enunciam, assim, a maternidade e as tecnologias reprodutivas como um discurso já dito e na medida em que não está na origem, apresenta-se como um suporte que parece manter as vozes autorizadas para falar de reprodução e de tecnologia.

Considerações finais

Os enunciados sobre a Reprodução Assistida se somam a um conjunto de séries discursivas que remetem a outros enunciados pré-existentes, comportando em si regras e relações. A partir do problema aqui identificado, de que o discurso do jornalismo científico utiliza-se de estratégias discursivas, a análise dos textos sobre Reprodução Assistida na revista *Veja*, nas edições dos anos 2001 e 2002, indicam que essas estratégias sofrem interferências de textos científicos, mas mantêm uma relativa autonomia dos mesmos, como também são construídos a partir de vestígios de outros textos pré-existentes. A circularidade e relações entre enunciados que remetem aos aspectos: étnicos raciais, famílias, médico-clínico, éticos-normativos, interesses e serviços e campanha, observada por meio das séries discursivas, indicam os vestígios de outros textos pré-existentes. As estratégias discursivas estão concentradas em diversos mecanismos que buscam legitimar os textos jornalísticos enquanto pertencentes ao campo científico.

Ao situar na primeira parte do trabalho a conceituação e a origem da Bioética e ao caracterizá-la como um *saber*, buscou-se encontrar a sua articulação com uma ciência – a ética – que, por sua vez, organiza-se não apenas como um campo científico neutro. Ela ocupa-se de ideologias e sujeições para existir. Essa relação, porém, não ocorre aleatoriamente é algo que a própria ciência requer para se formar. Buscou-se a confrontação de idéias justamente para descobrir que os enunciados estabelecidos em determinado momento podem estar relacionados a outras séries de questões para se fazerem valer. Essa confrontação e análise foram importantes, de modo a não aceitar *a priori* os discursos como estanques e historicamente fixados.

As relações verificadas se configuram no campo enunciativo da Bioética e da Reprodução Assistida, delineada primeiramente por um *campo de presença*, tal como definido por Foucault (2002, p. 64-65). Considera-se nessa perfilação que os enunciados

presentes no *saber* já foram formulados e elaborados nas abordagens da Teoria Ética e que são retomados no discurso bioético, a exemplo do Princípioalismo, a título de verdade admitida, como um raciocínio fundado e como um pressuposto necessário para se aplicar mediante a resolução de conflitos, não só no plano empírico como nas práticas de saúde e na vida das pessoas. Ao mesmo tempo dessas aplicações, os pressupostos do Princípioalismo passaram a ser criticados, discutidos, julgados e até rejeitados, tendo em vista a interpretação de que eles não se aplicam a todos os casos. Constata-se que o campo de presença da Bioética do novo milênio não obedece as mesmas formas, nem aos mesmos critérios de escolha, nem à mesma ordem de princípios da época da Bioética dos anos 70. Como observado por Engelhardt, a sociedade atual configura-se por um pluralismo moral cuja característica não comporta a visão linear de aplicação de princípios da ética secular.

Nesse mesmo campo enunciativo foi possível descrever as novas tecnologias reprodutivas como pertencentes a um *campo de concomitância* e ao mesmo tempo distinto do campo de presença se comparado aos enunciados presentes no período em que os discursos de RA à época do estabelecimento dos princípios, eram sensivelmente diferentes de hoje. Embora os enunciados das TRA pertencessem aos estudos da época, valendo-se como campo de aplicação na teoria Princípioalista, os enunciados de hoje opõe-se aos discursos daquela época. Embora a problemática ética seja semelhante, as possibilidades das tecnologias trouxeram novas condições para o refletir e o agir da Bioética. A acentuação de problemas de ordem ética requer a formatações de novas proposições e normas legais para a resolução de conflitos no campo das pesquisas de RA, como de outros conflitos no campo da saúde.

Finalmente, o campo enunciativo da Bioética, e, por conseguinte, da RA é compreendido por um *domínio de memória*, já que abriga discursos que não são mais admitidos, que não definem mais um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas mantém laços de filiação, a exemplo do pensamento secular da ética antropocêntrica. Este, hoje, vem sendo questionado, transformado e até mesmo não admitido. O campo de memória da Bioética dos anos 70 comporta, com significativa expressão, pressupostos que não são aceitos em muitas situações.

Essas relações apresentadas estão manifestas nos discursos que se fazem presentes no campo das apropriações sociais, onde estão a difusão e a disseminação científica. Esses discursos possuem o seu domínio de validade, porém passam por transformações, seja para atender a interesses da ciência enquanto produtora e divulgadora do conhecimento, como por interesses de ordem produtiva de grupos, pesquisas e interesses pessoais. A problemática se estende para os discursos de mídia, onde se fazem presentes as tensões dos grupos ligados à ciência e os próprios condições de produção da mídia. Embora se admita que há mudanças na ordem do discurso desenvolvidas nas revistas semanais, elas são peculiares às articulações que cercam o campo do jornalismo científico.

O resultado apresentado pelas análises dos textos aponta que os enunciados jornalísticos não são autônomos por si mesmos, mas vinculam-se às normas do discurso científico, buscando adequar-se às formas que caracterizam neutralidade e objetividade, mediante suas opções de linguagem.

As principais estratégias discursivas empregadas no discurso de *Veja* (2001 e 2002) sobre Reprodução Assistida apresentam-se por meios retóricos, que se baseiam no *Ethos*, fundamentando-se na credibilidade do enunciador. Para isso, o enunciador busca testemunhos autorizados vinculados a entidades e pessoas do meio científico como médicos e especialistas em Reprodução Assistida, ligados ao setor privado da medicina e também a universidades. São autoridades da ciência que representam entidades nacionais e internacionais, havendo pouca diversificação dessas vozes científicas.

Essas estratégias se baseiam também no *Phatos*, utilizando-se retóricas textuais que buscam apelo à emoção. Para isso, os discursos recorrem a uma série de assuntos socialmente aceitos como representações do conceito de maternidade, de família, de problemas de ordem fisiológica entre outros, utilizando-se de figuras de linguagem que inferem a ciência capaz de resolver uma gama de questões ligadas aos problemas de reprodução. Os enunciados buscam dar voz a mulheres e casais que se submetem às técnicas de reprodução assistida, lançando mão de testemunhos sociais. Esses discursos são articulados por meio de uma lógica persuasiva – *Logos* – que percorre eventos científicos ligados ao progresso das técnicas de reprodução assistida, que já estão

ligados à memória social de modo a indicar a novidade científica e seus efeitos quase ilimitados no que se refere à resolução das questões ligadas à reprodução e ao nascimento. Essas estratégias discursivas se apóiam em diversos mecanismos textuais que buscam a garantia da autenticidade dos textos jornalísticos.

E se são contestadas as estratégias discursivas e definição das regras desenvolvidas no jornalismo científico é que, em sua gênese, elas requerem alterações. No entanto, sua forma de desenvolvimento obedece a uma lógica tal qual a ciência é formulada – pelo caráter de descrição da verdade, baseada na lei da informatividade, repercutindo não somente a partir de suas ressignificações, mas dando clarividência aos diversos discursos e enunciados que estão presentes em sua formação. Estas, assim como na história das idéias, foram formuladas a partir de uma lógica, relações ou teorias para responder a critérios de verdade de modo a inquirir aceitação.

As considerações desta dissertação sugerem que sejam abertas áreas de investigações da Bioética, em que os discursos de mídia entrem para as reflexões, tendo em vista que o jornalismo situa-se como local onde os saberes exercem seus poderes e onde a sociedade pode se manifestar. Sendo assim, esse campo pode ser visto como instância mediadora entre a ciência e a sociedade, de modo a oferecer condições para que as questões sejam levadas a um fórum de discussão mais ampla, envolvendo a sociedade.

Referências bibliográficas

- ABDELMASSIH, R. *Aspectos gerais da Reprodução Assistida*. Bioética: revista do Conselho Federal de Medicina, v.09, n. 02. 2001, Brasília. p. 15-24.
- BAKHTIN, M. (Volosinov). *O discurso de outrem*. In: _____. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 144-154.
- BAKHTIN, M. (Volosinov). *Tema e significação na língua*. In: _____. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 128-136.
- BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, D. L.P. *Comunicação, manipulação, interação: Estratégias o discurso*.
- ABRALIN-54^a Reunião Anual da SBPC. São Paulo: 2001. <http://www.lettras.ufrj.br/abralin/Sbpc/conf4.htm>. Atualizado em 22 de junho de 2002.
- BARROS, D. L.P. *Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso*. In: FARACO, C. A ;TEZZA, C.; CASTRO, G. (org.). *Diálogos com Bakhtin* Curitiba: UFPR, 2001.
- BEECHER, H. K. *Ethics and clinical research*. The New England Journal of Medicine, v. 274, n. 24, p. 1354-1360, June, 1996.
- BELTRÃO, L. *A imprensa Informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário*. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise de discurso*. 7. ed. Campinas: Unicamp, 1998.
- COELHO, L. *Clonagem humana*. 12 e 13 de Nov/2001. Brasília. Texto distribuído durante o Seminário Internacional Clonagem Humana: Questões Jurídicas. Coordenado pelo Centro de Estudos Judiciários.

- CORNU, D. *Ética da Informação*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Universidade do Sagrado Coração. 1998.
- CORREA, M.C.D.V. *As novas tecnologias reprodutivas: uma revolução a ser assimilada*. *Physis: Saúde Coletiva*, v. 7, n.1, p. 69-97, Rio de Janeiro: 1997.
- CORREA, M.C.D.V. *Ética e reprodução assistida: a medicalização do desejo de filhos*. *Bioética e ética médica revista do Conselho Federal de Medicina. Revista de Bioética e Ética Médica, Conselho Federal de Medicina. Brasília. v. 9, n.2, p.71 – 82.*
- CORRÊA, M. C. D. V. *Novas tecnologias reprodutivas: limites da biologia ou biologia sem limites?*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- COSTA, F. J. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- COSTA, S. I.; DINIZ, D. *Bioética: ensaios*. Brasília: Letras Livres, 2001.
- DINIZ, D.; GUILHEM, D. *O que é Bioética*. São Paulo: Brasiliense, coleção Primeiros Passos, 2002.
- ECO, H. *Cinco escritos morais*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- EMANUEL, Ezekiel J. *The begining of the end of the principlism*. In: *Hastings Center Reports*, v. 25, n. 4, July-August, 1995, p. 37-38.
- ENGELHARDT, T. H. Jr. *A Bioética como substantivo plural*. In: _____ . *Fundamentos da Bioética*, São Paulo: Loyola, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. de Tradução Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.
- FAUSTO NETO, A. *Mídia impressa: estudo sobre a Aids*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- FAUSTO NETO, A. *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da Comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Ipiranga: Loyola, 2001.

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault. Entrevista concedida a Sérgio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior. In: ROUANET, S. P.; Merquior, J. G.; ESCOBAR, C. H.; LECOURT, D. O homem e o discurso: arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. p. 17-42.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1982.

GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani, Eni Pulcinelli Orlandi, Jonas de A Romualdo et al. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

GARRAFA, V. *Apresentando a Bioética*. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares. UnB.

GARRAFA, V. e BERLINGUER, G. *O mercado Humano*. Brasília: UnB, 2001.

GARRAFA, V. *Introdução à Bioética*. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares. UnB.

GERALDES, E. *As fomes do Brasil: análise das estruturas discursivas na cobertura jornalísticas do Programa Fome Zero*. Comunicação e Espaço Público, Brasília, v. 4, n. 1 e 2, Jan.Dez. 2003. p. 150 – 159.

GOMES, P. G. *Comunicação Social: filosofia, ética, política*. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

GUARESCHI, P. A. et alii. *Os construtores da informação: meios de comunicação ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUILHEM, D.; PRADO, M. *Bioética, legislação e tecnologias reprodutivas*. Bioética: revista do Conselho Federal de Medicina, Brasília, v. 9, n ° 2. p.113-126. 2001.

JONAS, H. *El Principio de Responsabilidad: ensayo de una ética para la civilización tecnológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1995.

JONAS, H. *Ética, medicina e técnica*. Tradução de António Fernando Cascais. Lisboa: Vega Passagens, 1994.

JONSEN, A.R. *The birth of bioethics*. Hastings Center Reports, v. 23, n. 6, Special Supplement, p. S1-S4, Nov./Dec., 1993.

KAPLAN, L. J.; TONG, R. In. *Controlling Our Reproductive Destiny: a technological and philosophical perspective*. First edition, England: Massachusetts Institute of Technology, 1996. p. 187 –289.

KOTTOW, M. *Bioética Del comienzo de la vida? Cuántas veces comienza la vida humana?*. Bioética: revista do Conselho Federal de Medicina, Brasília, v. 9. n.2. p. 25 – 42, 2001.

KUNCZIK, M. *Ética da responsabilidade versus ética dos valores absolutos dos jornalistas*. In. *Conceitos de Jornalismo norte e sul*. Tradução de Rafael Varela Jr. São Paulo: Edusp, 1997. p. 40 - 49.

LAGE, N. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1987.

LEACH, J. Análise retórica. In: *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*, BAUER, M. W.; GASKELL, G. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes. 2002. p. 293 - 318

LOLAS, F. *Bioethics: moral dialogue in the sciences of life*. Tradução de Joseph Strain. Santiago: Editorial Universitaria, 1999.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Sousa Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MATTELART, A. e MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Ipiranga: Loyola, 1999.

MELO, de M. J. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis. Vozes, 1994.

MOURA, O. D. *Do campo científico ao jornalismo científico: o discurso sobre o valor da floresta amazônica*. Brasília, 2001. 184 f. (Doutorado em Ciência da Informação) - UNB.

NATIONAL COMMISSION FOR THE PROTECTION OF HUMAN SUBJECTS OF BIOMEDICAL AND BEHAVIORAL RESEARCH. (USA). The Belmont report : ethical principles and guidelines for the protection of the human subjects of research. In: REICH, Warren Thomas (Org.). Encyclopedia of bioethics. New York : Mac Millan, 1995. p. 2767-2773.

OLIVEIRA, F; GALVÃO, J.;GREHALGH, L.; RIOS, L.F.; PAZELLO, M.; CITELI, M.T.; CORREA, S. *Olhar sobre a mídia*. Comissão de Cidadania e Reprodução, Belo Horizonte: Mazza, 2002.

OLIVEIRA, F. *As novas tecnologias reprodutivas conceptivas a serviço da materilização de desejos sexistas, racistas e eugênicos?*. Revista de Bioética e Ética Médica, Conselho Federal de Medicina. Brasília. v.9, n.2, 2001. p. 99 – 112.

PESSINE, L. *Um tributo à Potter no nascedouro da Bioética*. Revista de Bioética e Ética Médica, Conselho Federal de Medicina. Brasília. v.9, n.2, p 149-153, 2001.

PINTO, M. J. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker, 1999.

POTTER, Van Rensselaer. *Bioethics, a bridge to the future*. New Jersey: Prentice-Hall, 1971. 205 p.

PRADO, M. M. *Panorama da Bioética no Brasil: um estudo sobre a reflexão bioética desenvolvida no País*. Brasília, 2002. 203 f. Dissertação, (Mestrado em Bioética) Faculdade de Ciências da Saúde. UNB.

SAMPAIO. M. A. *Enfermagem, Mídia e Bioética*. Brasília,2002, ?f. Dissertação, (Mestrado em Bioética) Faculdade de Ciências da Saúde. UNB.

SCHLUCHTER, W. *Neutralidade de valor e a ética da responsabilidade*. In: COELHO, M. F. P. BANDEIRA, L. MENEZES M. L. de (org.). *Política, ciência e cultura em Max Weber*. Brasília: UnB, 2000. p. 55.

SCHOLZE, C. H. S. *Patentes, transgênicos e clonagem*. Brasília: UnB, 2002.

SIQUEIRA, J. E. de. *Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio da responsabilidade de Hans Jonas*. Londrina: UEL, 1998.

SONTAG, S. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRANSFERETTI, J. *Ética do Meio Ambiente*. In: _____ . Filosofia, ética e mídia. Campinas: Alínea, 2001. p. 31 - 44.

TRIGUEIRO, G. S. M. *O cientista e o político nas biotecnologias*. In: PINHEIRO, M. F. P.; BANDEIRA, L.; MENEZES M. L. de (org.). Política, ciência e cultura em Max Weber. Brasília: UnB, 2000.

ZAMBONI, L. M. S. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, Fapesp, 2001.

ANEXOS

Anexo I – Textos selecionados

Ano 2001						
Qtd.	Edições	Data e ano	Seção	Retranca	Título	Subtítulo
01	1686	07/02/2001	Geral	Genética	Sonho (quase) impossível	As promessas de médicos que se dizem capazes de clonar um ser humano são apenas propaganda enganosa
02	1699	09/05/2001	Capa	Especial	Tudo por um filho	Com a ajuda de casais dispostos a se arriscar, a ciência está vencendo a infertilidade
03	1700	16/05/2001	Cartas		Infertilidade	Cartas
04	1705	20/06/2001	Geral	Medicina	Precisa-se de reprodutores	Atenção, homens de 18 a 40 anos: os bancos de sêmen brasileiros estão à procura de doadores
05	1706	27/06/2001	Cartas		Bancos de sêmen	
06	1706	27/06/2001	Geral	Ética	Incesto de proveta	Francesa de 62 anos tem um filho gerado com óvulo doado por americana e sêmen do irmão
07	1707	04/07/2001	Artes e espetáculos	Televisão	Gugu fez nenê	Joãozinho nascerá em dezembro, para herdar os milhões do apresentador. A mãe se chama Rose Miriam
08	1707	04/07/2001	Colunas	Ponto de vista	Papai e mamãe de proveta	O progresso da biogenética e os procedimentos da reprodução assistida suscitam reações mescladas de fascinação e de pânico

09	1708	11/07/2001	Cartas		Luiz Felipe de Alencastro	
10	1708	17/07/2001	Geral	Família	Meu pai é gay. Minha mãe é lésbica	Ganha corpo um novo tipo de família: a composta de homossexuais assumidos, que são pais por adoção, inseminação e até mesmo pelo método biológico tradicional
11	1709	18/07/2001	Geral	Perfil	Foi Roger que fez	De bebê em bebê, o “doutor Vida” segue faturando - e irritando
12	1710	25/07/2001	Cartas		Gays e lésbicas	
13	1713	15/08/2001	Geral	Genética	O próximo!	Grupo de pesquisadores rejeita alertas, menospreza riscos e afirma que iniciará em novembro uma experiência com 200 mulheres para produzir o primeiro clone humano
14	1714	22/08/2001	Cartas			Clonagem humana
15	1715	29/08/2001	Entrevista	Severino Antinori	“Eu não sou Hitler”	Médico que pretende clonar seres humanos diz que a clonagem se tornará uma prática corriqueira e segura
16	1725	7/11/2001	Maternidade		Quanto mais tarde mais difícil	Muitas mulheres adiam a gravidez por excesso de confiança na medicina. Mas engravidar depois dos 40 exige sacrifícios
17	1729	05/12/2001	Geral	Genética	O fiasco do clone	Anúncio do primeiro embrião humano criado por clonagem não tem valor científico
Total	17					

Ano 2002						
Qtd.	Edições	Data e ano	Seção	Retranca	Título	Subtítulo
01	1734	16/01/2002	Geral	Saúde	A célula que pode salvar a sua vida	Estrutura existente no embrião é a nova promessa da medicina para o tratamento de doenças degenerativas
02	1746	10/04/2002	Geral	Genética	A última de Antinori	Jornal noticia que o médico italiano criou um clone e o implantou no útero de uma mulher
03	1747	17/04/2002	Geral	Família	os filhos do silêncio	Casal de lésbicas recorrem à fertilização <i>in vitro</i> para ter bebês surdos como elas
04	1745	03/04/2002	Artes e Espetáculos		O país de Jade	As novelas não repercutem mais como antes. Mudaram as novelas ou mudou o Brasil?
05	1747	17/04/2002	Geral	Genética	A ditadura do relógico biológico	Um livro americano pinta um panorama sombrio para as mulheres que adiam o sonho de ter filhos
06	1748	24/04/2002	Geral	Genética	Zoológico artificial	A população de animais clonados continua crescendo e os cientistas tentam até reviver bichos extintos
07	1750	08/05/2002	Geral	Saúde	A dieta dos espermatozoides	Você é um homem que não consegue ter filhos? Talvez haja uma solução

08	1751	15/05/2002	Geral	Perfil	A mãe do clone	Há uma questão na TV: a novela de Glória Perez faz sucesso porque é ruim ou é ruim porque faz sucesso? Nem aí com o debate, a autora diz que apenas mostra a vida do jeito que ela é. Inshalá, inshalá...
09	1752	22/05/2002	Geral	Reprodução	O tubo não é tudo de bom	Bebês de proveta correm mais risco de nascer com complicações de saúde do que os gerados naturalmente
10		26/05/2002	Carta ao leitor	Editorial	A medicina na prática	
11	1761	24/06/2001	Artes e Espetáculos	Livro	O Dr. Morte da filosofia	Esse é um dos apelidos do australiano Peter Singer, que levou a ética para o terreno do chocante
12	1765	21/08/2002	Veja Mulher	Saúde Guia	Inseminação artificial	Ed. Especial
13	1767	04/09/2002	Geral	Genética	Onde estão os bebês gênios	Filhos do banco de sêmen dos prêmios Nobel são jovens de inteligência normal
Total	13					

Anexo II – Textos analisados

Ano 2001						
Qtd.	Edições	Data e ano	Seção	Retranca	Título	Subtítulo
01	1686	07/02/2001	Geral	Genética	Sonho (quase) impossível	As promessas de médicos que se dizem capazes de clonar um ser humano são apenas propaganda enganosa
02	1699	09/05/2001	Capa	Especial	Tudo por um filho	Com a ajuda de casais dispostos a se arriscar, a ciência está vencendo a infertilidade
03	1705	20/06/2001	Geral	Medicina	Precisa-se de reprodutores	Atenção, homens de 18 a 40 anos: os bancos de sêmen brasileiros estão à procura de doadores
04	1706	27/06/2001	Geral	Ética	Incesto de proveta	Francesa de 62 anos tem um filho gerado com óvulo doado por americana e sêmen do irmão
05	1707	04/07/2001	Artes e espetáculos	Televisão	Gugu fez nenê	Joãozinho nascerá em dezembro, para herdar os milhões do apresentador. A mãe se chama Rose Miriam
06	1707	04/07/2001	Colunas	Ponto de vista	Papai e mamãe de proveta	O progresso da biogenética e os procedimentos da reprodução assistida suscitam reações mescladas de fascinação e de pânico

07	1708	11/07/2001	Geral	Família	Meu pai é gay. Minha mãe é lésbica	Ganha corpo um novo tipo de família: a composta de homossexuais assumidos, que são pais por adoção, inseminação e até mesmo pelo método biológico tradicional
08	1713	15/08/2001	Geral	Genética	O próximo!	Grupo de pesquisadores rejeita alertas, menospreza riscos e afirma que iniciará em novembro uma experiência com 200 mulheres para produzir o primeiro clone humano
09	1725	07/11/2001	Maternidade		Quanto mais tarde mais difícil	Muitas mulheres adiam a gravidez por excesso de confiança na medicina. Mas engravidar depois dos 40 exige sacrifícios
10	1729	05/12/2001	Geral	Genética	O fiasco do clone	Anúncio do primeiro embrião humano criado por clonagem não tem valor científico
Análise	10					

Ano 2002						
Qtd.	Edições	Data e ano	Seção	Retranca	Título	Subtítulo
01	1746	10/04/2002	Geral	Genética	A última de Antinori	Jornal noticia que o médico italiano criou um clone e o implantou no útero de uma mulher
02	1747	17/04/2002	Geral	Família	Os filhos do silêncio	Casal de lésbicas recorrem à fertilização <i>in vitro</i> para ter bebês surdos como elas
03	1747	17/04/2002	Geral	Genética	A ditadura do relógio biológico	Um livro americano pinta um panorama sombrio para as mulheres que adiam o sonho de ter filhos
04	1752	22/05/2002	Geral	Reprodução	O tubo não é tudo de bom	Bebês de proveta correm mais risco de nascer com complicações de saúde do que os gerados naturalmente
05	1767	04/09/2002	Geral	Genética	Onde estão os bebês gênios	Filhos do banco de sêmen dos prêmios Nobel são jovens de inteligência normal
Análise	05					

